

*CARLOS CESAR SILVEIRA*

**A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DOS APÓSTOLOS PAULO E PEDRO  
EM TEXTOS BÍBLICOS**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade de Franca, como exigência  
parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Flávia  
Figueiredo

FRANCA  
2013

*CARLOS CESAR SILVEIRA*

**A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DOS APÓSTOLOS PAULO E PEDRO  
EM TEXTOS BÍBLICOS**

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Flávia Figueiredo  
Instituição: Universidade de Franca

Titular 1: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues  
Instituição: Campus São João da boa vista

Titular 2: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Naiá Sadi Câmara  
Instituição: Universidade de Franca

Franca, 9 de março 2013.

## **DEDICO**

À minha família, parte fundamental na minha caminhada, à minha grande amiga Rosana Freitas Pedroso pela participação na reta final deste trabalho, à minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Flávia Figueiredo, pelas longas horas de orientação e dedicação, e à minha professora no curso de graduação, Dr<sup>ª</sup>. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues, cujo incentivo me fez dar início ao sonho de realizar este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelas muitas bênçãos que tem derramado em minha vida.

A minha família, principalmente nas pessoas de meus pais, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis do curso.

Aquela que tem me acompanhado nesta batalha, minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Flávia Figueiredo, pela atenção e ensino.

Aos professores do Programa de Mestrado em Linguística da UNIFRAN, pelo empenho em compartilhar seus conhecimentos.

A minha professora no curso de Letras, Luciana Marqueto, pelo incentivo na busca deste sonho.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste estudo.

*Os limites da minha linguagem denotam os limites  
de meu mundo.*

Wittgenstein

SILVEIRA, Carlos Cesar. **A constituição ética dos apóstolos Paulo e Pedro em textos bíblicos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise dos *ethos* dos apóstolos Paulo e Pedro manifestados em textos bíblicos. O *corpus* de análise é constituído pela II epístola de Paulo aos Coríntios e pela I epístola de Pedro aos judeus. O objetivo do estudo é identificar e comparar, por meio de uma análise qualitativo-quantitativa, os *ethos* de dois dos mais importantes líderes do cristianismo, os apóstolos Paulo e Pedro. O arcabouço teórico utilizado neste trabalho compreende a constituição do *ethos* a partir dos estudos retóricos alicerçados nas concepções de Aristóteles (1964), Meyer (2007), Charaudeau (2011), Reboul (2004), Amossy (2005), e Tringali (1988). Os resultados da análise evidenciaram a manifestação dos argumentos éticos e patéticos por parte dos apóstolos Paulo e Pedro, respectivamente. Paulo, dado seu alto grau de instrução, fazia uso constante dos argumentos éticos; além disso, procurava persuadir seu auditório por meio da arte retórica e do raciocínio. Pedro, que não gozava da mesma capacidade intelectual de Paulo, buscava persuadir seu auditório por meio dos argumentos patéticos, ou seja, valia-se da emoção e da afetividade. A análise também demonstrou que os argumentos éticos utilizados por Paulo o levaram a manifestar os *ethos* de conhecimento, credibilidade, autoridade, escolhido, identificação, liderança, consolador, alegria, solidariedade, competência, confiança, eloquência, sério e superação. Já os argumentos patéticos utilizados por Pedro, o levaram a manifestar os *ethos* de escolhido, generosidade, compaixão, amabilidade, humanidade e pregador. Atestamos ainda que ambos os apóstolos manifestaram igualmente os *ethos* de virtude e de santidade no *corpus* analisado.

**Palavras-chave:** *ethos*; apóstolos Paulo e Pedro, textos bíblicos.

SILVEIRA, Carlos Cesar. **A constituição ética dos apóstolos Paulo e Pedro em textos bíblicos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca.

### ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the ethos of the apostles Paul and Peter manifested in biblical texts. The corpus of the analysis is constituted by the II Epistle of Paul to the Corinthians and by the I Epistle from Peter to the Jews. The goal of the study is to identify and confront, through a qualitative and quantitative analysis, the ethos of the two most important leaders of Christianity, the apostles Paul and Peter. The theoretical framework used in this work includes the establishing of the ethos from the rhetorical studies grounded in the conceptions of Aristotle (1964), Meyer (2007), Charaudeau (2011), Reboul (2004), Amossy (2005), and Tringali (1988). The results of the analysis showed the manifestation of the ethical and pathetic arguments by the apostles Paul and Peter, respectively. Paul, by his high level of education, made constant use of the ethical arguments. Besides this, he looked for persuading his audience through the rhetorical art and the reasoning. Peter, who didn't have the same intellectual capacity of Paul, looked for persuading his audience through the pathetic arguments, in other words, he availed himself of the emotion and the affection. The analysis also demonstrated that the ethical arguments used by Paul led him to express the ethos of knowledge, credibility, authority, choice, identity, leadership, comforter, joy, solidarity, competence, confidence, eloquence, serious and overcoming. The pathetic arguments used by Peter led him to manifest the ethos of choice, generosity, compassion, kindness, humanity and preacher. We still certify that both apostles expressed in the same way the ethos of virtue and holiness in the corpus analyzed.

**Keywords:** *ethos*; apostles Paul and Peter; biblical texts.



## **LISTA DE QUADRO**

Quadro 1 – Demonstração científica e argumentação	20
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Comparação ente os <i>ethos</i> de Paulo e Pedro	78
Tabela 2 –	Relação: <i>ethos</i> de Paulo e de Pedro	80

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 O que é Retórica.....	13
1.2 Retórica Antiga e Moderna.....	15
1.3 O que é Argumentação.....	16
1.3.1 <i>Topói</i> – os lugares da argumentação.....	19
1.3.2 Auditório universal e particular: gerenciando relações.....	21
<b>CAPÍTULO II – O <i>ETHOS</i> E A RETÓRICA.....</b>	<b>23</b>
2.1 O tripé retórico: <i>logos, ethos e pathos</i> .....	23
2.2 O <i>ethos</i> segundo Aristóteles.....	26
2.3 O <i>ethos</i> segundo Michel Meyer.....	28
2.4 O <i>ethos</i> segundo Patrick Charaudeau.....	29
2.5 O <i>ethos</i> segundo Olivier Reboul.....	32
2.6 O <i>ethos</i> segundo Ruth Amossy.....	32
2.7 O <i>ethos</i> segundo Dante Tringali.....	34
<b>CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>35</b>
3.1 A importância de Pedro e de Paulo para o Cristianismo.....	35
3.1.1 O significado do termo apóstolo.....	38
3.2 Delimitação do <i>corpus</i> .....	39
3.2.1 A II Epístola aos Coríntios.....	39
3.2.2 A I Epístola aos Judeus.....	41

<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS <i>ETHOS</i> DE PAULO E PEDRO MANIFESTADOS EM TEXTOS BÍBLICOS.....</b>	<b>43</b>
4.1 Os <i>ethos</i> de Paulo manifestados na II Epístola aos Coríntios.....	43
4.2 Os <i>ethos</i> de Pedro manifestados na I Epístola aos Judeus.....	66
4.3 Comparação entre a constituição ética de Paulo e de Pedro no <i>corpus</i> em análise.....	78
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>92</b>
ANEXO A – II Epístola de Paulo aos Coríntios.....	92
ANEXO B – I Epístola de Pedro aos Judeus.....	102
ANEXO C – Relação dos <i>ethos</i> citados por Aristóteles.....	106
ANEXO D – Relação dos <i>ethos</i> citados por Michel Meyer.....	109
ANEXO E – Relação dos <i>ethos</i> citados por Patrick Charaudeau.....	110
ANEXO F - Relação dos <i>ethos</i> citados por Reboul.....	112
ANEXO G – Relação dos <i>ethos</i> encontrados em Amossy.....	113
ANEXO H – Relação dos <i>ethos</i> encontrados em Tringali.....	114

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação, que se insere no campo da Linguística (estudos retóricos), tem como título “a constituição ética dos apóstolos Paulo e Pedro em textos bíblicos”. A Bíblia, sendo o conjunto dos livros sagrados dos cristãos e, parcialmente, dos judeus, tem conseguido manter, ao longo dos séculos, *status* inigualável na Literatura universal. Seu processo de escritura contou com inúmeros autores oriundos de diferentes realidades sócio-históricas. Nesse processo, sobretudo no que concerne a difusão do cristianismo, o livro sagrado tem, nos apóstolos Paulo e Pedro, dois de seus maiores escritores.

O motivo que nos levou à escolha desse tema é o fato de Pedro e Paulo terem se tornado, por meio de seus escritos, duas das figuras mais influentes dentro do Cristianismo. Os registros históricos atestam que Pedro foi o primeiro Papa da Igreja Católica Apostólica Romana e Paulo é considerado, pela grande maioria dos estudiosos, como o maior líder em termos de oratória que a Igreja já conheceu. Por essa razão, vimo-nos impelidos a estudar os aspectos que compõem a construção ética desses dois grandes nomes da História da Igreja.

Encontramos, no tema escolhido uma dupla justificativa: no que se refere ao *corpus*, o fato de ambos (Pedro e Paulo) serem considerados dois dos maiores líderes do Cristianismo; e, no que se refere à teoria, a importância que o estudo do *ethos* tem ocupado nas pesquisas retóricas da atualidade.

O arcabouço teórico utilizado neste trabalho compreende os diferentes estudos a respeito da constituição do *ethos* a partir da Retórica. Fundamentaremos nosso trabalho em autores como Abreu (2001), Amossy (2005), Aristóteles (1964), Citelli (1999), Meyer (2007), Reboul (2004), Charaudeau (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Tringali (1988).

O *corpus* de análise será composto pela II epístola de Paulo aos Coríntios e pela I epístola de Pedro aos judeus, tal como dispostas na Bíblia de Jerusalém (2002)<sup>1</sup>. A escolha dessa bíblia se deu pela confiabilidade de suas traduções, uma vez que foram feitas por exegetas católicos e protestantes.

Os objetivos desta pesquisa são, portanto:

---

<sup>1</sup> Em 1973, a Paulus Editora (então Paulinas) ofereceu ao público brasileiro a Bíblia de Jerusalém, considerada em diversos países a melhor edição da Sagrada Escritura, quer pelas opções que orientaram a tradução, quer pelas introduções, notas, referências marginais e apêndices. Durante três anos, esse trabalho foi realizado por uma equipe de exegetas católicos e protestantes e por um grupo de revisores literários. As traduções foram feitas a partir dos textos hebraicos, aramaicos e gregos. (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 5-13).

- I Analisar os *ethos* do apóstolo Paulo manifestados na II epístola aos Coríntios.
- II Analisar os *ethos* do apóstolo Pedro manifestados na I epístola de Pedro aos Judeus.
- III Comparar a constituição ética de Paulo à de Pedro por meio dos *ethos* identificados em cada epístola.

Dividimos este trabalho em quatro capítulos. O primeiro consistirá em estudar as origens e o significado da retórica e da argumentação. Nele, procuraremos descrever como surgiu a retórica, conhecida e estudada como “retórica antiga” e “retórica moderna”. Veremos que, dentro daquilo que propomos trabalhar, a retórica tem um papel relevante, pois auxilia o orador no processo de convencimento e persuasão.

Iremos, no capítulo segundo, tratar do papel desempenhado pelo *ethos* dentro da Retórica por meio da constituição do tripé-retórico, formado pelo *logos*, *ethos* e o *pathos*. Além disso, com base nos autores que constituem o arcabouço teórico, elencaremos a classificações dadas ao *ethos* por cada um deles.

No capítulo terceiro, apresentaremos um breve estudo a respeito do *corpus* a ser analisado e conseqüentemente de seus autores, diante do que propomos, acreditamos que uma descrição das epístolas em estudo, aliada ao entendimento da função social de seus autores (isto é, o apostolado), poderá contribuir para as reflexões a serem realizadas ao longo da análise.

No quarto capítulo, analisaremos os *ethos* manifestados pelo apóstolo Paulo na II Epístola aos Coríntios e pelo apóstolo Pedro na I Epístola aos Judeus. Em seguida, compararemos as constituições éticas por eles apresentadas.

Com vistas a atingir os objetivos propostos, o presente trabalho dispõe da seguinte organização metodológica: pesquisa bibliográfica, seguida de uma análise efetuada por meio do processo metodológico qualitativo-quantitativo e fundamentada nos preceitos argumentativos e retóricos.

## CAPÍTULO I – RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO

Neste capítulo, concentraremos em buscar elementos que possam nos esclarecer quanto ao significado dos termos Retórica e Argumentação. Para isso, apresentaremos nosso arcabouço teórico com os seguintes autores: Abreu (2001), Amossy (2005), Aristóteles (1964), Citelli (1999), Meyer (2007), Reboul (2004), Charaudeau (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Tringali (1988).

### 1.1 O QUE É RETÓRICA

A Retórica é uma técnica argumentativa criada com o objetivo de nos auxiliar na luta pela defesa de causas. A palavra retórica tem sua origem no grego *rhetóriké*, “Arte retórica”. Reboul (2004) afirma que a retórica é anterior à sua própria história, pois os homens, mesmo antes de conhecê-la, já haviam utilizado a linguagem para persuadir. Desde suas origens, vem sendo entendida de diferentes maneiras. Enquanto para uns se trata de uma ciência inquestionável, para outros é uma ciência não absoluta, ou seja, pode ser questionada. Aristóteles (1964) a via como

um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir a persuasão. Assim sendo, caberia a retórica não assumir uma atitude ética, dado que seu objetivo não é o de saber se algo é ou não verdadeiro, mas sim analítica – cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo a ganhar a dimensão de verdade (CITELLI, 1999, p. 10).

Ao defender a utilidade da retórica no discurso, Aristóteles (1964) procurou defini-la em quatro partes: *Invenção*, que se refere à busca do orador pelos argumentos e pelos meios de persuasão que irá utilizar. Esta busca pode se dar pela experiência de leitura, ou seja, quanto mais conteúdo intelectual o orador possuir mais criatividade ele terá para inventar. *Disposição*, que diz respeito à ordem em que esses argumentos serão colocados. É fundamental que toda argumentação siga uma ordem estabelecida, pois quanto mais ela estiver organizada, mais facilmente o auditório a entenderá. *Elocução*, que se trata da redação, vai muito além da influência particular ou acadêmica do orador. Segundo Aristóteles (1964), a elocução não se prende a oralidade, pois depende do estilo de linguagem criado pelo orador.

Por último temos a *ação*, a proferição efetiva do discurso. Depois de inventado, organizado e estilizado, o orador está pronto para apresentá-lo.

O objetivo da retórica é oferecer técnicas ao orador para que ele possa levar seus ouvintes ao convencimento e à persuasão.

Aristóteles (1964, p. 22) afirma que “a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”. Diferentemente das outras ciências, a retórica não aplica suas regras a apenas um gênero próprio e determinado, como outras ciências fazem.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 51), a retórica “é o estudo das técnicas discursivas que tratam de provocar ou de acrescentar adesão inicial a teses apresentadas em um determinado auditório, levando-o a uma reflexão”. Sem o domínio e o conhecimento das técnicas retóricas, não adiantaria ao orador argumentar, pois, qualquer que seja seu objetivo, ele só obterá resultados positivos mediante o auxílio das ferramentas oferecidas pela retórica.

Para Tringali (1988, p. 17), “a retórica tem suas fontes primordiais em Aristóteles. É a Retórica completa, com todas as suas partes: invenção, disposição, elocução e ação”. O surgimento dessa retórica deu origem a outras retóricas, daí o fato de Tringali (1988) chamá-la de “retórica mãe”, pois todas as demais retóricas que surgiram beberam da fonte aristotélica.

Com o objetivo de tornar mais claro o significado da retórica, Tringali (1988) afirma:

A Retórica é uma teoria e prática, uma metalinguagem do discurso (retórico) que inclui na sua compreensão os seguintes elementos: um orador, uma audiência, uma questão provável, dialética, discursos orais em debate, cada qual objetivando persuadir o próprio ponto de vista (TRINGALI, 1988, p. 19).

De acordo com Meyer (2007, p. 25), “a Retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”. Ela faz com que os sujeitos se aproximem, superando as barreiras que os separam. Meyer (2007, p. 21) classifica a retórica em três grandes categorias:

- (1) a retórica é uma manipulação do auditório (Platão);
- (2) a retórica é a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano);
- (3) a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam



persuadir (Aristóteles).

Percebendo a relevância da arte retórica no processo de persuasão, novos adeptos da Retórica Antiga iam se aperfeiçoando e fazendo uso, cada vez mais, dessa técnica. Para Halliday (1999, p. 64), “a fim de melhorar a capacidade de persuasão das partes em litígio, apareceram professores de arte de expor razões e defender causas, que era a arte da retórica”.

Estudar Retóricas é muito importante, pois, independente do local que estamos nos vemos na necessidade de convencer ou persuadir alguém.

## 1.2 RETÓRICA ANTIGA E MODERNA

A Retórica Antiga marca o início da Retórica, ou seja, todos os estudos que surgiram referentes a ela tiveram seus fundamentos extraídos da Retórica Antiga, pois é impossível tratar dos estudos retóricos sem voltar às suas origens. Sua importância para os estudos modernos é tão grande que Mosca (2004, p. 45) destaca seu papel ao dizer que “a contribuição aos estudos da Linguagem: das velhas retóricas às vertentes atuais, os estudos dos fatos da linguagem tem-se beneficiado muito das ideias e instrumentos de trabalhos fornecidos pela Retórica”.

Em relação à Retórica Antiga, Tringali (1988, p. 9) afirma que classificá-la como antiga não quer dizer que ela seja velha ou ultrapassada. Antiga se dá pelo fato de ter nascido na antiguidade clássica. É uma ciência que tem como objetivo oferecer ao orador as técnicas adequadas para que ele possa desempenhar com sucesso o ato de persuadir. Como toda ciência, a Retórica Antiga passou por um momento de muitas críticas, pois, segundo os críticos, ela estava se descaracterizando, tornando-se uma ciência desconectada de suas origens. Platão foi um dos críticos que mais se posicionou em relação a essa crise vivida pela Retórica, pois, para ele, alguns retóricos a estavam reduzindo a elementos que não possuíam nenhuma relação com ela, privilegiando ornamentos que acabaram influenciando negativamente a argumentação e conseqüentemente a persuasão. Em relação à crítica feita por Platão, podemos dizer que:

A condenação de Platão foi determinante na história da retórica. Ora assimilada à propaganda, ora à sedução, a retórica tem sido, a partir daí,

frequentemente reduzida à manipulação dos espíritos pelo discurso e pelas ideias, enquanto à filosofia coube liberá-los, como aos prisioneiros da Caverna. Dito isso, a retórica poderia ter ultrapassado a deficiência desse anátema, tivesse ela se dotado de contornos claros e de definição precisa, o que não foi o caso (MEYER, 2007, p. 19).

Ainda falando acerca da retórica, Tringali (1988, p. 9) afirma que desde seu surgimento até aos dias atuais, a Retórica passou por muitas transformações, recebeu ao longo de sua história diversos nomes, tais quais: “a Retórica Antiga, a Retórica Clássica, a Retórica das Figuras, a Retórica Nova e a Retórica Semiótica.” Além dos diversos nomes recebidos pela Retórica, temos também o surgimento da Retórica Moderna. A Retórica Moderna desempenha um papel muito importante, pois,

As novas teorias retóricas valendo-se de algumas disciplinas como a linguística, a semiologia, a semiótica, a teoria da informação, a pragmática, a teoria argumentativa de Perelman e juntamente com a retórica geral ou generalizada contribuíram grandemente para que a retórica antiga passasse por um processo de renovação, fazendo com quem a mesma ganhasse novos conceitos (MOSCA, 2004, p. 18).

Com o apoio de novas disciplinas, a pesquisa referente à Retórica ganha mais qualidade e novas ideias vão surgindo, fazendo com que se estudem os processos presentes na construção do discurso. De acordo com Citelli (1999, p. 17), dentre as muitas contribuições que a pesquisa moderna prestou aos estudos retóricos, podemos destacar as figuras de linguagem e as técnicas de argumentação, estilos que sempre ocuparam papéis importantes na Retórica, mas que agora, devido às muitas pesquisas, passaram a ocupar uma posição de grande destaque na preparação do discurso.

Ambas, tanto a Retórica Antiga quanto a Retórica Moderna, tem o mesmo objetivo, auxiliar o orador em seu discurso.

### 1.3 O QUE É ARGUMENTAÇÃO

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50), a argumentação “tem como objetivo provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”.

Dentro dessa ideia, conhecer as técnicas argumentativas é de fundamental importância, pois, é por meio delas que o orador irá não apenas gerenciar sua relação com o auditório, como também gerenciar as informações, contidas em sua mente, de modo que venha alcançar a adesão dos espíritos. Gerenciar informações consiste na troca de experiências e ideias, pois, a partir do momento que nos interagimos com o outro, tanto damos como recebemos. É aí que a argumentação difere da retórica, pois, para Meyer (2007, p. 27-28), a maior diferença entre ambas é que enquanto a retórica caminha pelo viés da resposta, como algo já resolvido, a argumentação caminha pelo viés da pergunta, ou seja, algo que ainda não foi resolvido e que poderá ser resolvida por meio da pergunta e da troca de ideias.

Ao definir argumentação, Tringali (1988, p. 85) observa que “esta é a parte mais densa e substancial do discurso, pois, aqui se concentram as provas. Argumentação é a atividade pela qual se produzem argumentos”. O orador, na tentativa de convencer ou persuadir seu auditório, procura, por meio de argumentos exteriorizados, provar ou refutar alguma tese.

Tringali (1988, p. 85) ainda afirma que a argumentação corresponde a duas atividades:

- 1) A confirmação em que se emitem argumentos que defendem o próprio ponto de vista.
- 2) A refutação em que se invalidam os argumentos que sustentam o ponto de vista contrário.

Em relação à argumentação, pode-se afirmar que,

Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções (ABREU, 2001, p. 93).

Argumentar é se interagir com o auditório, é gerenciar relações e informações, é persuadir, criar um ambiente favorável para que ele (orador) possa se beneficiar das técnicas argumentativas que a Retórica lhe oferece.

Com essas palavras, Abreu (2001) nos dá a entender que o auditório deve ser convidado pelo orador a se fazer presente na argumentação, o que corrobora com as

palavras de Meyer (2007), ou seja, o orador deve convidar seu auditório a uma troca de ideias.

Abreu (2001, p. 25) declara que dentro do processo de argumentação há uma grande diferença entre convencer e persuadir. “Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir algo no campo das emoções, é sensibilizar o outro para agir”. Já para Citelli (2005, p. 14), persuadir é, sobretudo, a busca de adesão e entendimento diante de uma tese, tentando convencer o auditório pela argumentação. De acordo com Reboul (2004, p. XV), “alguns distinguem rigorosamente “persuadir” de “convencer”, consistindo este último não em fazer crer, mas em fazer compreender”.

A diferença entre “convencer e persuadir” está na maneira como cada um os vê.

Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. Para Rousseau, de nada adianta convencer uma criança “se não se sabe persuadi-la”. Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir. Aliás, ora essa característica racional da convicção depende dos meios utilizados, ora das faculdades às quais o orador se dirige (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 30).

Para Tringali (1988, p. 21), “persuadir é gênero e compreende três espécies, três modos de persuadir, a saber, convencer, comover, agradar”.

Esse mesmo autor nos apresenta um esboço muito interessante a respeito das oposições entre persuadir e convencer.

- Para D’Alambert, persuadir significa comover; convencer significa conquistar a mente.
- Em Kant, se correlacionam de modo diferente. Persuadir se diz quando se impõe uma conclusão particular, subjetiva; convencer, quando se impõe uma conclusão de validade universal.
- Perelman, sem se afastar muito de Kant, usa persuadir quando se quer atingir um auditório particular; convencer quando se quer atingir um auditório universal.
- Chaignet dá a persuadir a acepção de influenciar os outros e a convencer influenciar-se a si mesmo.

De acordo com as ideias de Perelman e Tyteca (2005), torna-se necessário, por parte do orador, identificar o perfil do auditório, saber se ele é particular ou universal e em seguida gerenciar a relação de acordo como o objetivo a ser alcançado.

Ambos pensam de maneira semelhante, definindo “persuadir”, quando se quer atingir um auditório particular e “convencer”, quando se quer atingir um auditório universal.

### 1.3.1 *TOPÓI* – OS LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO

O orador, na tentativa de convencer ou persuadir seu auditório, baseia-se em aspectos racionais para que possa chegar ao objetivo maior, que é argumentar com lógica e coerência. Os argumentos criados por Aristóteles são conhecidos como lugares específicos, conhecidos e contemporâneos.

Quando se trata de fundamentar valores ou hierarquias, ou de reforçar a intensidade da adesão que eles suscitam, pode-se relacioná-los, mas pode-se também recorrer a premissas de ordem muito geral, que qualificaremos como o nome de *lugares*, os *topói*, dos quais derivam os Tópicos, ou tratados consagrados ao raciocínio dialético. Para os antigos, e isto parece ligado à preocupação de ajudar o esforço de invenção do orador, os lugares designam rubricas nas quais se podem classificar os argumentos. Tratava-se de agrupar o material necessário a fim de encontrá-lo com mais facilidade, em caso de precisão; daí a definição dos lugares como depósitos de argumentos (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 94).

Para Aristóteles, os lugares-comuns servem para qualquer ciência, são independentes, possuem um vasto campo e são vistos por alguns filósofos como lugares oratórios. São esquemas lógicos que definem decisões de argumentação a serem adotadas. A definição que o autor fez de lugares-comuns se deu pela análise feita dos gêneros retóricos (judiciário, deliberativo e epidíctico). Os lugares específicos são estereótipos, oferecem a possibilidade de transformar os raciocínios concretos. São gêneros particulares e definidos. Para Fabrino (2008, p. 21), havia diferenças entre o lugar comum original, pois possuía outra forma e função, eram esquemas lógicos abstratos, com regras de argumentação, podiam ser divididos em possíveis e impossíveis, existente e não existente e entre mais e menos.

Os *topói* (lugares da argumentação) são, portanto, “depósitos de argumentos” criados e

organizados de acordo com a classe e o nível intelectual do auditório. O orador, de acordo com o auditório, pode recorrer ao “depósito argumentativo” em busca do material que constitui o gênero que ele irá produzir.

É fundamental que o orador, durante a argumentação, se apóie em raciocínios verossímeis, pois, para Aristóteles (1964), à argumentação que tenha como objetivo a persuasão precisa se valer das noções de conhecimento e verdades estabelecidas pelo auditório. O orador precisa fazer uma distinção do que pretender argumentar. Esta distinção diz respeito à demonstração científica e a argumentação. Segundo Amorim, Aguiar e Moreira (1998, p. 100), a demonstração científica e à argumentação podem ser explicadas da seguinte maneira:

**QUADRO 1 – Demonstração científica e argumentação.**

<b>Demonstração Científica</b>	<b>Argumentação</b>
Cálculo formal e independente sobre a qual procede o raciocínio;	Tem como objetivo fornecer argumentos ao orador, utiliza a retórica, a dialética e a tópica;
Veracidade da conclusão a partir do momento em que se relaciona;	É pessoal, dirige-se a indivíduos para obter a adesão;
A demonstração é impessoal;	O orador depende do auditório para a sua argumentação, deve-se considerar as reações do auditório para a adaptação do discurso;
Sua validação depende das deduções efetuadas;	Trata-se de comunicar, dialogar e discutir, procura utilizar uma linguagem natural;
O sistema dedutivo pode aparecer isolado de todo o contexto;	As possibilidades de equívocos são possíveis, porque visa à adesão de uma tese por parte do auditório, podendo ser sempre acrescida;
Não depende do orador; Possui uma linguagem artificial.	A argumentação não deve ser mensurada pelo efeito obtido, pois depende da qualidade do auditório em conquistar o que recebeu pelo discurso.

**Fonte:** AMORIM, AGUIAR e MOREIRA, 1998, p. 100.

Para Reboul (2004), a argumentação se distingue da demonstração por cinco fatores:

- 1) dirige-se a um auditório;
- 2) expressa-se em língua natural;
- 3) suas premissas são verossímeis;
- 4) sua progressão depende do orador;
- 5) suas conclusões são sempre contestáveis.

Definidos os lugares da Argumentação, trataremos, a partir deste momento de estudar o gerenciamento de relações, parte fundamental para aquele que deseja não apenas atrair, mas também cativar a atenção de seu auditório.

### 1.3.2 AUDITÓRIO UNIVERSAL E PARTICULAR: GERENCIANDO RELAÇÕES

Podemos dizer que se trata de uma das partes mais importantes dentro do discurso, é relação do orador com seu auditório.

Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 21).

Ao argumentar o orador precisa saber que é fundamental ter uma imagem adequada do seu auditório, pois, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), uma imagem inadequada pode gerar consequências desagradáveis ao orador. As estratégias a serem utilizadas por ele ocorrem de acordo com o perfil de seu público, pois a personalidade de cada auditório está sujeita às influências psicológicas e sociais.

O auditório pode ser tanto universal quanto particular. O auditório universal é composto por um público diversificado e heterogêneo, o auditório particular é composto por um público mais homogêneo.

Para Abreu (2001), o auditório é o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir. Seu tamanho varia muito. Pode ser tanto universal quanto particular. Universal é

aquele formado por pessoas que não temos nenhum controle, o particular é aquele formado por pessoas que conhecemos e temos controle, um pequeno grupo.

Aristóteles (1964), em sua obra *Arte retórica e arte poética*, classifica o auditório pela idade, profissão e fortuna. Já Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22) classificam-no como “o conjunto daqueles que o orador que influenciar com sua argumentação”.

O auditório é o conjunto de indivíduos que o orador deseja interagir com seu discurso. O gerenciamento de relação nesse processo é fundamental.

Para Reboul (2004), compete ao orador:

- 1) identificar seu objetivo, ou seja, o que pretende defender;
- 2) utilizar uma linguagem adequada;
- 3) demonstrar credibilidade ao argumentar. Essa credibilidade se dá por meio da construção ética que o orador desenvolve ao longo de seu discurso;
- 4) gerenciar sua relação para com o auditório, de maneira que se desenvolva um contato amigável e positivo.

Ainda acerca do gerenciamento de relação, Reboul (2004, p. 55) observa que “sua função é tornar o auditório dócil, atento e benevolente”.

Em termos do discurso, precisamos nos atentar ao fato de que a introdução não consiste apenas em apresentar ao auditório o assunto a ser tratado, mas também em preparar o ambiente, fazer com que o mesmo se sinta a vontade para uma relação aberta e saudável. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 17), “a formação de uma comunidade efetiva dos espíritos exige um conjunto de condições”. Para que surjam novas oportunidades de envolvimento, um dos conjuntos de condições está relacionado à linguagem. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.17) ainda afirmam que “o mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a comunicação”. É fundamental que o orador fale a linguagem do auditório e conheça suas características. O comportamento do auditório durante a argumentação vai dizer ao orador o caminho a ser percorrido; primeiro, compete ao orador trazer para si o auditório e, depois que o tiver conquistado, poderá usar as técnicas argumentativas para persuadi-lo.

O caráter intemporal (mudanças de comportamento) do auditório pode fazer com que os argumentos expostos não resultem em uma ação imediata, ou seja, podem vir a gerar



resultados tardiamente. O orador, diante dessa possibilidade, precisa ter a consciência de que está diante de um público formado por várias personalidades e que aquilo que lhe competiu fazer ele fez, que foi gerenciar corretamente as relações com seu auditório.

## CAPÍTULO II – O *ETHOS* E A RETÓRICA

Convém ressaltar que, na necessidade de entendermos melhor a constituição dos *ethos*, apresentamos aqui várias teorias, porém, nossa análise privilegiará a Retórica Aristotélica e os demais nomes que compõem nosso arcabouço teórico.

À medida que nos relacionamos com as pessoas percebemos que estamos inseridos dentro de um contexto social extremamente competitivo, onde relacionar-se bem é fundamental. Isso pode ser percebido principalmente pela voz, pois é por meio das palavras que nos relacionamos com os outros. Só alcançaremos resultados esperados se tivermos um gerenciamento de relação adequada para com nossos ouvintes. O orador diante de seu auditório não é diferente. Por meio do discurso, ele se relaciona com seu público. O modo como ele se comporta ao apresentar seu discurso é um dos fatores determinantes para se alcançar ou não seu objetivo. Nesse processo de relação entre orador e auditório temos a constituição do *ethos*. O *ethos* ocupa um papel de grande relevância dentro da retórica, pois aquele que tem como objetivo convencer ou persuadir seu auditório só alcançará sucesso em seu discurso mediante a construção positiva de sua imagem. Considerando a importância do *ethos* para a retórica e também para outras pesquisas modernas, Eggs (2005, p. 30) observa que “a todo momento o *ethos* está presente diante dos nossos olhos, seja, nas máximas conversacionais (num diálogo formal ou informal) ou nas máximas de educação, seja nos estudos da linguagem e outras pesquisas”. Ainda falando a respeito da importância de se estudar o *ethos*, o autor afirma:

Basta ler as passagens sobre “a adaptação do orador a seu auditório” ou sobre “a pessoa e seus atos” ou sobre “o discurso como ato do orador” em Perelman, para se dar conta de que o *ethos* está sempre presente como realidade problemática de todo discurso e pode-se dizer que “o *ethos* constitui praticamente a mais importante” das três provas engendradas pelo discurso – *logos, ethos e pathos* (EGGS, 2005, p. 30).

Podemos ver a importância que o *ethos* tem para a retórica por meio do tripé retórico, que é constituído pelo *logos, ethos e pathos*.

### 2.1 O TRIPÉRETÓRICO: *LOGOS, ETHOS E PATHOS*

Uma das técnicas argumentativas criadas pela Retórica como auxílio no gerenciamento de relação por parte do orador é conhecido como “Tripé-Retórico”, que é formado pelo *logos*, *ethos* e *pathos* e que ocupa um papel de suma importância dentro do discurso.

O *logos* é o discurso que será proferido. Diz respeito à argumentação. É a palavra que ganha vida e influencia o ouvinte. É persuadir pelo raciocínio, pela consistência interna da mensagem do orador e é o que torna o discurso eficaz. Podemos dizer que é também a relação entre leitor e texto, que, por meio de uma exposição oral ou escrita, faz com que o ouvinte se sinta influenciado.

Refletindo acerca da importância da palavra (*logos*) e de seu papel no discurso, remetemo-nos às seguintes palavras do eminente filósofo da linguagem:

Não há palavra que seja a primeira ou a última [...]. Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados [...]. Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do subsequente, futuro [...]. Não há morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento (BAKHTIN, 2008, p. 09).

O *logos* é, portanto, a palavra viva que nunca perde o seu sentido, sempre se renova e, por meio da argumentação, influencia aqueles que a ouvem.

O *ethos* significa caráter. Pode ser tanto o caráter do orador (imagem), quanto o caráter discursivo construído ao longo da sua argumentação. Os estudos retóricos referentes ao *ethos* surgiram na antiguidade e têm despertado diferentes interpretações no campo da linguística nos dias atuais.

De um lado, na filiação de Isócrates, Cícero e dos retóricos da Idade Clássica, há aqueles para quem o *ethos* é um “dato preexistente ao discurso”, pois, para eles, parece mais virtuoso, sincero e amável quando se é, de fato, virtuoso, sincero e amável. Por outro lado, na filiação de Aristóteles, para quem “o orador deve mostrar seus traços de personalidade ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão”, há os adeptos de uma concepção discursiva que inscrevem o *ethos* no ato de enunciação, isto é, no próprio dizer do sujeito que fala. Essa última posição é defendida pelos analistas do discurso, que situam o *ethos* na aparência do ato de linguagem, naquilo que o sujeito falante dá a ver e a entender (CHARAUDEAU, 2001, p. 114).

Para Meyer (2007, p. 34), “o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo”.

Diante das várias pesquisas e interpretações criadas a respeito do *ethos*, os estudiosos procuraram defini-lo de duas maneiras, ou seja, o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo. Segundo Haddad (2005, p. 145), “o *ethos* prévio é (a imagem preexistente do locutor) e o *ethos* discursivo é (a imagem que ele constrói em seu discurso) que se encontra no centro desta análise”. O *ethos prévio* (pré-discursivo) está relacionado à imagem preexistente do locutor e se constrói mediante a influência que ele sofre e exerce no meio social, pois seu comportamento, seja ele positivo ou negativo, poderá influenciar nos conceitos adquiridos pelo auditório a seu respeito. Já o *ethos discursivo* é o caráter que orador vai construindo ao longo de seu discurso, esse caráter não se refere a sua personalidade e sim às características que vão moldando seu discurso, dando a sua argumentação corpo e estrutura.

Para Maingueneau (2005 apud CHARAUDEAU, 2011, p. 114-115), “o *ethos* está [...] ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, apreendido independentemente de sua atividade oratória”.

Percebemos também que para compreender o significado do *ethos retórico* precisamos, acima de tudo, entender que tanto o *ethos* prévio quanto o *ethos discursivo* são partes importantes na formação da imagem e do discurso construídos pelo orador, pois,

Desse antagonismo entre os partidários de um *ethos* prévio, que poderia ser chamado pré-discursivo, e o de um *ethos* discursivo, surge a questão do sujeito linguageiro: ele é somente um ser feito de discurso, somente um ser social empírico, ou ambos? E, nesse caso, um teria precedência sobre o outro? Nossa posição é a de que para tratar do *ethos* é preciso considerar esses dois aspectos. De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é ante de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê (CHARAUDEAU, 2001, p. 115).

Fica evidente nas palavras de Charaudeau (2011) que tanto o *ethos* prévio quanto o *ethos* discursivo são frutos de uma ideologia social e o orador acaba criando um *ethos* imaginário e discursivo que ocasionarão na construção de um *pathos* na mente dos ouvintes.

Na visão de Reboul (2004, p. XVII), o *ethos* “é o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório [...]”.

Ressaltamos que em nossa análise trabalharemos apenas com o *ethos* discursivo dos apóstolos Paulo e Pedro, pois não possuímos o *ethos* prévio, que é a imagem deles.

Como vimos anteriormente, o *logos* e o *ethos* são características que se desenvolvem de acordo com o comportamento do orador, isso durante a construção discursiva. Porém, ao analisarmos o *pathos* vemos que este é algo pertencente ao auditório, ou seja, são as paixões que se constroem na mente do ouvinte por meio do discurso. Em relação ao *pathos*, Reboul (2004) afirma que se trata de um conjunto de sentimentos e emoções que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. Pode ser identificado como uma afetividade súbita, violenta e irreprimível. No ponto de vista de Meyer (2007, p. 36-38), “falar do *pathos* é falar do auditório, pois o mesmo é formado por um grupo de pessoas movido por paixões”.

O *pathos* pode ser definido como o conjunto de valores implícitos das respostas fora de questão, que alimentam as indagações que um indivíduo considera pertinentes. Meyer (2007, p. 40) define-o como a dimensão retórica que comporta:

- (1) as perguntas do auditório;
- (2) as emoções que ele experimenta diante dessas perguntas e respostas;
- (3) os valores que justificam a seus olhos essas respostas a essas perguntas.

Com a definição de *pathos* dada por Meyer (2007), juntamente com as demais definições de *logos* e *ethos*, temos o que chamamos acima de tripé-retórico, uma das partes fundamentais dentro da retórica.

Tão importante é o tripé-retórico no desenvolvimento da argumentação que Meyer (2007, p. 22) afirma

É preciso um orador, um auditório ao qual ele se dirija e uma “mídia” por meio da qual eles se encontrem, para comunicar o que pensam e trocar pontos de vista. Essa “mídia” é sempre uma linguagem, que pode ser falada ou escrita, mas também pictórica ou visual.

Considerando o tripé-retórico e a importância dele para nosso estudo, veremos como os autores que compõem nosso arcabouço teórico conceituam *ethos*.

## 2.2 O *ETHOS* SEGUNDO ARISTÓTELES

O *ethos* pode ser definido como o caráter discursivo do orador. Este é de suma importância para que o auditório venha a se impressionar, passando a crer nele. Se o orador deixar margens para dúvidas, perderá o controle de seu auditório. O caráter e a dignidade são, para Aristóteles (1964), muito relevantes, pois o orador que conseguir demonstrá-los por meio do gerenciamento de relação não apenas se aproximará como também atingirá o objetivo proposto que é persuadir seu auditório. Ele ainda ressalta que, na arte retórica, além de se ter em vista os meios de se tornar o discurso demonstrativo e persuasivo, é necessário que o orador “mostre possuir certas disposições e as inspire ao juiz” (ARISTÓTELES, 1964, p. 115).

Complementando, para que o orador inspire confiança, precisa “mostrar-se sob certo aspecto, faça crer que se encontra em determinadas disposições a respeito dos ouvintes, e, além disso, encontre estes nas mesmas disposições a seu respeito” (ARISTÓTELES, 1964, p. 115).

Com Aristóteles (1964), o conceito de *ethos*, “o caráter do orador”, foi colocado como ponto fundamental para o exercício da persuasão.

Aristóteles (1964, p. 37-144) classifica os *ethos* da seguinte maneira: *ethos* de bem supremo, felicidade, honra, amizade, saúde, beleza, vigor, elevada estatura, possibilidade, boa reputação, sorte, virtude, prudência, coragem, justiça, temperança, beneficência, prazer, talentoso, inteligência, justiça, magnificência, magnanimidade, liberalidade, mansidão, sabedoria, desejos naturais, sede, fome, cólera, vingança, enfermidade, pobreza, apaixonado, desdém, desprezo, vexame, ira, cobiça, vitória, rancoroso, maldade, intemperança, avareza, afeminado, covarde, insensato, insolente, ambição, equidade, confiança, ódio, calúnia, temor, pena, perturbação, fraqueza, dissimulação, sofrimento, esperança, confiança, esperança, tranquilidade, socorro, superioridade, riqueza, força física, amizade, vergonha, aflição, perturbação, desonra, reprovação, ultraje, calma, confissão, seriedade, apaziguador, voluntário, respeito, compaixão, benfeitor, pesar, amor, alegria, cumplicidade, identificação, bondade, bom humor, apurado, habilidade, sensibilidade, honestidade, agradável, consideração, afeição, familiaridade, parentesco, benevolência, indignação, inveja, nobreza,

beleza, poder, carência, caráter, dignidade, audácia, emulação, inconstância, desejo, fogsidade, credulidade, aventura, sociabilidade, excesso, valentia, inocência, desgraça, infortúnio, rivalidade, tempo, lugar, idade, cautela, fraqueza, mau humor, suspeita, desconfiança, conformidade, timidez, egoísmo, cinismo, recordações, irritação, utilidade, índole, lamuria, verdade, belo, vigilância, insolentes, orgulhosos, senhores, comando, justificação, mal educado, intemperança, irracionalidade e piedade para com Deus.<sup>2</sup>

Para facilitar a identificação por parte dos leitores, todos os *ethos* citados por Aristóteles, assim como aqueles citados pelos demais autores elencados a seguir, encontram-se dispostos em quadros nos anexos deste trabalho.

### 2.3 O *ETHOS* SEGUNDO MICHEL MEYER

Para Meyer (2007), o *ethos* tomou uma dimensão que vai além da pronuncia e do texto produzidos pelo orador e pode ser trabalhado tanto do ponto de vista projetivo quanto efetivo. O *ethos* projetivo diz respeito ao *ethos* prévio, também chamado de pré-discursivo, pois o orador o constrói antes do discurso, por meio da sua imagem e o *ethos* efetivo, chamado de *ethos* discursivo, pois é construído durante o discurso. Meyer (2007) ainda faz uma análise do *ethos* imanente, projeção da imagem aos olhos do *pathos* criado na mente daquele que vê ou ouve, e do *ethos* não-imanente, resultado do *ethos* efetivo.

Nessa linha de raciocínio, o *ethos* pode ser definido como

Uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispões a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma autoridade. O *ethos* é orador como princípio (e também como argumento) de autoridade. A ética do orador é seu “saber-especifico” de homem, e esse humanismo é a sua moralidade, que constitui fonte de autoridade (MEYER 2007, p. 34-35).

As qualidades positivas que o orador possui e que foram citadas acima com muita propriedade constituem uma das partes fundamentais na construção do *ethos*, pois é o argumento de autoridade construído sobre as virtudes morais do orador que irá contribuir para

---

<sup>2</sup> Ver anexo C.

a realização do objetivo traçado pelo orador, que é convencer e persuadir seu auditório.

Os *ethos* citados por Meyer (2007, p. 34-45) são os de virtude, boa conduta, confiança, prudência, saber específico, especialista, moralidade, identificação, manipulador, revelador, transparente, sociabilidade, temor, cômico, honestidade, desonestidade, bondade, animosidade, sedução, sinceridade, gerenciamento, coragem, justiça, felicidade, prazer, capacidade, autoridade, humanismo, identidade, mascarado, dissimulador, fingimento, costumes, vencedor, compartilhamento, dúvida, hostilidade, maldade, efetividade, persuasivo, crédito e consciência.<sup>3</sup>

#### 2.4 O *ETHOS* SEGUNDO PATRICK CHARAUDEAU

Apresentaremos neste momento um breve estudo a respeito da constituição dos *ethos* de credibilidade e identificação, que segundo Charaudeau (2011), são fundamentais na construção discursiva e que podem se manifestados pelo orador frente ao seu auditório. A relevância deles para nosso trabalho se dá pelo fato de ambos servirem como suporte para nossa pesquisa.

Charaudeau os divide em duas partes: os *ethos* de credibilidade são divididos em *ethos* de sério, *ethos* de virtude e *ethos* de competência. Os *ethos* de identificação são divididos em *ethos* de potência, *ethos* de caráter, *ethos* de inteligência, *ethos* de humanidade e *ethos* de solidariedade (CHARAUDEAU, 2011, p. 119-166).

Como descritos por Charaudeau (2011, p. 119), os *ethos* de credibilidade construídos pelo orador não estão relacionados apenas à sua vida social, mas também à construção discursiva por ele gerenciada, pois, além de apresentar qualidades específicas de uma pessoa séria, virtuosa e competente, o orador precisa fazer com que o auditório perceba nele a capacidade de realizar aquilo que promete, ou seja, o “poder fazer”, pois só assim o auditório vai julgá-lo digno de crédito. Essa demonstração de qualidades, por parte do orador só será possível mediante a construção discursiva, pois é por meio de um discurso coerente e transparente que sua imagem será aceita pelo auditório, tornando-se assim confiável.

Os *ethos* de credibilidade, segundo Charaudeau (2011), são apresentados a seguir:

✓ O *ethos* de sério tem, como características, “índices que demonstram grande energia e capacidade de trabalho, onipresença em todas as linhas de frente da vida política e

---

<sup>3</sup> Ver anexo D.



social, particularmente juntos àqueles que sofrem” (CHARAUDEAU, 2011, p. 120).

✓ O *ethos* de virtude constitui um fator importantíssimo para o líder cristão, pois seu estilo de vida além de se tornar padrão para a sociedade, deverá fazer com quem seu auditório também o veja como homem a ser seguido. Dentre as qualidades que fazem parte do *ethos* de virtude podemos destacar a “sinceridade e fidelidade, a que se deve acrescentar uma imagem de honestidade pessoal” (CHARAUDEAU 2011, p. 122).

✓ O *ethos* de competência diz respeito às qualidades que o orador necessita para o desempenho das funções dadas a ele. Fazem parte do *ethos* de “competência”, o saber, o poder, a habilidade, o conhecimento profundo da atividade que exerce e a experiência necessários para a realização de seus objetivos (CHARAUDEAU 2011, p.125).

✓ Os *ethos* de identificação caracterizam-se pela relação positiva que se constrói entre o orador e o auditório por meio do discurso. As características mais visíveis são fundadas na relação entre ambos, pois, para que o auditório se identifique com o orador, é preciso que haja interesse por parte do auditório (CHARAUDEAU 2011, p. 138). Podemos dizer também que os *ethos* de identificação ocorrem a partir de uma relação harmoniosa entre o *ethos* do orador e o *pathos* do auditório, pois o orador procura usar e trabalhar as habilidades que possui sem afetar negativamente os conceitos que vão se firmando na mente de seus ouvintes, levando-os a segui-lo. Os *ethos* de credibilidade, que são a imagem que o orador passa de homem sério, virtuoso e competente contribuem grandemente para que o auditório se identifique com o orador, pois pessoas exemplares sempre são bem vistas e aceitas.

Esta é a composição dos *ethos* de identificação, segundo Charaudeau (2011):

✓ O *ethos* de potência é uma energia física que anima e impulsiona os corpos. Aquele que constrói em seu discurso o *ethos* de potência tem como características maiores a determinação e a praticidade. É um ativista e se faz presente em todas as linhas de frente (CHARAUDEAU, 2011, p. 138).

✓ O *ethos* de caráter se caracteriza pela tranquilidade, coragem, moderação no comportamento e controle de si. Nas horas de dificuldades é que o orador precisa se manter tranquilo, não demonstrar medo, agir com prudência, uma vez que saber enfrentar as adversidades contribuirá grandemente para a construção positiva de sua imagem. É, afinal, a força do espírito que se sobressai sobre à força do corpo (CHARAUDEAU, 2011, p. 139-

145).

✓ O *ethos* de inteligência pode ser percebido pela construção discursiva, ou seja, pela maneira como o orador age e fala e também pelo aprendizado gerado na mente do auditório, pois devido à manifestação do *ethos* de inteligência os ouvintes são levados a uma mudança de comportamento. Outra maneira pode ser por figuras. Duas figuras se destacam em um mesmo indivíduo, na França, a *honnête homme cultivé* (cultura do indivíduo) e a astúcia, ou a malícia que denota habilidades para saber jogar com os ouvintes (CHARAUDEAU, 2011, p. 145-146). O orador inteligente sabe que, dependendo o momento, saber utilizar as figuras acima pode fazer a diferença a seu favor.

✓ O *ethos* de humanidade é constituído por sentimentos de compaixão, confissão e humildade. O orador, por mais orgulhoso que seja, mais cedo ou mais tarde, se vera na necessidade de se abrir, desabafar com alguém e confessar suas mais terríveis fraquezas. “Para ser um homem público não é preciso ser menos homem” (CHARAUDEAU, 2011, p. 148).

✓ O *ethos* de chefe não se compatibiliza com o egoísmo, ou seja, ao mesmo tempo em que está voltado para si também está voltado para o outro. Por meio do seu comportamento o orador pode fazer com que seus ouvintes o sigam e adirem suas ideias (CHARAUDEAU, 2011, p. 153).

✓ O *ethos* de solidariedade se caracteriza pela necessidade que o orador tem em estar junto do seu auditório, principalmente nos momentos mais adversos. Quem é solidário não se vê na necessidade de se destacar mais que os outros, por mais que haja divergências de ideias é sensível para entender e conviver com as diferenças sociais. Também possui um sentimento altruísta em relação ao sofrimento alheio (CHARAUDEAU, 2011, p. 163).

Portanto, diante do exposto, a classificação dos *ethos* de credibilidade e de identificação, segundo Charaudeau (2011, p. 119-163), toma a seguinte configuração:

Os *ethos* de sinceridade, transparência, eficácia, poder fazer, autenticidade, verdade, performance, promessa, autocontrole diante das críticas, sangue-frio, capacidade, grande energia, onipresença, fidelidade conjugal, firmeza, altruísmo, tradicional, moderno, sagaz, poderoso, modesto, duplicidade, preocupação social, bondade, sensibilidade, virilidade sexual, determinação inabalável, ação efetiva, comedido, elocução serena, tranquilo, feliz, honra, solidez, austeridade, lealdade, combatente, modelo, retidão, nobreza, respeito,

objetividade, clareza, sabedoria, conhecimento da área, experiência, negação, razão, superior, não intencionalidade, persuasão, inocência, responsabilidade, ignorância diante dos fatos, compaixão, identidade social, identidade discursiva, ativista, saúde, vituperação, dominador, provocador, polêmico, advertência, pensador, coragem, vontade, vigor, orgulho, generoso, defensor, moderação, influência, ensino, escritor, universitário, intelectual, astúcia, malícia, sutileza, confissão, fraqueza, controle sentimental, intimidade, humor, paciência, elegância, reciprocidade, guia, soberano, e igualdade.<sup>4</sup>

## 2.5 O *ETHOS* SEGUNDO OLIVIER REBOUL

Para Reboul (2004, p. 48), o *ethos* é construído de acordo com o auditório, pois devem ser levadas em conta a linguagem e a ideologia que fazem parte do grupo. Diante de um auditório jovem, a linguagem deve ser adequada aos jovens, se diante de um auditório formado por pessoas mais velhas, então a linguagem deve ser adequada aos mais velhos. É neste momento de escolha que o orador deve negociar as diferenças que existem para com seu auditório, pois o gerenciamento de relação é fundamental para o sucesso da argumentação.

Reboul (apud VERZOLA, 2012, p. 33-34) afirma que, independente do auditório, o orador deve manifestar por meio da construção discursiva os *ethos* de sensatez, sinceridade e simpatia para com seus ouvintes.

Temos identificados, por meio da leitura da obra de Reboul (2004), os seguintes *ethos*: sensatez, simpatia e sinceridade.<sup>5</sup>

## 2.6 O *ETHOS* SEGUNDO RUTH AMOSSY

Ao buscar um significado para o termo “*ethos*”, Amossy (2005) procura valer-se da teoria da argumentação e da análise do discurso para chegar a uma definição do que realmente significa esse termo. A autora explicita que a construção do *ethos*, na pragmática e nas teorias argumentativas, dá-se pela interação verbal, ou seja, pela troca de ideias entre orador e auditório.

Na realidade, passamos da interlocução à interação. “Falar é trocar, é mudar trocando”: “ao longo de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes

---

<sup>4</sup> Ver anexo E.

<sup>5</sup> Ver anexo F.

participantes, que passamos a chamar ‘interactantes’, exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas”. A função da imagem de si e do outro construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional. Dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro. [...] A análise pragmática apresentada oferece, em seu próprio terreno, um estudo fundado na noção de troca; ela examina as instâncias que contribuem para a constituição da interação verbal enquanto tal (AMOSSY 2005, p. 12-13).

Essa mesma autora declara que, a partir da “nova retórica”, a construção do *ethos* também se dá por meio da interação, visto que há uma necessidade muito grande do orador em se adaptar ao seu auditório, pois, assim que ele toma a palavra, acaba construindo uma imagem de si mesmo, que é resultado da interação que o orador tem para com seu auditório. Esta interação deve se apoiar nos *Topoi*, ou seja, nos lugares da argumentação. Falando a respeito dessa troca comunicativa, pode-se dizer que, “o orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público” (AMOSSY, 2005, p. 124).

Em relação à análise do discurso, Amossy (2005, p. 9-16) declara ter procurado, por meio de “algumas teorias da linguagem e da Pragmática”, baseadas nas palavras de Aristóteles, entender e explicar como o discurso se torna eficaz. A análise do discurso, portanto, retoma as noções de quadro figurativo apresentado por Benveniste (1989) e de *ethos* por Ducrot (1984), e passa a ver o *ethos* com um fator importante na construção do discurso, pois o mesmo pode contribuir grandemente para uma inter-relação entre orador e auditório. Para a autora, Maingueneau (2005) é visto pela análise discursiva como maior expoente e ocupa uma posição de grande destaque, pois faz uma diferenciação entre *ethos* dito e mostrado. No *ethos* dito o enunciador explicita suas características de forma direta, no *ethos* mostrado o enunciador não explicita suas características, apenas fornece pistas.

Assim, podemos dizer que estamos diante de uma relação “orador e auditório” e independente das teorias argumentativas, ambos (orador e auditório) só se adaptarão um ao outro por meio da construção e da aceitação do *ethos*, pois ele “constitui praticamente a mais importante das três provas engendradas pelo discurso – *logos, ethos e pathos*” (EGGS, 2005, p. 29).

No capítulo escrito por Eggs, que se encontra na obra de referência organizada por

Amossy (2005), encontramos alguns *ethos* que podem ser construídos pelo orador ao longo de seu discurso. O primeiro *ethos* citado por ele é o de “honestidade”. “Diremos, portanto, que o orador que mostra em seu discurso um *caráter honesto* parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório” (EGGS, 2005, p. 29). Além desse *ethos*, observamos também os *ethos* de benevolência, equidade, sabedoria, inteligência, pobreza de espírito, coragem, justiça, covardia, injustiça, avareza, generosidade, temeridade, confiança, solidariedade e amabilidade (EGGS, 2005, p. 29-37).

Na obra organizada por Amossy (2005), os *ethos* aparecem na seguinte ordem: *ethos* de honestidade, benevolência, equidade, sabedoria, inteligência, pobreza de espírito, coragem, avareza, generosidade, temeridade, confiança, solidariedade, obsequiedade e amabilidade.<sup>6</sup>

## 2.7 O *ETHOS* SEGUNDO DANTE TRINGALI

De acordo com Tringali (1988, p. 75), é por meio do *ethos* que o orador se revela. O *ethos* manifestado discursivamente pelo orador é o resultado tanto da vida moral quanto discursiva. Para ele, o *ethos* prévio e o discursivo não são excludentes, pois ambos são responsáveis pela imagem que vai sendo construída pelo orador. Não basta que o orador apenas os manifeste, é preciso ir além do discurso, ou seja, que eles se reflitam no dia a dia. Assim sendo, Tringali (1988, p. 76-78) elenca seis *ethos* que podem ser manifestados pelo orador: os *ethos* de humildade, de austeridade, de tranquilidade, de autoritarismo, de honestidade e de alegria.

Ao considerarmos a obra completa em análise, os *ethos* citados pelo autor compõem a seguinte ordem: *ethos* de caráter, austeridade, tranquilidade, costume, severidade, persuasão, amor, eloquência, cômico, autoritarismo, honestidade, alegria, honra, oratória, talento, piedade, afeto e riso.<sup>7</sup>

Ressaltamos que seguimos a ordem dos autores acima de acordo com nosso critério de leitura.

---

<sup>6</sup> Ver anexo G.

<sup>7</sup> Ver anexo H.

### CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Antes de dar início à delimitação do *corpus*, é fundamental que conheçamos as origens, as influências culturais, políticas e religiosas de Paulo e de Pedro, pois são essas que exercerão grande influência na construção discursiva de ambos.

Tanto Paulo quanto Pedro eram oriundos da cultura judaica. Cultura essa marcadamente atrelada a práticas religiosas, cujos membros apresentavam uma postura fundamentalista e, acima de tudo, uma disposição para lutar até a morte por sua crença.

Ambos eram descendentes dos judeus, porém, enquanto Paulo tinha como influência a literatura greco-romana, Pedro nada mais tinha que a influência de uma literatura extremamente fechada, dominada pelos fariseus. Essa diferença cultural, além de criar uma resistência entre os apóstolos, ocasionou, por vezes, embates teológicos entre ambos.

#### 3.1 A IMPORTÂNCIA DE PEDRO E DE PAULO PARA O CRISTIANISMO

Não há dúvida de que estamos diante de dois dos maiores personagens da era cristã: Pedro e Paulo. O primeiro, Pedro, foi escolhido por Jesus para lançar os alicerces da Igreja. O evangelho de Mateus (16.13-19) nos apresenta um diálogo entre Jesus e Pedro, em que podemos perceber a responsabilidade que Jesus concedeu a ele.

Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram. “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou; “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. **Também te digo que tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus**” (BÍBLIA DE JERUSALÉM 2002, p. 1733-1734, grifo nosso).

Embora haja algumas divergências religiosas quanto ao papel que Jesus incumbiu a Pedro (autoridade, lançando a pedra fundamental da igreja), nosso objetivo aqui não é entrar pelo caminho do embate teológico em relação às palavras de Jesus a Pedro e sim justificar, por meio de textos, que Pedro é um personagem que nos oferece grandes possibilidades de análise de *ethos*, pois se trata de um dos maiores líderes dentro do cristianismo.

Mesmo não tendo a envergadura teológica de Paulo, ele procurou centralizar seus estudos nos ensinamentos doutrinários obtidos durante a convivência com Jesus. Segundo a Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2105), Pedro, com a ajuda de seu amigo Silvano, fez de seu ministério uma riqueza apreciável de doutrina, onde a coragem, a paciência, a conduta de vida, a fé e a perseverança nas tribulações surgiram como ideias mestras na luta contra seus inimigos.<sup>8</sup>

A Bíblia de Jerusalém (2002) traz também a informação de que, devido à sua limitação acadêmica, seu ministério teve como característica maior a simplicidade. Pedro procurou viver e agir da mesma maneira que seus “irmãos”. Essa atitude de se aproximar de seus ouvintes por meio do seu comportamento de vida exercerá grande influência na construção discursiva dos seus sermões (I Pedro). Como vemos, seus discursos são fruto das próprias coerções por ele sofridas. Por isso, testemunhando as dificuldades vividas pelos primeiros cristãos, o apóstolo vê a necessidade de pregar mensagens de encorajamento, uma vez que, diante dos problemas que enfrentava, o que mais a Igreja necessitava era desse tipo de suporte para a construção de sua fé.

O segundo, Paulo, também ocupa uma posição de grande destaque dentro da Igreja, pois, por meio de suas treze epístolas, ele orienta à Igreja a dar os primeiros passos rumo à consolidação.

O cristianismo surgiu aproximadamente a 2000 anos atrás e começou a se estruturar após a morte de Jesus Cristo. Durante esse período, passou por uma larga experiência de alegria e dor: alegria, pelo fato de ter superado fases de lutas e provações, e dor, pelo fato de ter perdido nesses longos anos, milhares de vidas. Não há sombra de dúvida que o cristianismo só se manteve de pé graças à participação de líderes marcantes. Grandes homens se destacaram nesta caminhada, dentre alguns podemos citar Lucas (provável escritor do livro dos Atos dos Apóstolos), o profeta João Batista, o reformador Martinho Lutero, João Calvino (um dos criadores do Presbiterianismo) e tantos outros. Cada um teve seu papel e, independente da participação, todos foram de suma importância para a história cristã. Mas,

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que o ministério de Pedro aconteceu em meio a uma guerra política e religiosa entre os romanos e os cristãos.

quando falamos de cristianismo, não há como comparar outros nomes com o nome do apóstolo Paulo.

Mas quem foi esse homem que antes se chamava Saulo e depois passou a se chamar Paulo?

Paulo vinha de uma família moderadamente rica, pois satisfaziam à qualificação de propriedade exigida dos cidadãos de Tarso. Seus pais, que eram da tribo de Benjamim, deram ao filho o nome de seu ilustre antepassado tribal, o rei Saul. Visto que o pai era cidadão de Roma, acrescentaram-lhe o nome latino, Paulus. A cidadania romana colocava-o entre a aristocracia de Tarso (SANDERS, 1983, p. 14).

O que levou o apóstolo Paulo a tão alto grau de importância para os cristãos e por que um judeu deixou suas raízes e foi buscar novas experiências em terras greco-romanas?

Segundo Sanders (1983, p. 28, 29), o que fez de Paulo um dos personagens mais importantes para o cristianismo foi a maneira como as coisas aconteceram em sua vida, principalmente sua conversão a caminho de Damasco. O chamado de Deus a Paulo foi tão claro e específico que não lhe restaram dúvidas de que Deus o havia escolhido para ser propagador do cristianismo. Paulo, portanto, sentindo-se chamado por Deus, abre mão de todos os privilégios que possuía e adota um novo estilo de vida, tendo como influência a cultura greco-romana, em que a vida acadêmica e o sofrimento passam a fazer parte de sua nova vida, não mais como Saulo e sim como Paulo.

Paulo é considerado por alguns teólogos como o maior líder da história do cristianismo. Para Becker (2007, p. 14), ele teve como missão fazer com que o cristianismo adquirisse nova autonomia e se expandisse pelo mundo, como fez. Pelo seu conhecimento intelectual e as habilidades argumentativas que possuía, Paulo era o homem mais apto a tomar a frente neste trabalho, pois possuía uma vasta experiência cultural. Ainda falando a respeito da capacidade do apóstolo, Sanders (1983, p. 14-15) afirma que o fato de seu pai ser fariseu contribuiu grandemente para que ele fosse educado nas melhores tradições judaicas. Tudo foi cautelosamente pensando por sua família para que ele não sofresse influências negativas de outras culturas.

O ministério de Paulo é uma história de sucesso que vem acompanhado de muitas perguntas e, diante dessas perguntas, foi que surgiu o interesse em trabalharmos a construção ética desse tão respeitado apóstolo.



Com o objetivo de responder e resolver algumas questões relacionadas à vida de Pedro e Paulo, buscamos por meio deste texto, elencar algumas das informações acerca da importância que esses dois apóstolos ocuparam e ainda ocupam dentro da Igreja.

Diante do papel desempenhado por Pedro e Paulo e a riqueza apresentada por seus escritos nas Epístolas de II Coríntios e I Pedro, optamos por analisar os *ethos* que constituem a vida desses dois homens, pois ambos obtiveram, por meio de seus trabalhos, grande destaque tanto dentro quanto fora da Igreja, contribuindo assim para a sua consolidação como uma das maiores influências no mundo, desde o período medieval até os dias atuais.

### 3.1.1 O SIGNIFICADO DO TERMO APÓSTOLO

Os apóstolos foram homens escolhidos por Jesus, tinham como responsabilidade lançar os alicerces da Igreja e fazer com que o evangelho chegasse a todas as nações, ocasionando assim a consolidação do cristianismo como religião universal.

O que caracterizava esses homens era justamente o “chamado de Deus”, pois, naquela época nada seria capaz de fazer com que alguém abrisse mão do conforto familiar para se embrenhar em terras estranhas e culturas desconhecidas. Além disso, enfrentavam ameaças de morte, fome, sede e todo tipo de doenças. Devido às duras experiências que viveram, pelo estilo abnegado, tornaram-se grandes heróis da fé cristã.

Os primeiros apóstolos, aqueles que antecederam a Paulo, tiveram, como característica maior, o fato de terem sido testemunhas oculares de Jesus Cristo, ou seja, além de andarem com Jesus, tiveram uma experiência pessoal com Ele. Dentre eles, destaca-se Pedro.

Berkhof (2007), ao tratar dos oficiais da Igreja, divide-os em duas categorias, a saber, os “oficiais extraordinários e os oficiais ordinários”. Os oficiais extraordinários são formados pelos apóstolos, profetas e evangelistas e os oficiais ordinários são formados pelos presbíteros, mestres e diáconos. Berkhof (2007, p. 538) ainda afirma que o termo apóstolo “só é aplicável aos 12 escolhidos por Jesus e a Paulo; mas também se aplica a certos homens apostólicos que assessoraram Paulo em seu trabalho e que foram dotados de dons e graças apostólicas”. O que difere os apóstolos dos demais oficiais é o fato de eles terem sido constituídos autoridades máximas dentro da Igreja.

A partir da morte de Jesus, os apóstolos foram comissionados pela palavra mediante a inspiração do Espírito Santo.

### 3. 2 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

Os indícios da manifestação dos *ethos* dos apóstolos Paulo e Pedro presentes na II epístola de Paulo aos Coríntios e na I epístola de Pedro aos judeus foram determinantes para a escolha e delimitação do *corpus*. Em se tratando de dois personagens históricos, temos, por meio do paradigma indiciário<sup>9</sup>, a possibilidade de analisar e descrever os *ethos* manifestados pelos apóstolos em suas epístolas. Assim, valendo-nos desse paradigma, encontramos, nas epístolas selecionadas, não apenas o maior número de narrativas com indícios e pistas da constituição ética desses autores, mas também os caminhos a serem percorridos na análise.

Embora saibamos que os escritos de autoria dos apóstolos Paulo e Pedro vão muito além e que constituem uma vasta obra literária, decidimos delimitar nosso *corpus* de pesquisa à II Epístola de Paulo aos Coríntios e a I Epístola de Pedro aos judeus. Isso porque, diante das várias leituras que fizemos, entendemos que essas duas nos oferecem todo o suporte necessário para a realização da análise. Serão pesquisados os textos contidos em ambas e, por meio deles, procuraremos identificar os *ethos* manifestados por seus autores.

Os procedimentos de análise do *corpus* se darão da seguinte maneira: começaremos pela II Epístola de Paulo aos Coríntios, composta por treze capítulos. Procuraremos identificar os *ethos* manifestados pelo apóstolo Paulo em cada capítulo com base em nosso arcabouço teórico.

Em seguida, concentrar-nos-emos em analisar a I Epístola de Pedro, composta por cinco capítulos, em que identificaremos os *ethos* do apóstolo Pedro, também de acordo com o arcabouço teórico mencionado.

Identificados os *ethos* manifestados pelos apóstolos, compararemos os *ethos* de cada um para que possamos identificar as possíveis causas das divergências doutrinárias que marcaram a vida teológica de ambos.

---

<sup>9</sup> O Paradigma Indiciário é um método criado por Carlo Ginzburg (historiador italiano) com o objetivo de oferecer caminhos ao pesquisador, por meio de indícios e pistas, valorizando a aproximação do pesquisador com o objeto de estudo.

Apresentamos a seguir uma descrição das epístolas que constituem o *corpus* de análise, dando início pela II epístola de Paulo aos Coríntios.

### 3.2.1 A II EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS<sup>10</sup>

Ao escrever essa epístola, o apóstolo Paulo tinha como objetivo defender seu ministério apostólico e também orientar os membros da Igreja de Corinto contra os falsos mestres.<sup>11</sup> Esta carta é destinada à Igreja de Corinto como a todos os demais cristãos do mundo. Paulo, ao escrevê-la, tem como objetivo manter o diálogo com seu auditório, algo muito típico em suas cartas, pois, devido a sua capacidade intelectual, procurava se interagir com seus ouvintes, levando-os a compreenderem sua teologia. Em relação ao caráter dialógico que Paulo imprimiu nas suas cartas, Dunn (2003, p. 37) afirma que “temos que falar da teologia de Paulo como em diálogo com outras teologias. Mas em outro sentido a teologia de Paulo era ela mesma o diálogo”, ou seja, Paulo tinha consciência da importância que era trazer o auditório para junto de si.

Para facilitar o entendimento do leitor, a *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal* (2004, p. 1609) nos apresenta o seguinte esboço da composição da II epístola aos Coríntios.

Propósito:

- ✓ Afirmar o ministério de Paulo, defender sua autoridade como apóstolo e refutar os falsos mestres em Corinto.

Autor:

- ✓ Paulo.

Destinatários:

- ✓ À Igreja em Corinto e aos cristãos de todo o mundo.

Data:

- ✓ Aproximadamente 55-57 d.C., da Macedônia.

Panorama:

- ✓ Paulo escreveu quatro cartas aos Coríntios (duas estão atualmente perdidas). Em I Coríntios (a segunda destas cartas), ele usou palavras fortes para corrigir e ensinar. A

---

<sup>10</sup> A epístola em questão encontra-se transcrita na íntegra no Anexo A deste trabalho.

<sup>11</sup> Corinto era uma cidade portuária, ficava ao Sul da Península de Peloponeso (Grécia). Abrigava o templo da deusa Afrodite. Deusa do amor, da beleza e da sexualidade. Além desse templo a cidade também se destacava pelo grande número de prostitutas e falsos profetas, que insistiam em pregar heresias aos cristãos.

maior parte da igreja respondeu do modo esperado, porém existiam aqueles que estavam negando a autoridade de Paulo e questionando seus propósitos.

Versículo-chave:

- ✓ “De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus” (II Coríntios 5. 20).

Pessoas-chaves:

- ✓ Paulo, Timóteo, Tito e os falsos mestres.

Lugares-chaves:

- ✓ Corinto e Jerusalém.

Características particulares:

- ✓ Esta é uma carta autobiográfica e extremamente pessoal.

A partir deste momento nos concentraremos em apresentar um breve estudo a respeito da I epístola de Pedro aos judeus.

### 3.2.2 A I EPÍSTOLA DE PEDRO<sup>12</sup>

A Igreja de Jerusalém vinha tentando se afirmar como símbolo do cristianismo, não apenas em sua terra natal, mas em todo o mundo. Esse período é marcado por perseguições e mortes. O imperador Nero era o grande perseguidor da Igreja nessa época e provavelmente tenha sido o executor de Pedro.

Segundo as tradições antigas,

Embora sejam muito poucas as informações que temos a respeito do fim de sua vida, uma tradição muito segura afirma, com efeito, que se transferiu para a capital do império, onde morreu mártir no tempo de Nero (em 64 ou 67?) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2104).

Muitos dogmas que o cristianismo defende atualmente estavam em pleno surgimento, ou seja, havia muitas dúvidas e insegurança por parte dos primeiros cristãos.

O apóstolo Pedro, percebendo as adversidades que a Igreja vinha sofrendo, procura incentivá-la por meio de um texto escrito. De acordo com a Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2104), “a finalidade desta epístola é sustentar a fé dos seus destinatários em meio às

---

<sup>12</sup> A epístola em questão encontra-se transcrita na íntegra no Anexo B deste trabalho.

provações que os assaltam”.

Segundo a *Bíblia de Estudo e Aplicação Pessoal*<sup>13</sup> (2004, p. 1808), o esboço da I Epístola de Pedro aos Judeus segue a seguinte ordem:

Propósito:

- ✓ Oferecer encorajamento aos cristãos que sofriam.

Autor:

- ✓ Pedro.

Destinatários:

- ✓ Os cristãos judeus expulsos de Jerusalém e espalhados ao longo da Ásia Menor, e todos os crentes, de todos lugares.

Data:

- ✓ Aproximadamente 61-64 d.C., possivelmente escrita de Roma.

Panorama:

- ✓ Pedro provavelmente estava em Roma quando a grande perseguição sob o comando do Imperador Nero teve início. (Pedro foi executado durante esta perseguição). Ao longo do Império Romano, os cristãos estavam sendo torturados e mortos por causa de sua fé, e a igreja de Jerusalém estava sendo dispersada.

Versículo-chave:

- ✓ “Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e gloria na revelação de Jesus Cristo” (I Pedro 1. 7).

Pessoas-chaves:

- ✓ Pedro, Silas e Marcos.

Lugares-chaves:

- ✓ Jerusalém, Roma, e as regiões de Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia Menor e Bitínia.

Características particulares:

- ✓ Pedro usou várias imagens que lhe eram muito específicas, porque Jesus as usou quando revelou certas verdades a Pedro. O nome de Pedro (que significa “pedra”) lhe foi dado por Jesus. A concepção da Igreja – como uma casa espiritual composta por pedras vivas edificadas sobre a Rocha, que é Cristo – veio do próprio Senhor. Jesus

---

<sup>13</sup> Optamos pela utilização da *Bíblia de Estudo e Aplicação Pessoal* pelo fato de conter textos claros e objetivos, expondo-os por meio de esboços com vistas a orientar seus leitores e facilitar a compreensão.

encorajou Pedro a cuidar da Igreja como um pastor que cuida de seu rebanho. Deste modo, não é de se estranhar ver Pedro usando palavras como: pedras vivas (I Pedro 2. 5-9) e pastores e rebanho (I Pedro 2. 25; 5. 2-4) para descrever a Igreja.

Apresentado o *corpus*, daremos início à análise dos *ethos* dos apóstolos Paulo e Pedro manifestados nos textos selecionados.

## **CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS *ETHOS* DOS APÓSTOLOS PAULO E PEDRO MANIFESTADOS EM TEXTOS BÍBLICOS**

Neste capítulo, pretendemos identificar os *ethos* dos apóstolos Paulo e Pedro manifestados na II epístola de Paulo aos coríntios e na I epístola de Pedro aos judeus, ao final da análise faremos uma comparação entre a constituição ética de Paulo e a de Pedro para que possamos entender as semelhanças e as diferenças de ideias entre ambos.

Para esta análise utilizaremos o arcabouço teórico constituído pelos autores Abreu (2001), Amossy (2005), Aristóteles (1964), Citelli (1999), Meyer (2007), Reboul (2004), Charaudeau (2011), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) e Tringali (1988), bem como o *corpus* extraído da Bíblia de Jerusalém<sup>14</sup>.

### **4.1 OS *ETHOS* DE PAULO MANIFESTADOS NA II EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS**

(1) O *ethos* de escolhido – (II Coríntios 1. 1-2)

*Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e Timóteo, o irmão, à Igreja de Deus que está em Corínto, assim como a todos os santos que se encontram na Acaia inteira. A vos graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo! (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2017).*

Paulo ao escrever aos membros da Igreja de Corinto saúda-os com a graça e paz. Ele deixa bem claro que não se trata de um homem qualquer, pois se apresenta como apóstolo de

---

<sup>14</sup> Os excertos da bíblia serão transcritos em itálico para facilitar sua visualização ao longo da análise.

Jesus Cristo, dizendo que é pela vontade de Deus que ele foi alçado a este tão importante cargo. Temos aqui a manifestação do *ethos* de escolhido, pois, para se tornar um anunciante da palavra de Deus, era fundamental que, antes de tudo, o homem fosse escolhido por Deus, ainda mais em se tratando do apostolado, um cargo de tão grande importância para a Igreja Católica Romana.

O *ethos* de escolhido manifestado por Paulo está ligado à doutrina da eleição, doutrina esta tratada com muita naturalidade pelo apóstolo, tanto que, ao escrever sua primeira carta às igrejas, em especial a Roma, ele se apresenta afirmando: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o evangelho de Deus” (Romanos 1. 1). Escrevendo aos Gálatas (1. 15), Paulo afirma “aquele que me separou *desde o seio materno* e me chamou por sua graça”.

O *ethos* que Paulo manifesta em II Coríntios (1. 1-2) nada mais é do que uma defesa da doutrina da eleição, a qual ele advogava com muito afinco e que se tornou bem visível em sua vida por meio do apostolado e da pregação.

Para entendermos o papel da pregação dentro do cristianismo, e para os eleitos a fazê-la, Jones declara:

A obra da pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser convocado. Se alguém quiser saber outra razão em acréscimo, então eu diria sem qualquer hesitação, que a mais urgente necessidade da igreja cristã da atualidade é a pregação autêntica (JONES, 1971, p. 9).

Podemos afirmar, com base nessas palavras que, a partir do momento em que o pregador expõe a palavra de Deus, ele já está automaticamente manifestando o *ethos* de escolhido, pois, antes de ser “convocado para pregar a palavra”, ele foi escolhido para tal tarefa.

A referência que Paulo faz aos nomes de Cristo Jesus, Deus e conseqüentemente ao Espírito Santo, tanto no início quanto no final do texto, fortalece ainda mais a manifestação do *ethos* de escolhido, pois, de acordo com Moura (2009, p. 50), a partir do momento em que o sacerdote cita os nomes divinos, além de demonstrar proximidade com a santíssima trindade, ele está também se fazendo valer destes nomes para convencer seus ouvintes de que se trata de uma pessoa escolhida.

Portanto, diante da análise acima, não há dúvida, para aqueles que creem, estamos

diante de um homem escolhido por Deus.

(2) O *ethos* de consolador – (II Coríntios 1. 3-4)

*Bendito seja o Deus e pais de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! Ele nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2017).*

Vimos, e veremos ao longo dessa análise, que a vida de Paulo foi marcada por muitas lutas, provações e perseguições. À medida que a evangelização dos habitantes de Corinto obtinha êxito, Paulo passou a ser visto pelos judeus como uma grande ameaça ao judaísmo cristão, pois não aceitavam que os gentios também fossem dignos de tal graça. Por esse motivo, as mensagens de Paulo eram vistas como um desrespeito às leis judaicas. Paulo, segundo consta, foi levado ao tribunal para prestar conta de suas mensagens consideradas heréticas (Atos 18. 12).

Os problemas vividos pelo apóstolo não diziam respeito apenas à vida interna da igreja, pois, em meio às crises de comportamento que os membros da Igreja de Corinto atravessavam, Paulo ainda precisava enfrentar os obstáculos sociais que a cidade lhe oferecia. Em meio a todos estes problemas o apóstolo então se vê em um momento difícil de sua vida e se sente na necessidade de ser consolado. Deus por meio de Áquila e Priscila (novos cristãos convertidos) oferece apoio a Paulo, contribuindo assim para a sua restauração. Paulo, agradecido pelo carinho, recebido inicia o texto acima, chamando Deus pelo nome de “Pai das misericórdias e Deus de toda consolação”.

Temos a partir deste momento o *ethos* de consolador manifestado no discurso do apóstolo, pois aquele que foi consolado, agora por livre e espontânea vontade sente-se motivado a consolar também os necessitados de Corinto. Temos aqui um sentimento nobre por parte do apóstolo, pois seu desejo agora é de compartilhar e levar os membros locais a entenderem que a realização pessoal só será alcançada mediante a ajuda um do outro, ou seja, o individualismo, algo tão presente em Corinto (e que acabava afetando a vida da Igreja), não contribuía em nada para o crescimento do ser humano.

O *ethos* de consolador construído discursivamente por Paulo também nos dá a ideia de



sensibilidade, pois o apóstolo, ao se sentir consolado por Deus, pode compreender as crises vividas pelos outros a ponto de dizer: “ele nos consola em todas as tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação (II Coríntios 1. 4)”. Com isso, podemos inferir que o *ethos* de consolador, manifestado aos fiéis da Igreja local é resultado da experiência de vida do apóstolo.

### (3) O *ethos* de alegria – (II Coríntios 1. 12-13)

*O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência; comportamo-nos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com simplicidade e a pureza que vêm de Deus, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus. Com efeito, nada há em nossas cartas a não ser o que nelas ledes e compreendeis plenamente (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2018).*

Nesse texto, Paulo, além de manifestar o *ethos* de alegria, também manifesta os *ethos* de simplicidade e pureza. Segundo as palavras do apóstolo o motivo de tanta alegria é o testemunho que ele tem dado a sua igreja.

Paulo tinha ciência de que seu testemunho de vida como cristão deveria ser exemplar, pois como líder ele precisava conduzir os membros da Igreja de Corinto a uma vida de santidade e compromisso diante de Deus.

Comportando no mundo com consciência, simplicidade e pureza, ele tinha certeza que estava caminhando de acordo com o que Deus e a Igreja local esperavam dele. Assim, Paulo se sentia alegre em saber que, no momento oportuno, Deus o iria recompensar pelo bom testemunho dado aos cristãos. A alegria era, portanto, uma recompensa pelo bom testemunho de vida.

A alegria pode ser definida como um sentimento de satisfação, regozijo e gozo que caracteriza o estado emocional ou espiritual do ser humano. Para Descartes (1987, p. 112), “a alegria é uma agradável emoção da alma, na qual consiste o gozo que ela frui do bem que as impressões do cérebro lhe representam como seu”.

A alegria era algo bem comum na vida de Paulo. Escrevendo aos Filipenses, ele nos dá a entender que o ufanismo não dependia do momento em que se encontrava, pois quando a escreveu ele estava preso em Filipos.

Filipos, importante cidade da Macedônia e colônia romana, tinha sido evangelizada por Paulo durante sua segunda viagem, entre o outono de 48 e o verão de 49 (At 16. 12-40). [...] E quando Paulo lhes escreve, é precisamente para agradecer-lhes novos recursos que ele acaba de receber por intermédio do delegado deles, Epafrodito (Fl 4. 10-20). [...] Paulo está preso no momento em que lhes escreve (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1960).

Uma das principais características dessa carta é a alegria demonstrada pelo apóstolo Paulo, pois ele afirma que *“todas as vezes que me lembro de vós, e sempre em todas as minhas súplicas oro por todos vós com alegria, (Fl. 1. 3-4)”* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2048).

Essa alegria é resultado do crescimento que o cristianismo vinha obtendo na Ásia Menor e em outras partes do mundo, daí o fato do apóstolo se sentir compensado por Deus, pois sabia que seu objetivo estava sendo alcançado.

O crescimento do cristianismo, juntamente com a simplicidade e a pureza de vida contribuíram grandemente para que Paulo vivesse sempre alegre.

#### (4) O *ethos* de solidariedade – (II Coríntios 2. 3)

*A finalidade da minha carta era evitar que, ao chegar, eu experimentasse tristeza da parte daqueles que me deveriam proporcionar alegria. Estou convencido, no que vos diz respeito, de que a minha alegria é também a de todos vós* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2018).

Como sabemos, as cartas paulinas foram destinadas às Igrejas cristãs com o objetivo de orientá-las e confortá-las diante das perseguições.

Os primeiros séculos foram de muita luta e sofrimento por parte das igrejas. Paulo declarava em seus discursos que não bastava apenas levar uma mensagem profética, mais que isso, a Igreja precisava de alguém ao seu lado para ajudá-la a enfrentar as muitas perseguições.

Temos, por meio dessas palavras, a manifestação do *ethos* de solidariedade no discurso de Paulo, pois, de acordo com as palavras de Charaudeau (2011), o *ethos* de “solidariedade” desperta uma sensibilidade no orador de modo que ele se sinta motivado a se fazer presente ao lado do seu auditório.

Percebendo a necessidade de estar ao lado de seus “irmãos”, Paulo escreve com o objetivo de fortalecer a relação entre ele e os membros da Igreja local e também de se mostrar presente por meio de um texto escrito. Paulo afirma que a realização pessoal de um deve ser a realização pessoal do outro, ou seja, todos deverão se mostrar alegres com a realização do próximo.

O *ethos* de “solidariedade” manifesta-se mais uma vez no discurso de Paulo a partir do momento que o apóstolo declara que a sua alegria é resultado da alegria demonstrada pelos demais cristãos. Temos aqui um sentimento altruísta por parte de Paulo para com a igreja de Corinto.

A respeito da assistência de Paulo e de sua relação solidária para com as Igrejas, Sanders (1983, p. 51) declara que seu grande segredo, ao se envolver com os cristãos, era sua capacidade de amá-los de modo altruísta e incondicional. Paulo sabia que não deveria esperar nada em troca, pois o ser humano é egoísta e temperamental. Mesmo assim, Paulo desenvolveu grandes amizades, como por exemplo, sua amizade com Lucas, o médico amado, sua amizade com Barnabé, João Marcos, Timóteo.

Além dessas amizades, Paulo teve muitas outras, principalmente com mulheres que lhes assistiram na obra missionária.

Sanders (1983, p. 51) ainda afirma que “a capacidade de fazer amigos era um fator de primeira importância em sua habilidade para inspirar outros a qualidades semelhantes de liderança”.

Paulo, mesmo sabendo das dificuldades que iria encontrar dentro da Igreja, não omitiu a solidariedade e a amizade para com seus fiéis.

Colaborando com o sentimento altruísta de Paulo, Aristóteles (1964, p. 110) declara que “mostra-se verdadeiramente amigo o homem que quer para o ser amado aquilo que quer para si”.

##### (5) O *ethos* de amabilidade – (II Coríntios 2. 4-5)

*Por isto, foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas, não para vos entristecer, mas para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco. Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas em certa medida (não exageremos) a todos vós (BÍBLIA*

DE JERUSALÉM, 2002, p. 2018).

Nesse texto, Paulo demonstra, por meio de suas palavras, muita angústia e tristeza, pois o período de trabalho ao lado dos membros de Corinto até o presente momento não havia surtido efeito.

As muitas lágrimas mencionadas por ele se devem ao fato de a atenção dos membros da Igreja de Corinto estar voltada para os falsos mestres que insistiam em pregar heresias. Essas mensagens heréticas tinham tamanha influência na vida dos Coríntios a ponto de chegarem a renegá-lo como apóstolo.

A falta de amor e carinho entre os fiéis de Corinto era tão grande de modo que Paulo os exorta, na I Epístola aos Coríntios (13. 1-13), sobre a falta de respeito, o individualismo que imperava e a busca excessiva pela realização pessoal.

Com o coração angustiado e os olhos lacrimejados, Paulo, então, como uma maneira de desabafar, afirma que escreveu com o objetivo de declarar o amor transbordante que ele tem para com a Igreja.

Temos, a partir deste momento, a manifestação do *ethos* de amabilidade no discurso paulino.

Esse amor de Paulo para com os cristãos locais é resultado da convivência e da responsabilidade que ele teve para com eles, pois, de acordo com Aristóteles (1964, p. 110), “amamos ainda aqueles que nos fazem bem, ou aqueles que estão ao nosso cuidado, se esses serviços são importantes, ou prestados com prontidão, ou em tais circunstâncias e tendo em mira o nosso interesse”.

O crescimento do cristianismo além de ser de suma importância para Paulo, também exigia prontidão do mesmo diante dos fiéis, daí o fato de seu sentimento corroborar as palavras de Aristóteles (1964).

A manifestação desse *ethos* se caracteriza pela dor e plenitude, pois, embora seja um amor que transborde todo sentimento de afeição por parte do apóstolo, também é um sentimento que o faz conviver com a dor e a angústia de não ser correspondido.

Paulo, com suas palavras de amor, deixa claro no texto que o sentimento dele pelos cristãos de Corinto é tão intenso que chega a transbordar, pois por proceder de Deus, era um sentimento que as vezes até o levava a gemer de dor e tristeza.

(6) O *ethos* de generosidade – (II Coríntios 2. 8-10)

*Sendo assim, exorto-vos a que deis provas de amor para com ele, pois, ao vos escrever, eu tinha em mira por à prova a vossa obediência e averiguar se era total. Àquele a quem perdoais eu perdoo! Se perdoei – à medida que tinha de perdoar – fi-lo em vosso favor, na plena presença de Cristo (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2019).*

O *ethos* de generosidade manifestado acima é consequência do *ethos* de virtude que veremos abaixo, pois como sabemos, a virtude é um sentimento tão sublime e infinito que pode gerar outras qualidades na vida daquele que o possui e a generosidade é apenas mais uma dessas qualidades.

Essas qualidades mencionadas acima são fundamentais na construção discursiva gerenciada pelo orador, uma vez que, de acordo com Charaudeau (2011, p. 124), elas demonstram sentimentos de respeito, amor, transparência e cuidado para com o cidadão, em especial o auditório.

Paulo, no início do texto, exorta seus membros a darem provas de amor ao irmão que pecou, seja quem for. De acordo com a filosofia cristã, sabemos que todos estão na mesma situação, ou seja, todos são pecadores e todo o corpo da Igreja necessita de perdão.

Para o apóstolo a obediência que os fiéis demonstravam era algo de momento ou até mesmo influenciada pela emoção, tanto que ele chega a afirmar no texto que iria colocá-la a prova para saber se era total.

A estratégia que o apóstolo utiliza para testar a obediência dos fiéis se dá por meio da generosidade, se a Igreja é realmente generosa como ele, então deve perdoar.

A partir deste momento percebemos a manifestação do *ethos* de generosidade no discurso de Paulo quando ele declara: “Àquele a quem perdoais eu perdoo!”.

Paulo, ao declarar que também está disposto a perdoar, utiliza a técnica conhecida como “provas psicológicas” que, segundo Tringali (1988, p. 74), são provas que exploram a emoção e a paixão do auditório, pois “o orador através de argumentos desta natureza, desperta a afetividade para conseguir seus interesses”. O apóstolo, para conseguir que seus interesses sejam realizados, faz com que os membros locais façam uma troca com ele, ou seja, “àquele a quem a igreja perdoar”, ele (Paulo) também perdoa.

Este ato de generosidade por parte do apóstolo teve como objetivo servir como

exemplo para os demais membros da Igreja, tanto que ele afirma ter feito isso em favor dela, tendo como testemunha Jesus Cristo.

O homem generoso se caracteriza pelo desejo de dividir o que possui com os outros, não apenas os bens materiais, mas também tudo aquilo que é bom e que poderá vir a contribuir para a felicidade do próximo.

Aquele que é generoso não é egoísta, pois tem para com o próximo um sentimento nobre e um desejo imenso de crescer ao lado do outro, agindo por livre e espontânea vontade.

Assim creio que a verdadeira generosidade, que leva um homem a estimar-se ao mais alto ponto em que pode legitimamente estimar-se, consiste apenas, em parte, no fato de conhecer que nada há que verdadeiramente lhe pertença, exceto essa livre disposição de suas vontades, nem por que deva ser louvado ou censurado senão pelo seu bom ou mau uso, e, em parte, no fato de ele sentir em si próprio uma firme e constante resolução de bem usá-la, isto é, de nunca carecer de vontade para empreender e executar todas as coisas que julgue serem as melhores, o que é seguir perfeitamente a virtude (DESCARTES, 1987, p. 136).

Portanto, Paulo, ao declarar que está disposto a perdoar, acaba manifestando em seu discurso o *ethos* de generosidade, pois somente os homens generosos praticam tais qualidades.

#### (7) O *ethos* de virtude – (II Coríntios 2. 15-17)

*Em verdade, somos para Deus o bom odor de Cristo, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem; para uns, odor que da morte leva à morte; para outros, odor que da vida leva à vida. E quem estaria à altura de tal missão? Não somos como aqueles muitos que traficam a palavra de Deus; é, antes com sinceridade, como enviados de Deus, que falamos, na presença de Deus, em Cristo (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. p. 2019).*

Quando Paulo afirma que “os cristãos são para Deus o bom odor de Cristo”, ele afirma que, independente do meio em que estão inseridos, os cristãos devem contribuir para a formação de um ambiente saudável. Assim, percebemos por meio de suas palavras a manifestação do *ethos* de virtude, pois, conforme Charaudeau (2011), a virtude tem como características a sinceridade, a fidelidade e a honestidade. Qualidades que contribuem para

todo o tipo de ambiente.

Percebemos também que o apóstolo orienta seus membros a não negociarem a palavra de Deus, pois, independente do meio que eles vivem, devem se fazer valer das qualidades que possuem, tanto diante daqueles que se salvam quanto daqueles que se perdem, ou seja, quem é virtuoso não trafica, nem mercadeja a palavra de Deus. Estas palavras citadas por Paulo são tema central de sua mensagem.

A manifestação desse *ethos* tem como objetivo exortar aqueles que negociavam a palavra de Deus em troca de favores, passando-se por falsos mestres e comportando-se de maneira vil e desonesta.

Paulo, então, se apresenta como homem sincero, ou seja, que não negocia a palavra de Deus e nem se deixa levar pela falsidade, pois é com sinceridade que ele, como enviado de Deus, fala ao povo.

Esse comportamento por parte do apóstolo é de suma importância para a persuasão de seu auditório, uma vez que, como explicita Meyer (2007, p. 54), o orador pode utilizar a virtude como uma arma, chamando o auditório para junto de si, que se encanta com demonstrações sinceras e autênticas por parte do orador.

Meyer (2007, p. 56) ainda afirma que “a sinceridade do discurso é primordial para nosso auditório, e ela vem antes da avaliação da resposta, para se saber se ele vai acreditar no orador”. Em se tratando do auditório cristão a sinceridade desempenha um papel fundamental, pois trata-se de um grupo extremamente conservador.

Paulo também demonstra por meio de seu discurso o caráter de homem honesto, fiel e corajoso. Esses adjetivos têm um papel muito importante para o sucesso da argumentação, pois os mesmos podem fazer com que o orador sintam-se a vontade para gerenciar sua relação para com o auditório.

Para Aristóteles (1964, p. 59), “a coragem é a virtude que torna os homens capazes de belas ações nos perigos e de acordo com a lei e os torna servos dóceis desta lei; a covardia é o contrário”.

Essa linha de raciocínio nos leva a concluir que Paulo se tornou um servo de Deus pelo fato de ser um homem virtuoso; lembrando que o homem virtuoso se destaca pelo jeito de ser e de agir, pratica o bem, é amigo da verdade e, mesmo vivendo em uma sociedade marcada pela corrupção e pela falta de honestidade, não se deixa corromper.

Em Sêneca (2006, p. 46), encontramos o seguinte esclarecimento acerca da virtude:

Eu também não nego que alguém possa viver feliz sem que de modo honesto. Isso não vale nem para os animais nem para quem mede a felicidade só pela comida. Afirmando, de modo claro e categórico: a vida que eu defino como prazerosa não pode ser outra senão aquela associada à virtude.

Percebe-se por meio deste estudo que o *ethos* de virtude construído no discurso do apóstolo Paulo, além de apresentar algumas facetas de sua personalidade, também pode ser visto como uma estratégia utilizada por ele para chamar a atenção da Igreja quanto ao tráfico da palavra de Deus, que vinha sendo constantemente praticado por algumas pessoas, tanto dentro quanto fora da Igreja.

(8) O *ethos* de competência – (II Coríntios 3. 4-6)

*Tal é a certeza que temos, graças a Cristo, diante de Deus. Não como se fossemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas é de Deus que vem a nossa capacidade. Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2019).*

Na construção discursiva desse excerto, Paulo se apresenta como homem apto para desempenhar a função de líder à frente da Igreja. Afirma sentir-se capaz e com muito poder para realizar aquilo que lhe foi conferido, não por mérito próprio, mas por ter recebido toda a capacidade de Deus.

Temos, por meio dessas qualidades mencionadas pelo apóstolo Paulo, a manifestação do *ethos* de competência, pois, de acordo como Charaudeau (2011, p. 125), “o *ethos* de “competência” exige de seu possuidor, ao mesmo tempo, saber e habilidade: ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas igualmente provar que possui os meios, o poder e a experiência necessários”.

Chama nossa atenção o fato de o apóstolo dizer que a letra mata, mas o Espírito comunica a vida. Paulo, declara com essas palavras, que o discurso por ele construído é de total confiança, pois trata também de um homem inspirado por Deus. Temos aqui o próprio Deus tornando-o apto para a realização daquilo que lhe apresentará como tarefa.



Quanto ao saber e a habilidade, Paulo possuía muito conhecimento filosófico e teológico para realização de sua tarefa e utilizava-os com muito esmero.

O saber e a habilidade são qualidades essenciais e precisam ser muito bem dominadas pelo orador. No caso do apóstolo, era fundamental que ele dominasse essas qualidades, pois, em seus discursos, Paulo se concentrava em educar os primeiros cristãos quanto às doutrinas ensinadas pelos hereges que insistiam em pregar o gnosticismo (mistura de filosofia com religião). A maneira encontrada por Paulo para orientá-los foi por meio da utilização da técnica aristotélica conhecida como *maiêutica*, ou seja, com perguntas e respostas aos seus alunos (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1956).

Essa estratégia exigia muito conhecimento do apóstolo, pois os habitantes de Corinto eram cultos e muitos sofriam influência dos fariseus, uma seita que tinha como maior característica o conhecimento das leis judaicas. Paulo sabia que, para educá-los, ele precisaria dominar muito bem essa técnica aristotélica, que Paulo realmente dominava como poucos.

Conforme os comentários da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1955-1956), Paulo foi um homem diferenciado, possuía uma inteligência acima da média e procurava usá-la sempre em favor de sua Igreja. Dominava a teologia e a arte da argumentação com muita facilidade, pois como orador estava sempre em contato com elas, além de dominar os métodos exegéticos, pois desde criança vinha sendo orientado por seus pais.

Ao declarar que Deus o tornou apto para a realização daquilo que lhe competiu, Paulo está se referindo à oportunidade que teve de ser envolvido com outras culturas e poder, por meio do apoio familiar, ter a oportunidade de se tornar capaz de realizar tudo aquilo que lhe foi ordenado.

O *ethos* de competência manifestado por Paulo no texto, além de ter como suporte sua vasta experiência cultural e acadêmica, também tem como monitores Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo.

(9) O *ethos* de conhecimento – (II Coríntios 4. 6-16)

*Porquanto Deus, que disse: Do meio das trevas brilhe a luz, foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo. Por isto não nos deixamos abater. [...] Pelo contrário, embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia*

(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2020).

O *ethos* de “conhecimento” se manifesta sob a forma de energia física, energia que emerge das profundezas terrestres (trevas), força telúrica contra a qual não se pode enfrentar, e também sob a forma de determinação e ação. Contra a força da natureza nada pode resistir (CHARAUDEAU, 2011, p. 138).

Essa energia física pode ser percebida logo no início do texto por meio da ação do Espírito. O Espírito surgindo do meio das trevas faz com que reluz a glória de Deus, conhecimento este, até então, obscurecido pela “decadência em que se encontra o homem”.

Paulo usa o pronome “nossos” para dizer que este conhecimento também é atribuído aos demais membros da Igreja. Embora seja destinado aos cristãos de Corinto, pode também ser destinado aos cristãos de maneira universal.

Alguns, mesmo recebendo este conhecimento, por falta de sabedoria ou habilidade não o desenvolvem, pois, interiormente falando, ainda se encontram arruinados. Paulo, porém, sentindo-se renovado a cada dia, torna-se mais sensível a ponto de perceber que, por meio da ação do Espírito, ele pode agir em favor dos cristãos, usando o conhecimento que lhe foi concedido por Deus.

O conhecimento que o Espírito reluziu no coração de Paulo faz com que ele não se abata, pois, conhecedor da glória que lhe está reservada, o apóstolo acredita que será recompensado por suas longas horas de luta e trabalho.

Temos, nas palavras de Paulo mencionadas acima, a manifestação do *ethos* de conhecimento, pois, além de fazer com que o grupo permaneça unido e não se abata com os problemas, o apóstolo também contribui para o crescimento coletivo da Igreja, orientando-a de acordo com que ele aprendeu de seus antepassados e principalmente de Deus.

(10) O *ethos* de confiança – (II Coríntios 5. 6-8)

*Por conseguinte, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão... Sim, estamos cheios de confiança, e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.

2020).

Paulo se apresenta acima como um estrangeiro, aquele que habita um corpo que na verdade não é o seu, pois vivendo sobre a influência da matéria, acaba tendo de arcar com as duras consequências de estar longe de casa, não a casa material, mas a casa espiritual. Uma das características desta nova vida é a caminhada que se dá pela fé e não pela visão. O apóstolo, com essas palavras, afirma que há momentos em que a emoção toma o lugar da razão, pois caminhar pela fé para o cristianismo significa “acreditar no impossível”, “caminhar movido por aquilo que aprendeste de Deus”.

Por meio da construção discursiva, Paulo manifesta o *ethos* de confiança ao afirmar que “*estamos cheios de confiança*”. Paulo usa o pronome *Nós* (1º pessoa do plural) para dizer que não apenas ele, mas todos aqueles que fazem parte da comunidade cristã são pessoas confiantes.

Segundo Reboul (2004) a imagem que o orador cria de homem confiante é fundamental para seu discurso, pois contribui para que os argumentos quase-lógicos ganhem força e venham a convencer e persuadir o auditório.

De acordo com Eggs (2005, p. 32), o orador inspira confiança demonstrando prudência, sabedoria prática, virtude, benevolência e honestidade.

Esses são atributos que podem fazer com que o auditório veja no orador a possibilidade de interagir com o meio de maneira confiável e saudável, pois aquele que às possui tem muito mais condições de se relacionar bem com a sociedade.

Ainda argumentando a respeito do *ethos* de confiança manifestado pelo orador, Eggs (2005, p. 37) declara:

Os oradores inspiram confiança, (a) se seus argumentos e conselhos são sábios, razoáveis e conscientes, (b) se são sinceros honestos e equânimes e (c) se mostram solidariedade, obsequiedade e amabilidade para com seus ouvintes.

Como vimos anteriormente, Paulo foi um mestre na arte de argumentar e dar conselhos, além de ter sido exemplo de coragem, amor, sinceridade, honestidade e determinação. Deixou o conforto da família, amigos e tantas outras coisas que lhe pertenciam por direito, para seguir novos caminhos.

O que levaria um homem a agir como Paulo agiu, largando tudo para trás?

A resposta é dada por ele mesmo ao dizer: “*estamos dispostos a deixar a mansão deste corpo para morarmos com Deus*”, ou seja, Paulo estava tão confiante naquilo que aprendera de Jesus que não pensou duas vezes ao deixar o conforto e o medo para viver uma nova experiência baseada na fé diante de Deus.

A confiança faz com que superemos o medo.

A confiança é o contrário do temor e o que inspira confiança é o contrário do que provoca o temor. Por isso, a esperança se segue à representação de que as coisas que nos podem salvar estão próximas e de que não existem ou estão longe as que temos de temer. Temos confiança, se as coisas que podem prejudicar-nos estão longe, e as que podem tranquilizar-nos, perto (ARISTÓTELES, 1964, p. 116).

Portanto, podemos afirmar, com base em nossa análise, que Paulo possuía as características do *ethos* de confiança mencionadas por Aristóteles (1964), por Reboul (2004) e na obra organizada por Amossy (2005).

(11) O *ethos* de sério – (II Coríntios 6. 1-4)

*Visto que somos colaboradores com ele, ainda a que não recebais a graça de Deus em vão. Pois ele diz: No tempo favorável, eu te ouvi. E no dia da salvação vim em teu auxílio. Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação. Evitamos dar qualquer motivo de escândalo, a fim de que o nosso ministério não seja sujeito a censura. Ao contrário, em tudo recomendamos-nos como ministros de Deus* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2022).

Paulo inicia o discurso acima declarando que ele e os demais cristãos de Corinto são ministros de Cristo.

O ministério de Paulo e de seus seguidores é marcado por muitas dificuldades, tanto que, ao discursar para seus membros, Paulo faz uma série de advertências em relação ao que cada um deveria saber, pois, mesmo se tratando de um trabalho voluntário, aquele que se compromete a fazê-lo deve desempenhá-lo com amor e responsabilidade.

Além do amor e da responsabilidade para com a Igreja, Paulo declara que é fundamental que o cristão tenha zelo para com sua imagem, evitando se envolver em escândalos.

Vemos, nas palavras do apóstolo, a manifestação do *ethos* de sério, pois, segundo

Charaudeau (2011), o *ethos* de sério se caracteriza pelo zelo, controle diante da situação, capacidade, seriedade e energia para o trabalho.

Corinto, por ser uma cidade promíscua, poderia servir como incentivo para que alguns fiéis viessem a ter problemas em relação à imagem. Assim, Paulo diz que eles devem evitar ao máximo se envolverem em escândalos, pois, para um ministro, seja ele da palavra, do louvor ou de qualquer outro ministério que ocupa dentro da Igreja, não seria bom ter a imagem envolvida em escândalos e conseqüentemente censurada.

O homem sério, além de participar com frequência da vida coletiva, deve demonstrar preocupação para com a Igreja, estando sempre ao lado das pessoas queridas (a expansão do cristianismo comprova a seriedade por parte de Paulo).

Essas características manifestadas na vida do apóstolo fazem com que se estabeleça uma relação de confiança entre as partes (Paulo e Igreja), contribuindo assim para a construção de uma imagem positiva em favor de Paulo, fazendo dele, aos olhos da Igreja, um homem sério.

(12) O *ethos* de credibilidade – (II Coríntios 7. 14-16)

*Assim como sempre vos temos dito a verdade, do mesmo modo ficou comprovado como verídico o elogio que de vós fizemos a Tito. Ele sente por vós ainda maior afeição, ao lembrar-se da vossa obediência, e de como o acolhestes com temor e tremor. Regozijo-me por poder contar convosco em tudo* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2024).

A credibilidade não está ligada apenas à identidade social exercida pelo sujeito, mas também à identidade que ele constrói por meio de seu discurso.

O orador ,por meio de suas técnicas retóricas e conhecimento discursivo, precisa extrair tudo o que existe de positivo no *logos*, para que, por meio da construção discursiva, venha manifestar o *ethos* de credibilidade e conseqüentemente persuadir seu auditório.

De acordo com Aristóteles (apud EGGS, 2005, p. 36),

Persuadimos pelo *ethos*, se o discurso é tal que torna o orador digno de crédito, pois as pessoas honestas (*epieíks*) nos convencem mais e mais rapidamente sobre todas as questões em geral [...]. Não é preciso admitir [...] que a *epieíkeia* do orador não contribuí em nada para a persuasão; muito ao contrário, o *ethos* constitui praticamente a mais importante das provas.

Paulo, por sua vasta experiência acadêmica e cultural, procura trabalhar o *logos* de maneira sábia e sensata, não deixando dúvidas de que se trata de um homem merecedor de créditos. Essa credibilidade pode ser vista no discurso acima, por meio da veracidade de suas palavras. Ele diz que suas palavras sempre foram verdadeiras.

O orador que se compromete em dizer apenas a verdade fará com que seus ouvintes vejam nele uma pessoa digna de créditos (CHARAUDEAU, 2011, p. 119).

Na tentativa de ser aceito pelos ouvintes, o orador precisa ganhar a credibilidade e fazer com que eles entendam que ele possui todas as condições necessárias para realizar tudo aquilo que está lhes prometendo.

À medida que o discurso continua, Paulo agradece aos coríntios pelo carinho e atenção dados a seu ajudante Tito, o que se tornou por parte do apóstolo motivo de agradecimentos aos membros da Igreja. Neste momento, Paulo faz uso do gerenciamento de relações, técnica argumentativa que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), colabora grandemente para que haja adesão dos espíritos. No caso aqui mencionado, Paulo e a Igreja de Corinto.

O comportamento dos coríntios também nos revela o *ethos* de credibilidade manifestado por Paulo, pois, dentre as muitas características que a Igreja de Corinto possuía, algumas se tornaram bem visíveis, como, por exemplo, a obediência, o acolhimento, o temor e o tremor. Os cristãos não apenas entenderam a mensagem de Paulo como também colocaram em prática tudo aquilo que ouviram do apóstolo.

Ao final, Paulo, satisfeito com o comportamento dos fiéis, além de manifestar o *ethos* de credibilidade, também manifesta o *ethos* de alegria ao declarar que se regozija em poder contar sempre com os cristãos.

### (13) O *ethos* de identificação – (II Coríntios 8. 5-6)

*Dou testemunho de que, segundo os seus meios e para além dos seus meios, com toda a espontaneidade e com viva insistência, nos rogaram a graça de tomar parte nesse serviço em proveito dos santos. **Ultrapassando mesmo as nossas esperanças, dera-se primeiramente ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus** (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2024).*

O *ethos* de identificação, como vimos nas palavras de Charaudeau (2011), é a relação positiva que se constrói entre o orador e o auditório. Essa identificação também é fruto do

gerenciamento de relação.

No caso do apóstolo, podemos dizer que o *ethos* de identificação manifestado em seu discurso, além de ser resultado do gerenciamento correto de suas palavras, também é resultado do *ethos* de credibilidade manifestado anteriormente, pois a imagem que ele nos passou de homem sério, virtuoso e competente contribuiu para que o auditório se identificasse com ele, pois seriedade, virtude e competência, embora não façam parte da vida de algumas pessoas, são características que devem permear a vida de todo cristão.

O *ethos* de identificação é uma relação harmoniosa entre o *ethos* do orador e o *pathos* do auditório, no caso aqui, Paulo e os cristãos, pois ele procura usar e trabalhar as habilidades que possui sem afetar negativamente os conceitos que vão se firmando na mente de seus ouvintes, levando-os a segui-lo.

Escrevendo aos membros da igreja de Corinto, Paulo testemunha o quanto foi importante o papel desempenhado pelos cristãos da Macedônia, dizendo que eles se entregaram ao trabalho com toda espontaneidade e insistência, ajudando-o de coração.

Por meio dessas palavras tem-se a construção do *ethos* de identificação manifestado por Paulo.

Paulo faz uso do vocativo “Senhor”, pois, sabendo da identificação que há entre os cristãos e Deus, utiliza esse vocativo para dizer aos membros de Corinto que, assim como os cristãos da Macedônia se entregaram a Deus, eles também deveriam se entregar em favor da Igreja.

O *ethos* de identificação manifestado por Paulo nesse texto está amalgamado na identificação que há entre Deus e os cristãos. A relação entre Deus e os cristãos da Macedônia testifica esta ideia.

A respeito de como se manifesta o *ethos* de identificação, Meyer (2007, p. 35) declara que “o *ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão sejam aceitas”.

Para Tringali (1988, p. 31), o orador só conseguirá se aproximar do seu auditório e obterá êxito no seu discurso se tiver conhecimento do contexto sociológico e psicológico de seus ouvintes.

Não há dúvida alguma de que a manifestação do *ethos* de identificação, por parte de

Paulo no texto acima, é resultado do conhecimento sociológico e psicológico que ele possuía sobre os cristãos da Macedônia.

Percebemos que a atitude dos cristãos da Macedônia em se dedicarem ao trabalho de evangelização deixou Paulo bastante surpreendido. Temos aqui uma relação triangular, ou seja, Deus, Paulo e os cristãos da Macedônia.

Toda a construção do *ethos* se faz em uma relação triangular entre *si*, o *outro* e um *terceiro* ausente, portador de uma imagem ideal de referência: o *si* procura endossar essa imagem ideal; o *outro* se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência. (CHARAUDEAU, 2011, p. 137).

Portanto, a ideia que se tem do *ethos* de identificação manifestado no discurso do apóstolo Paulo, é que ele é resultado do conhecimento sociológico e psicológico e também do gerenciamento de relação que o apóstolo empreendeu para com os cristãos da Macedônia, pois, por meio do tripé retórico ele levou-os a se identificarem com ele.

(14) O *ethos* de eloquência – (II Coríntios 8. 7-8)

*Visto que tudo tendes em abundância – fé, eloquência, ciência, toda espécie de zelo e a caridade que vos inspiramos – procurai também distinguir-vos nesta obra de generosidade. Não digo isto para vos impor uma ordem; mas, citando-vos o zelo dos outros, dou-vos ocasião de provardes a sinceridade da vossa caridade* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2024).

Uma das maneiras com que o *ethos* de “eloquência” se manifesta é por meio da influência que o discurso do orador pode causar na vida dos ouvintes, levando-os a viver de modo semelhante aos seus ensinamentos. Outra maneira pode ser por figuras, como explica Charaudeau (2011, p. 145-146): “Duas figuras se destacam em um mesmo indivíduo, na França, a *honnête homme cultivé* (cultura do indivíduo) e a astúcia, ou a malícia que denota habilidades para saber jogar com os ouvintes”. Paulo, por meio de seu conhecimento cultural, sabe como se deve apresentar ao seu auditório.

O texto em análise é uma sequência do texto anterior. Nele, Paulo, discursando aos coríntios, cita como exemplo as qualidades de vida praticadas pelos cristãos da Macedônia. Os adjetivos empregados pelo apóstolo nos dão a ideia das qualidades que os cristãos locais possuíam, como por exemplo, fé, eloquência, ciência, zelo, caridade, e generosidade. Como



observa Ferreira (2010), a maneira como o orador faz uso da linguagem demonstra a imagem que ele quer construir. Paulo, por meio de sua linguagem, constrói a imagem de orador eloquente e persuasivo, ou seja, que influencia pessoas a viverem como ele.

Paulo declara também aos coríntios que ele foi a fonte de inspiração para que os membros da Igreja da Macedônia se tornassem pessoas eloquentes.

Essas qualidades, e também a bagagem cultural adquirida pelo apóstolo, são a confirmação da manifestação do *ethos* de eloquência no discurso paulino, pois, como assevera Charaudeau (2011), o conteúdo acadêmico do orador pode fazer com que, durante a construção discursiva o auditório não apenas o siga, mas também o admire.

(15) O *ethos* de superação – (II Coríntios 11. 24-28)

*Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos em estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos! Mas ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez! E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as igrejas!* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2028).

No texto acima, o apóstolo começa a narrar as diversas experiências e os muitos obstáculos que enfrentou ao longo de sua jornada em favor da Igreja, tais como: fadigas, prisões, açoites, golpes dos judeus, flagelo, tentativa de apedrejamento, naufrágio, dia e noite em alto mar, numerosas viagens e vigílias, fome, sede, frio, nudez, perigos nos rios, perigos dos ladrões, perigos dos gentios, perigos dos falsos irmãos e preocupação constante para com as Igrejas. Essas experiências fazem com que ele, por meio do sofrimento, manifeste em seu discurso o *ethos* de superação, ou seja, o homem que com determinação e ação vai superando todas as dificuldades até chegar ao objetivo estabelecido, que é cumprir a missão que Jesus lhe encarregou.

Paulo, ao narrar as longas experiências durante suas viagens missionárias, faz com que seu auditório se sinta motivado e encorajado a lutar. A narração de todos os obstáculos enfrentados faz com que seu auditório se aproxime ainda mais dele, pois, como explicita Verzola (2012, p. 45), “o orador, ao abordar um assunto que seja do interesse do auditório ou

que o envolva de alguma maneira, acaba por obter a adesão desse auditório por meio da identificação”.

Percebemos que o que mais motiva Paulo a superar seus obstáculos é a necessidade de contribuir para que o cristianismo cresça e venha a se expandir pelo mundo, tanto que, no texto em análise, ele afirma que sua preocupação para com a igreja é cotidiana, ou seja, sua vida está totalmente voltada para a obra missionária.

O *ethos* de superação, construído discursivamente por Paulo, constituirá um papel importantíssimo na vida do apóstolo, pois não apenas o transformará num herói como também elevará sua imagem a de um homem modelo tanto para as Igrejas primitivas como também para as Igrejas contemporâneas.

Portanto, o apóstolo constrói em seu discurso um *ethos* extremamente oportuno para o momento, pois a superação será a principal característica da Igreja Cristã nos primeiros séculos de sua existência.

(16) O *ethos* de humanidade – (II Coríntios 12. 6-10)

*Se quisesse gloriar-me, não seria louco, pois só diria a verdade. Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha a meu respeito conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer. Por conseguinte, com todo o animo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isto, me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2028-2029).

Confissão para com o sentimento alheio, compaixão, humildade e sentimentalismo são qualidades que, segundo Charaudeau (2011), compõem o *ethos* de humanidade.

Paulo, no texto em análise coloca-se em situação de igualdade perante seus membros, pois não deseja que eles tenham um conceito superior diante daquilo que veem ou ouvem dizer a seu respeito. Essa estratégia argumentativa adotada por Paulo coincide com as palavras de Meyer (2007) que afirma: quanto mais o discurso do orador se aproximar do contexto de vida de seu auditório, mais chance de convencê-lo ele terá.

Paulo declara que está determinado a se fazer presente na vida dos necessitados. Aqui, o homem, que algumas vezes se apresentou como forte e determinado, agora adota outra postura, a de homem sentimental, compassivo e conhecedor de suas limitações. Esse perfil de

homem sentimental é muito comum não apenas nos discursos cristãos, mas também nos discursos políticos, pois, embora a grande maioria dos políticos se vejam na necessidade de se apresentar como homens poderosos e capazes de solucionar as carências da população, é fundamental que, em seus discursos, venham a utilizar-se de sentimentalismo e compaixão para com seus ouvintes. Quanto mais o orador (político ou cristão) se aproximar de seu auditório, mais ele conseguirá persuadi-lo.

Paulo, além de apóstolo, também era um político nato, pois, conhecedor das técnicas retóricas e argumentativas, ele sabia que há momentos em que o herói precisa tirar a capa e caminhar ao lado de seus seguidores.

A figura do sentimentalismo, segundo Charaudeau (2011, p. 148), é fundamental para o orador, pois é preciso que aquele que sofre perceba que seu mestre ,além de sentir sua dor também está pronto a ajudá-lo.

Paulo, de acordo com o que vimos neste tópico, age manifestando o *ethos* de humanidade como uma maneira de não apenas conquistá-los, mas também de persuadi-los por meio de seu discurso.

(17) O *ethos* de liderança – (II Coríntios 12. 11-15)

*Os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós: paciência a toda prova, sinais milagrosos, prodígios e atos portentosos. Que tivestes a menos do que as outras igrejas senão o fato de que não vos fui pesado? Perdoai-me essa injustiça! Eis que estou pronto a ir ter convosco pela terceira vez, e não vos serei pesado; pois não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas, sim os pais para os filhos. Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei todo inteiro, em vosso favor. Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isto menos amado (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2029).*

Percebe-se, pelas palavras de Charaudeau (2011), que dentre as muitas características que definem o *ethos* de liderança temos o altruísmo. O líder que deseja alcançar o sucesso precisa ser sensível à situação em que se encontram seus seguidores, pois é fundamental que ele ao demonstrar que está voltado para si, também está voltado para o outro.

Segundo Sanders (1986, p. 42), “os líderes que possuem os talentos e a força de

caráter como os de Paulo, amiúde tendem a dominar ou subjugar os outros menos vigorosos, e a serem insensíveis com relação aos direitos e às convicções de outros”. Paulo, além de não subjugar-los, procura agir em favor dos eleitos, voltando-se para a necessidade de cada indivíduo e despendendo-se em favor da Igreja.

Outra característica percebida no discurso, e que testifica a manifestação do *ethos* de liderança, é o interesse que Paulo demonstra em estar sempre ao lado dos irmãos necessitados. Ele diz que irá ter com os coríntios pela terceira vez, ou seja, ele demonstra preocupação e amor para com seus fiéis, a ponto de visitá-los sempre.

A liderança exercida por Paulo é, com certeza, uma das características mais marcantes de sua personalidade e a que mais nos chama a atenção.

Em relação à liderança exercida pelo apóstolo Paulo, pode-se afirmar que,

Ele tem sido considerado o cristão mais bem-sucedido do mundo, e sua carreira a mais assombrosa da história. Talvez nenhum outro tenha atingido as mesmas alturas em tantas esferas de ação. Sua versatilidade era tal que parece que ele possuía todos os dons. Mas a despeito deste registro que inspira espanto, em seus escritos ele tem êxito em comunicar com o crente humilde com a mesma facilidade que o faz com o filósofo erudito (SANDERS, 1983, p. 10).

Analisar o *ethos* de liderança manifestado no discurso de Paulo é pesquisar uma das qualidades mais evidentes na vida do apóstolo.

(18) O *ethos* de autoridade – (II Coríntios 13. 10)

*Eis a terceira vez que vou ter convosco. Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas. [...] Eu vos escrevo estas coisas, estando ausente, para que, quando aí chegar, não tenha que recorrer à severidade, conforme o poder que o Senhor me deu para construir, e não para destruir* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2029-2030).

Paulo, no texto acima, constrói e gerencia as facetas de sua personalidade por meio do discurso de autoridade. Argumento de autoridade baseado na estrutura do real, (Reboul, 2004, p, 176). Antes de revelar a fonte dessa autoridade, Paulo constrói em seu discurso a imagem de homem onipresente, pois, mesmo não estando na cidade de Corinto procura fazer-se presente por meio de um texto, avisando-os que, pela terceira vez, estará com a amada Igreja.

Esse comportamento é muito importante, pois, mesmo não estando presente fisicamente, ele demonstra preocupação para com seus fiéis, fazendo com que seja lembrado por todos.

Paulo, por meio do gerenciamento de relação, cria e fortalece sua imagem perante seus fiéis para que, no momento oportuno, venha a exercer a autoridade que lhe foi concedida. A preocupação que Paulo tem para com sua imagem e seu comportamento é de extrema relevância, pois é o seu comportamento exemplar que vai lhe proporcionar a construção de uma imagem positiva. De acordo com Meyer (2007, p. 34), “a boa conduta, a confiança que tanto uma quanto outras suscitam conferem ao orador uma autoridade”.

Portanto, construída a imagem de maneira positiva, Paulo, a partir deste momento anuncia fazer-se valer do discurso autoritário, dizendo que não espera ter que recorrer à severidade conforme o poder que Deus lhe deu. Paulo afirma ainda que toda e qualquer questão será decidida na presença de duas ou três testemunhas, dando a entender, neste momento, que sua palavra é a autoridade maior.

A estratégia utilizada pelo apóstolo em se impor diante dos seus ouvintes era algo bem típico em suas viagens missionárias. Dissertando a respeito dessas viagens, Robertson (1982, p. 126) afirma que Paulo foi a Jerusalém e a Antioquia declarar que estava ali não para receber ordens, mas sim para tratar de assuntos referentes à liberdade e à evangelização dos gentios.

Esse discurso de autoridade utilizado pelo apóstolo é muito comum entre os oradores cristãos contemporâneos, pois ao se referirem ao nome de Deus, os ministros se sentem revestidos de autoridade, porque falam não em nome deles mesmos, mas em nome de um ser divino.

De acordo com Citelli (1999, p. 48), esse discurso torna-se inquestionável, pois a voz do orador plasma todas as demais vozes, uma vez que “é a própria voz de Deus se manifestando por meio do pastor”. Daí o fato de ser considerada como a mais visível forma de persuasão que existe.

O discurso religioso, para Orlandi (1987, p. 242-243), “é aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Portanto, trata-se de um discurso repleto de autoridade.

Para termos ideia da importância que esse “discurso de autoridade” ocupa na vida dos pregadores, em especial dos pentecostais, Hagin (1983, p. 54) declara: “dou graças a Deus

pela unção de profeta [...] reconheço que se trata de uma unção diferente [...] é a mesma unção, multiplicada cerca de cem vezes”.

Diante dessa citação, o pregador pentecostal Hagin (1983) se faz valer do discurso de autoridade para afirmar que nenhum outro discurso tem o poder que esse tem, pois esse discurso é “construído mediante a unção divina”.

A esse respeito, ele ainda declara:

A razão pela qual temos direito de reivindicar que nossas necessidades sejam atendidas é Jesus ter vindo à terra e derrotado Satanás, garantindo nossa vitória total. Estamos no mundo, mas não somos do mundo (Jo 15. 19), ainda que nele tenhamos de viver. Devemos usar a autoridade dada por Deus para impor a derrota a Satanás e desfrutar as bênçãos que Deus nos deu em Cristo, inclusive a prosperidade financeira (HAGIN, 1983, p. 55).

Com essas palavras, Hagin (1983) nos dá a entender que, por se tratar de um ungido de Deus, seus discursos estão acima de qualquer outro, uma vez que quem o inspirou foi Deus.

Em se tratando do *ethos* de autoridade manifestado por Paulo em seu discurso podemos afirmar que ele tem como suportes o conhecimento e a experiência de vida. Esse conhecimento é fundamental no processo de argumentação.

Para Meyer (2007, p.34), “o saber específico de homem é parte fundamental, pois constitui fonte de autoridade para o orador”. Já Charaudeau (2011) afirma que esse “saber específico” também compõe o *ethos* de “sério”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 348) afirmam que o argumento de autoridade se constrói na noção de prestígio, pois “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova de uma tese”.

O *ethos* de autoridade que Paulo manifesta em seu discurso, além de estar sustentado no “saber específico”, também está aportado na unção divina, ou seja, em Deus. Daí o fato de o apóstolo se apresentar com tamanha autoridade, dizendo quais as decisões e medidas serão tomadas com a sua chegada.

#### 4.2 OS *ETHOS* DE PEDRO MANIFESTADOS NA I EPÍSTOLA DE PEDRO.

(1) O *ethos* de escolhido – (I Pedro 1. 1-2)

*Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros da*

*Dispersão: do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo e participar da benção da aspersão do seu sangue. Graça e paz sejam concedidas abundantemente (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2013).*

Assim como Paulo, Pedro inicia o texto acima se apresentando como apóstolo de Jesus Cristo, dando a entender que também se trata de um homem escolhido por Deus. Pedro ao escrever essa epístola, já não apresenta tanta rejeição pelos gentios como apresentava anteriormente. Depois de muitos debates e explanações teológicas com Paulo, Pedro agora age com mais prudência ao falar dos gentios, tanto que discursa dizendo: “*apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros da dispersão*”. Os estrangeiros da dispersão são aqueles vindos de fora, ou seja, que além de não descenderem do judaísmo, não despertam interesses para a comunidade religiosa.

Segundo a Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2104), Pedro “*escreve aos cristãos da Diáspora*”, especificando os nomes de cinco províncias (1. 1), que representam praticamente o conjunto da Ásia Menor”.

O apostolado de Pedro testifica a própria manifestação do *ethos* de escolhido, pois, assim como Paulo, Pedro, ao se intitular apóstolo de Jesus Cristo, está automaticamente dizendo que é um escolhido por Deus. De todos os apóstolos, Pedro foi o primeiro a receber o chamado de Jesus para a missão apostólica. Foi, sem dúvida, o homem que mais se relacionou com o mestre, e embora não possuísse às mesmas qualidades intelectuais de Paulo, ocupou e ocupa uma posição de grande destaque dentro do cristianismo, pois é considerado pela Igreja Católica Apostólica Romana como o primeiro Papa constituído oficialmente.

Pedro diz também que o objetivo de escrever aos estrangeiros é convidá-los para “*a benção da aspersão do sangue de Jesus*”. A aspersão do sangue de Jesus é um sacramento conhecido como “batismo cristão” e, segundo o texto, é uma benção que deve ser ministrada apenas pelo sacerdote, sob a presciência de Deus, ou seja, aquele que já fora escolhido. A autoridade que Pedro possuía para batizar é decorrência da própria eleição, pois somente o ministro chamado por Deus possuía e ainda possui esse direito.

Ao final do texto, ele saúda os cristãos pelo mundo com a “graça e a paz em abundância”. De acordo com a teologia cristã, apenas o sacerdote e o apóstolo constituídos por ofício possuem tamanha autoridade, daí o nome “benção apostólica”, pois era um ato

típico dos oficiais escolhidos por Jesus.

Portanto, percebemos que, por meio da construção discursiva, Pedro ao ministrar a palavra, o sacramento e a bênção apostólica, está automaticamente manifestando o *ethos* de escolhido.

(2) O *ethos* de pregador – (I Pedro 1. 12-13)

*A eles foi revelado que não para si mesmos, mas para vós, administravam essa mensagem, que agora vos anunciam aqueles que vos pregam o Evangelho, no Espírito Santo enviado do céu, e a qual os anjos desejam ardentemente perscrutar. Por isso, com prontidão de espírito, sede sóbrios e ponde toda a vossa esperança na graça que vos será trazida por ocasião da Revelação de Jesus Cristo* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2113-2114).

Na construção discursiva acima, Pedro se coloca entre aqueles encarregados de pregar a palavra de Deus, ou seja, como homem inspirado por Deus para a tarefa de proclamar as “boas novas”. Temos, então, a manifestação do *ethos* de pregador. Esse *ethos* está, em parte, associado ao *ethos* de caráter, pois, de acordo com Charaudeau (2011), uma das características do *ethos* de caráter é justamente o fato de se tratar de uma força divina, em que Deus, por meio do Espírito, marca e sela homens de acordo com seus propósitos. Para ser um pregador, é fundamental que, antes de tudo, o orador manifeste em sua vida o *ethos* de caráter, pois somente assim ele conseguirá persuadir seu auditório.

A inspiração que Pedro recebeu de Deus nada mais é que a ação do Espírito Santo, transformando um homem frágil e sensível em um grande pregador.

Outra característica presente no texto que testifica a manifestação do *ethos* de pregador no discurso de Pedro é a exortação que ele faz aos seus membros, exortando-os a viverem de maneira sóbria e esperançosa, porque em breve uma nova graça vos será derramada. Essa graça é justamente a mensagem pregada por ele, ou seja, por meio de sua vida sóbria e simples, Deus levará uma palavra de fé e esperança aos cristãos. Somente o pregador escolhido por Deus tinha a autoridade necessária para exortar os fiéis.

Pedro, ao exortar seus membros a viver uma vida de moderação, está nos passando a imagem de que ele também é um homem moderado, pois suas mensagens nada mais são do que frutos de sua própria experiência de vida. Acerca da moderação, Charaudeau (2011, p.



144) afirma que se trata de uma figura importantíssima na construção do *ethos*, pois, agindo com moderação, o orador pode intervir entre as partes em conflito, contribuindo para que haja acordo entre ambas.

Pedro chama seu auditório a viver uma vida exemplar, sóbria e moderada, o que caracteriza uma afeição de caráter, pois, segundo Aristóteles (1964, p. 140), “como todos os ouvintes escutam de bom grado os discursos conformes com seu caráter, não resta dúvida sobre a maneira como devemos falar, para, tanto nós, como nossas palavras, assumirem a aparência desejada”.

(3) O *ethos* de santidade – (I Pedro 1. 15; 2. 11-12)

***Porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo. Amados, exorto-vos, como a estrangeiros e viajantes neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma. Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós, como se malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus, no dia da sua visita*** (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.2115).

No discurso acima, Pedro exorta os cristãos de Jerusalém e das demais partes do mundo a viver uma vida de santidade. Ele inicia seu discurso chamando-os de *amados*. O uso desse vocativo é fundamental, pois faz com que Pedro se aproxime de seu auditório. De acordo com Verzola (2011, p. 44-45), “essas formas amigáveis e simpáticas de se relacionar com o auditório indicam uma estratégia por parte do orador que, já no exórdio, busca gerenciar sua relação com seu público com vistas a angaria sua adesão”.

Ao dizer: *Porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo*, Pedro está se referindo a Jesus Cristo, que como homem viveu aqui na terra uma vida imaculada. Tomando por exemplo a vida de seu grande mestre, Pedro exorta os primeiros cristãos a absterem-se dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma. Uma das características que predomina na vida de todo cristão é a santidade que se manifesta pelo comportamento de vida dentro e fora da igreja, Pedro ao criar no seu discurso um conflito entre a carne e a alma manifesta neste momento o *ethos* de santidade.

A santificação a qual Pedro orienta os cristãos a buscarem pode ser definida da

seguinte maneira:

A palavra do Antigo Testamento para “santificar” é *qadash*, um verbo empregado nas formas *niphal*, *piel*, *hiphil* e *hithpal’el*. O substantivo correspondente é *qadosh*, enquanto o adjetivo é *qadosh*. As formas verbais são derivadas das formas nominal e adjetiva. [...] A palavra indicaria, então, isolamento, separação, ou majestade.

[...] No Novo Testamento o verbo é *hagiazó* e seus vários significados. O verbo *hagiazó* é derivado de *hagios*, que, como a palavra hebraica *qadosh*, expressa primariamente a ideia de separação (BERKHOF, 2007, p. 485).

Para a teologia reformada<sup>15</sup>, santificação é o processo de aperfeiçoamento que se dá de maneira gradativa, fazendo com que o homem se aproxime de Deus e se distancie, cada vez mais, do pecado.

A manifestação do *ethos* de santidade no discurso de Pedro é, portanto, umas das principais características na vida do cristão e que se torna para o orador uma necessidade de construir em seu discurso a ideia de homem santo.

(4) O *ethos* de humanidade – (I Pedro 1. 22-25)

*Pela obediência à verdade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. **Amai-vos uns aos outros ardorosamente e com coração puro. Fostes regenerados, não deu uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus, a qual permanece para sempre. Com efeito, toda a carne é como erva, secou a erva e sua flor caiu; mas a palavra do Senhor permanece para sempre** (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2114).*

Segundo Charaudeau (2011, p. 148), algumas das características do *ethos* de humanidade são: a capacidade do ser humano em demonstrar sentimentos, reconhecer e confessar suas fraquezas.

No texto acima, Pedro nos dá demonstrações de vários sentimentos, dentre alguns: o *amor* (amai-vos uns aos outros) e a *confissão* (toda a carne é como a erva e toda a sua glória como a flor da erva, secou a erva e sua flor caiu).

De acordo com as palavras de Charaudeau (2011), vemos, na construção discursiva de Pedro, a manifestação do *ethos* de humanidade.

---

<sup>15</sup> A Teologia Reformada é um sistema de crenças que surgiu após a Reforma Protestante, século 16. Tem como base os “Cinco Pontos Calvinistas” (1º Depravação total do homem, 2º Eleição incondicional, 3º Expição limitada, 4º Vocação eficaz e 5º Perseverança dos santos).

Aqueles que confessam suas limitações não deixam de ser menos homem. Ao utilizar o pronome indefinido “*toda*”, o apóstolo se coloca em igualdade para com *todos* os demais homens, pois somente aquele que é humano possui a capacidade de confessar suas fraquezas e reconhecer suas limitações.

Para Charaudeau (2011, p. 149), “a eventual fraqueza que poderia revelar a confissão é contrabalanceada por um *ethos* de coragem e de sinceridade”.

Pedro, ao manifestar o *ethos* de humanidade em seu discurso, acaba construindo também os *ethos* de coragem e sinceridade, pois, diante do momento conturbado que ele e a Igreja viviam, se não tivesse coragem e sinceridade não conseguiria se expressar como homem.

Descartes (1987, p. 143) afirma que “a coragem, quando é uma paixão e não um hábito ou inclinação natural, é certo calor ou agitação que dispõe a alma a se entregar poderosamente à execução das coisas que ela quer fazer”.

Por meio das palavras de Descartes (1987), entendemos que Pedro se colocou a frente do trabalho cristão, porque a coragem era uma paixão que fazia com que ele viesse a executar aquilo que lhe foi conferido.

Além do *ethos* de humanidade manifestado por Pedro, temos também a manifestação do *ethos* de virtude, pois somente os virtuosos se comportam como humanos. Para Tringali (1988, p. 76), “ninguém nega, contudo, a força persuasiva das virtudes morais do orador que, não raro, suprem o talento”.

Pedro não possuía o talento de Paulo, mas suas virtudes supriam suas limitações, fazendo com que ele atingisse os objetivos estabelecidos, pois, de acordo com Aristóteles (1964, p. 58), “a virtude, segundo parece, é a faculdade que permite adquirir e guardar bens, ou ainda a faculdade que nos põe em condições de prestar muitos e relevantes serviços, serviços de toda sorte em todos os domínios”.

Portanto, Pedro, diante da construção discursiva que gerencia, demonstra-nos sentimentos de amor, confissão e virtude.

(5) O *ethos* de compaixão – (I Pedro 3. 8-9)

*Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes. Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizeis, porque*

*para isto fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2116).

A compaixão refere-se a um sentimento de pesar em favor de alguém que não mereceu passar por certo infortúnio. Aristóteles (1964), para explorar os efeitos dos sentimentos (paixões) manifestados pelo auditório, classifica-os como cólera, calma, amor, ódio, temor, confiança, vergonha, impudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo. As paixões são, portanto, sentimentos de dor ou prazer que nos levam a uma alteração de espírito, influenciando, assim, nossas ideias diante da argumentação.

Na argumentação do filósofo, as paixões se manifestam no auditório de acordo com o *ethos* apresentado pelo orador. As paixões são, portanto, respostas do auditório ao orador, isto é, o auditório, instigado pelo discurso, sente-se na necessidade de buscar aquilo que está implícito nas palavras do orador, vindo a se posicionar contra ou a favor.

Ao discorrer sobre a compaixão, Aristóteles (1964, p. 53) a define como “uma espécie de pena causada por um mal aparente capaz de nos aniquilar ou afligir, que fere o homem que não merece ser ferido por ele, quando presumimos que também nós podemos sofrer, ou algum dos nossos”.

A compaixão também pode ser,

uma espécie de tristeza misturada de amor e de boa vontade para com aqueles a quem vemos sofrer algum mal de que os julgamos indignos. Assim, é contrária à inveja em virtude de seu objeto, e à zombaria por considerá-los de outra maneira (DESCARTES, 1987, p. 146).

Pedro, no texto em análise, exorta os cristãos a demonstrarem não apenas compaixão, mas também amor fraterno, misericórdia e humildade uns para com os outros.

Temos, portanto, o *ethos* de compaixão manifestado por Pedro, pois, ao ver a perseguição que os cristãos vinham sofrendo dos romanos, acaba se compadecendo a ponto de escrever uma epístola de encorajamento aos novos convertidos.

Os últimos acontecimentos ocorridos não tinham sido nada agradáveis para Pedro e os demais cristãos, principalmente a morte de Jesus, que Pedro presenciou.

Além da morte de Jesus, Pedro ainda conviveu com as duras críticas e inseguranças a respeito de como seria seguir sem seu grande conselheiro (Jesus).

Pedro tem por meio deste momento a oportunidade de manifestar perante os cristãos o

*ethos* de compaixão, pois é nos momentos de crise que devemos ser compassivos para com os outros.

Ao descrever os casos em que as pessoas sentem compaixão e até mesmo inspiração para senti-la, Aristóteles (1964) declara:

Entre as coisas penosas e dolorosas, as que são suscetíveis de causar nossa destruição podem, todas elas, excitar a compaixão; bem como todas as que são suscetíveis de nos perder, e relativamente a todos os males importantes que dependem do Destino. Chamo causas dolorosas e destrutivas: os diversos gêneros de morte, os golpes e as feridas, os maus tratos corporais, a velhice, as doenças e a falta de alimentação (ARISTÓTELES, 1964, p. 126).

As palavras citadas por Aristóteles (1964) nos remetem à situação em que se encontravam os primeiros cristãos, principalmente Pedro. O momento de dor e insegurança podia fazer com que ele viesse a agir com arrogância e prepotência, pois os inimigos não lhe davam trégua. Porém o que nos chama atenção é que ele adota, como estratégia, viver uma vida marcada pelo amor fraterno, humildade e compaixão, orientando seus membros a viverem também dessa maneira.

Ainda em relação àqueles que nos inspiram o sentimento de compaixão, Aristóteles (1964, p. 127) afirma que as pessoas honestas, quando são vítimas de alguma covardia ou ato imerecido, tendem a chamar nossa atenção, pois, movidos por um sentimento de respeito e amor, somos levados a um sentimento de compaixão por elas.

Portanto, Pedro, diante de tudo que testemunhou, ao exortar seus cristãos a serem compassivos, acaba, por meio da construção discursiva, manifestando o *ethos* de compaixão perante seu auditório.

(6) O *ethos* de virtude – (I Pedro 3. 10-12)

*Com efeito, aquele que ama a vida e deseja ver dias felizes, guarde sua língua do mal e seus lábios de proferir mentiras; afaste-se do mal e pratique o bem, busque a paz e siga-a; porque os olhos do Senhor estão sobre os justos e seus ouvidos estão atentos à sua prece, mas o rosto do Senhor se volta contra os que praticam o mal* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2016-2017).

Por volta do ano de 64 d.C., Nero, com o objetivo de ampliar suas conquistas e seu

poder bélico, declarou guerra aos cristãos. Sua perseguição começou pelos cristãos de Roma e terminou com os cristãos e judeus de Jerusalém. Essa situação fez com que os primeiros cristãos passassem por um momento de medo e incertezas, a ponto de indagarem se realmente valia a pena seguir os ensinamentos deixados por Jesus.

Esse momento de insegurança fez com que Pedro escrevesse sua I Epístola. De acordo com a Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2104), “a finalidade desta epístola é sustentar a fé dos seus destinatários em meio às provocações que os assaltam”.

O objetivo era conscientizar os cristãos que assim como Jesus, eles também deveriam amar aos seus inimigos, pois, em meio a todas as perseguições, valia a pena amar e lutar em favor do cristianismo.

Pedro, ao orientá-los, declara que é fundamental que se distanciem do mal e procurem viver de maneira virtuosa.

Para Aristóteles (1964, p. 58), as características da virtude são: “a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência a sabedoria”.

De acordo com Pedro, todo aquele que se diz cristão deve manifestar as características mencionadas por Aristóteles (1964).

O comportamento de Pedro corrobora as palavras de Charaudeau (2011, p. 123), que assim descreve: “eu não sou como os outros. Não nego meus compromissos”.

Fidelidade aos compromissos assumidos caracteriza o homem virtuoso.

O homem sincero e bondoso anda de mãos dadas com a virtude e, por mais que ele viva em um ambiente, não favorável, jamais deixará de praticar o bem. Talvez aí esteja a maior diferença entre as personalidades de Paulo e Pedro, pois, embora, ambos tenham manifestado em seus discursos o *ethos* de “virtude”, fica claro que enquanto Paulo se beneficiava de sua vasta experiência cultural e se destacava como exímio orador (dominando as técnicas retóricas e argumentativas), não se permitindo ao erro excessivo, Pedro, ao contrário, convivia constantemente com as consequências de seus atos impensados e com a falta de sabedoria diante dos momentos de decisão, tendo como estratégia maior a coragem para enfrentar suas próprias limitações em favor dos novos cristãos.

Temos, por meio do discurso apresentado por Pedro, a manifestação do *ethos* de virtude, pois além das muitas características mencionadas acima, os adjetivos (bondade e

paz), segundo Charaudeau (2011), são qualidades bem visíveis no homem virtuoso.

(7) O *ethos* de amabilidade – (I Pedro 4. 7-9)

*O fim de todas as coisas está próximo. Levai, pois, vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração. Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados. Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurar. Todos vós, conforme o dom que cada um recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1002, p. 2018).*

No texto acima, Pedro procura confortar os cristãos da Judeia e das demais partes do mundo por meio de palavras de amor e consolo, afirmando que a volta de Jesus está próxima.

Pedro sabia que envolvendo-se da maneira que estava com o cristianismo, podia, a qualquer momento, ser preso e tomar o mesmo fim que muitos de seus “irmãos” tomaram, ou seja, a morte. Mas, mesmo correndo todos os riscos, Pedro sabia que valia a pena, pois sua causa era extremamente nobre. Todas as suas ações eram frutos do amor para com os demais cristãos.

Aristóteles (1964, p. 110) alega que “admitamos que amar é querer para outrem aquilo que reputamos serem bens, e isto não em nosso interesse, mas no interesse dele; é também, na medida de nossas forças, agir para proporcionar-lhe essas vantagens”. Pedro agia movido pelo interesse em proporcionar o bem aos seus fiéis e ao crescimento do cristianismo como religião.

Pedro manifesta o *ethos* de amabilidade ao declarar que os cristãos devem cultivar uma vida de amor mútuo mesmo estando debaixo de grande perseguição.

Ao afirmar que o amor cobre uma multidão de pecados, o apóstolo dava a entender que todas as falhas e imperfeições que cada cristão havia praticado ao longo de sua vida podiam ser perdoadas mediante um gesto de amor, não apenas para com a Igreja, mas principalmente para com os romanos que tanto os perseguiam.

O *ethos* de amabilidade é manifestado por Pedro sobre a forma de afeição, ou seja, ele exorta seus membros a viver uma relação que seja construída com hospitalidade, consagração e dispensa.

Esse *ethos* também constitui uma parte fundamental para a retórica e a argumentação,

principalmente no que se refere à persuasão do auditório por parte do orador. Segundo Meyer (2007, p. 38), o sentimento de amor gerenciado na mente dos ouvintes pode servir como um reservatório para levá-los a persuasão.

Portanto, Pedro utiliza o *ethos* de amabilidade como uma estratégia argumentativa.

(8) O *ethos* de solidariedade – (I Pedro 4. 10-11)

*Todos vós, conforme o dom que cada um recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, faça-o como se pronunciasse palavras de Deus. Alguém presta um serviço? Faça-o com a capacidade que Deus lhe concedeu, a fim de que em tudo seja Deus glorificado por Jesus Cristo, a quem pertencem à glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2118).

Pedro manifesta acima o *ethos* de solidariedade ao declarar que todo cristão deve se consagrar ao serviço uns dos outros. O serviço uns dos outros a que Pedro se refere vai de acordo com o dom que cada um recebeu de Deus.

Ao declarar que cada cristão deve se dedicar ao trabalho alheio, Pedro demonstra preocupação e interesse em se igualar ao seu auditório. Essa estratégia adotada pelo apóstolo é fundamental para a aceitação do seu discurso, pois, de acordo com Reboul (2004, p. 142), “a regra de ouro da retórica é levar em conta o auditório”. Para Pedro, tudo que ele faz é sempre voltado para o auditório, neste caso, os cristãos.

Pedro sabia que o cristianismo, como uma religião em plena formação e ainda desconhecida fora do judaísmo cristão, dependeria da solidariedade dele e de todos os demais adeptos.

Esse *ethos* assemelha-se bastante com o *ethos* de sério, pois, de acordo com Charaudeau (2011), o *ethos* de sério se caracteriza pela energia e capacidade de trabalho. Já o *ethos* de solidariedade se caracteriza pela entrega e dedicação ao trabalho alheio, ou seja, ambos os *ethos* (sério e solidariedade) são voltados para o trabalho.

O apóstolo, ao mencionar os nomes de Deus e Jesus Cristo, amplia a chance de conseguir a adesão de seu auditório, já que, de acordo com as premissas de Citelli (1999), ele está se fazendo valer do discurso de autoridade para conduzir seu auditório à persuasão.

Além de manifestar o *ethos* de solidariedade por meio da construção discursiva, Pedro ainda faz com que seus membros se sintam instigados a manifestá-lo também.



(9) O *ethos* de sério – (I Pedro 5. 1-12)

*Aos anciãos que estão entre vós, exorto eu, que sou ancião como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há de ser revelada. Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por torpe ganância, mas por devoção, nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho. Assim, quando aparecer o supremo pastor, recebereis a coroa imarcescível da glória. Escrevi em poucas palavras, exortando-vos e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual deveis permanecer firmes (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2018-2019).*

O substantivo próprio “Pedro”, no grego *Pétros*, é derivado de *Pétra* (uma grande rocha), e significa fragmentos de pedra, pedregulho, pedaços de pedra que podem facilmente ser removidas (LOPES, 2005, p. 25-26).

As características do *ethos* de sério, manifestadas no discurso de Pedro, podem ser percebidas por meio dos verbos “participar”, “apascentar” e “devotar”.

De acordo com Charaudeau (2011, p. 120), o homem sério é aquele que, independente do momento, sempre se faz presente ao lado daqueles que sofrem, não apenas participando da vida coletiva, mas também apascentando e cuidando das pessoas que ele convive.

Pedro exorta seus anciãos dizendo que aquele que deseja servir a Deus deve antes de tudo ser participante da glória a ser revelada, ou seja, deve fazer parte dos mesmos objetivos e estar sempre ao lado dos demais, pois, independente da situação, o homem sério também manifesta o *ethos* de onipresença.

No texto em análise, Pedro manifesta o *ethos* de sério se colocando na mesma situação que os demais anciãos, dizendo que também se considera um deles.

Essa estratégia utilizada por Pedro é fundamental no processo de convencimento e persuasão, pois faz com que ele, por meio da igualdade aproxime-se mais ainda de seu auditório.

Pedro, mais uma vez, constrói o *ethos* de sério ao dizer que suas palavras são verdadeiras, pois, segundo Charaudeau (2011, p. 121), o homem sério se caracteriza por ser sólido e verdadeiro em suas palavras.

Pedro, por meio de seu discurso, constrói a imagem de um homem ativista, participativo, onipresente, autêntico e dedicado ao rebanho.

(10) O *ethos* de competência – (I Pedro 5. 12-14)

*Por Silvano que considero irmão fiel, vos escrevi em poucas palavras, exortando-vos e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual devei permanecer firmes. A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, meu filho* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2119).

À medida que caminhamos na análise referente ao *ethos* de “competência” manifestado por Pedro, percebemos que a manifestação desse *ethos* na vida do apóstolo se dá mais no campo da emoção que da razão. De acordo com Cury (2006, p. 41-42), Pedro era um homem que se deixava levar pela empolgação e por aquilo que o coração dizia.

Pedro, do ponto de vista intelectual, agia sempre por impulso, tanto que, em seus debates teológicos com Paulo, sempre se perdia, pois não possuía domínio das palavras, argumentava muitas vezes sem pensar.

O *ethos* de competência manifestado por Pedro no texto é construído mediante o apoio que ele recebeu de seu secretário Silvano.

Cientificamente falando, a Bíblia de Jerusalém (2002) não nos deixa dúvida de que Pedro superou suas limitações por meio da ajuda que teve de outras pessoas,

É por isso que lhes escreve em grego; e, se este grego, simples, mas correto e harmonioso, parece de qualidade boa demais para o pescador Galileu, conhecemos o nome do discípulo secretário que pode tê-lo assistido na redação: Silvano (I Pedro 5. 12), comumente identificado com o antigo companheiro de São Paulo (Atos. 15. 22).

De acordo com Charaudeau (2011), o saber e a habilidade são características presentes na vida daquele que é competente. No caso de Pedro, a manifestação do *ethos* de competência que ele constrói em seu discurso é fruto da influência não apenas de seu secretário Silvano, mas também de escritos do Novo Testamento extraídos das epístolas de Tiago, Romanos e Efésios (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2104).

O *ethos* de competência manifestado por Pedro acima é resultado da colaboração que ele possivelmente tenha recebido de outros líderes cristãos, dentre eles Silvano e outros

discípulos.

### 4.3 CONFRONTO ENTRE A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DE PAULO E DE PEDRO NO *CORPUS* EM ANÁLISE

Identificados os *ethos* dos apóstolos Paulo e Pedro no *corpus*, a partir deste momento, concentraremos-nos em confrontá-los com o objetivo de saber a incidência de cada *ethos* nas respectivas epístolas.

Vejam a tabela geral:

**Tabela 1** – Comparação entre os *ethos* de Paulo e Pedro.

<b>Os <i>ethos</i> manifestados pelos apóstolos</b>	<b>Paulo na II epístola aos coríntios</b>	<b>Pedro na I epístola de Pedro aos judeus</b>
Escolhido	(7x) - 1. 1-2 / 1. 21 / 5.5 / 5. 13-15 / 6. 1 / 6. 16-18 / 11. 23	(3x) - 1. 1-2 / 1. 3 / 5. 1
Consolador	(3x) - 1. 3-4 / 7. 4 / 11. 27-29	-
Alegria	(5x) - 1. 12-13 / 2. 3 / 6. 10 / 7. 9 / 13. 9-11	(2x) - 1.6 / 4.13
Solidariedade	(7x) - 2. 3 / 7. 3 / 8.23 / 10. 13-14 / 11.8 / 12.14 / 13. 1	(4x) - 2.11,18 / 3.8 / 4.9 / 5.1-4
Amabilidade	(1x) - 2. 4	(4x) - 1.22 / 2.11 / 3.8 / 4. 7-8
Generosidade	(3x) - 2. 8-10 / 8. 7 / 9. 13	(4x) - 1. 22 / 3. 8 / 4. 7-11 / 5. 1-4
Virtude	(5x) - 1. 12 / 2. 17 / 4. 1-2 / 8. 21 / 13. 7	(5x) - 1. 3-5 / 2. 1-3 / 2. 9 / 3. 3-12 / 4. 7-9 / 5. 1-3
Competência	(7x) - 1. 21-22 / 2. 14 / 3. 4-6 / 4. 6 / 6. 1-2 / 10. 4-6 / 12. 1-10	(4x) - 1. 3-5 / 4. 10 / 4. 14 / 5. 10
Conhecimento	(3x) - 1.12 / 4. 6 / 8.7 /	-
Confiança	(4x) - 1. 9 / 3. 12 / 5. 6-8 / 7. 4	(1x) - 4. 19
Sério	(9x) - 1. 7 / 2. 12-13 / 4. 2 / 5. 11 / 6. 3 / 8. 10-11 / 11. 9 / 12. 6 / 13. 1	(8x) - 1. 3-5 / 1. 13-16 / 2. 1 / 2. 11 / 2. 13-17 / 3. 8-10 / 4. 7-11 / 5. 1-4
Credibilidade	(12x) - 1. 1-2 / 1. 19-22 / 2. 14 / 3. 4-6 / 3. 12 / 4. 13-15 / 6. 1-2 / 7.14 / 8.10-11 / 9. 1-2 / 10. 4-6 / 13. 8-10	(4x) - 1. 1-2 / 1. 3-5 / 4. 11 / 5. 5-12
Identificação	(4x) - 1. 1-7 / 6. 11 / 7. 1-4 / 8. 1-6	-

Eloquência	(1x) - 7. 7-8	-
Superação	(2x) - 4. 8-9 / 11. 24-28	-
Humanidade	(2x) - 1. 1-7 / 7. 5-7	(8x) - 2. 13-17 / 2. 18-20 / 3. 1-7 / 3. 8-9 / 4. 7-11 / 5.1-4 / 5. 5-11 / 5. 14
Liderança	(5x) - 1. 1-7 / 4. 5 / 8. 1-6 / 11. 8 / 12. 15	(1x) - 5. 1-4
Autoridade	(5x) - 1. 1 / 3. 6 / 10. 16-18 / 13. 1-3 / 13. 11-13	-
Santidade	(2x) - 7. 1-3 / 13. 12	(2x) - 1. 2 / 1. 15-16
Compaixão	-	(1x) - 3. 8-9
Pregador	(1x) - 2. 12	(3x) - 1. 12-13 / 2. 9 / 5. 1-4

Fonte: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Esta tabela tem como objetivo comparar os *ethos* manifestados pelos apóstolos em suas respectivas cartas, identificando assim as diferenças que compõem suas personalidades.

Percebendo haver divergências entre ambos, buscaremos, por meio da tabela dois (2) a seguir, realizar uma comparação entre cada *ethos* identificado e manifestado no *corpus* em análise.

A tabela a seguir foi elaborada com vistas a uma melhor visualização dos dados. Para isso, elencamos os 22 *ethos* manifestados de modo comparativo, daí a palavra “diferença” (como título da quarta coluna). Os dados encontram-se expostos da seguinte maneira: as linhas 1 a 14 correspondem aos *ethos* mais incidentes em Paulo (do maior para o menor grau); as linhas 15 e 16 correspondem aos *ethos* com igual grau de incidência em ambos e as linhas 17 a 21 correspondem aos *ethos* mais incidentes em Pedro (do menor para o maior grau).

**TABELA 2** - Relação: *ethos* de Paulo e de Pedro

<i>Ethos</i>	Paulo	Pedro	Diferença
1) conhecimento	3	0	3
2) credibilidade	12	4	8
3) autoridade	5	-	5
4) escolhido	7	3	4
5) identificação	4	-	4
6) liderança	5	1	4
7) consolador	3	-	3
8) alegria	5	2	3

9)	solidariedade	7	4	3
10)	competência	7	4	3
11)	confiança	4	1	3
12)	eloquência	1	-	1
13)	sério	9	8	1
14)	superação	1	-	1
15)	santidade	2	2	0
16)	virtude	5	5	0
17)	generosidade	3	4	-1
18)	compaixão	-	1	-1
19)	amabilidade	1	4	-3
20)	humanidade	2	8	-6
21)	pregador	1	3	-2

Fonte: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Identificamos que Paulo, na II Epístola aos Coríntios, manifestou o *ethos* de **conhecimento** três (3) vezes, enquanto Pedro, em sua primeira epístola aos judeus, não o manifestou nenhuma vez. A diferença é, portanto, três (3) vezes a mais em favor de Paulo. A esse respeito, vimos que uma das principais características do *ethos* de conhecimento, além do poder, é a praticidade que o orador possui para agir. Como evidenciado no *corpus*, Paulo, além do conhecimento teórico, havia aprendido com seus mestres muitas habilidades práticas. Por esse motivo, apresentava muitas habilidades em suas tarefas. Daí o fato de o apóstolo Paulo ter manifestado o *ethos* de conhecimento três (3) vezes a mais que Pedro, pois o conhecimento, além de ter sido concedido por Deus, também era decorrência da larga experiência acadêmica de Paulo.

Em seguida, temos o *ethos* de **credibilidade** manifestado por ambos. Percebemos que, enquanto Paulo manifestou-o doze (12) vezes, Pedro manifestou-o apenas quatro (4). Diferença, portanto, de oito (8) vezes a mais de Paulo para Pedro. Aquele que manifesta o *ethos* de credibilidade deve, em primeiro lugar, demonstrar ao seu auditório que possui as condições necessárias para realizar o que se propõe a fazer. Percebemos, ao analisar a II Epístola de Paulo aos Coríntios, que sua proposta era evangelizar, ensinar e orientar os fiéis locais contra os falsos mestres, ou seja, os hereges. Enquanto Paulo se dedicava a ensinar, Pedro se dedicava a confortar os corações dos cristãos perseguidos pelos romanos. O *corpus*

demonstra que o ato de ensinar não era típico de Pedro. Portanto, pode-se inferir que a grande diferença entre o *ethos* de credibilidade manifestado por Paulo e Pedro é resultado dos objetivos estabelecidos por cada um. Paulo, por ter maior contato com as diferentes igrejas e, conseqüentemente, estar envolvido com diversos tipos de auditórios, acaba expondo com maior frequência suas qualidades, que fazem dele um homem digno de crédito por parte de seus possíveis seguidores.

Neste momento, confrontaremos o *ethos* de **autoridade**, manifestado pelos apóstolos. Embora o apostolado de ambos tenha lhes conferido autoridade perante seus seguidores, apenas Paulo manifestou o *ethos* de autoridade, tanto é que, ao longo de nossa análise, identificamos cinco (5) manifestações desse *ethos* nos discursos de Paulo e nenhuma (0) no discurso de Pedro. A esse respeito, na Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1955), encontramos a informação de que Paulo resistia com autoridade a Pedro em determinadas questões, principalmente no que dizia respeito à salvação dos gentios.

O próximo *ethos* a ser comparado é o de **escolhido**. Enquanto Paulo manifestou-o sete (7) vezes em sua epístola, Pedro manifestou-o apenas três (3). Não nos surpreendemos ao identificar Paulo manifestando o *ethos* de “escolhido” quatro (4) vezes a mais que Pedro, pois nenhum personagem bíblico tratou tão profundamente a doutrina da eleição como Paulo. Provavelmente, o que fez com que Paulo manifestasse esse *ethos* mais vezes que Pedro é o fato de o sentimento de sua eleição singular lhe inspirar grandes ambições (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1955).

Em seguida, analisaremos o *ethos* de **identificação**. Levando em conta a simplicidade de Pedro, imagina-se haver muito maior probabilidade de ele se identificar com o auditório cristão do que Paulo, principalmente pelo fato de os cristãos que compõem o auditório de Pedro estarem atravessando um momento extremamente conturbado. Porém, diante das pesquisas feitas nas cartas que compõem o *corpus* em análise, percebemos que é Paulo quem manifesta o *ethos* de identificação e não Pedro. Paulo manifesta-o quatro (4) vezes e Pedro nenhuma (0). O fator preponderante que faz com que Paulo, e não Pedro, manifeste esse *ethos* é a solicitude e a dedicação. Esse gesto, além de aproximá-lo dos fiéis, faz com que seja admirado por eles (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1955). Com esse comportamento, Paulo faz uso do gerenciamento de relações, técnica que, segundo Perelman e Olbretsch-Tyteca (2005), é de suma importância para que o orador venha a realizar aquilo que propôs.

O *ethos* de **liderança** é o próximo a ser analisado. Paulo o manifesta cinco (5) vezes e Pedro, apenas uma (1) vez. Uma das características daquele que constrói a liderança em seu discurso é justamente a influência que possui perante seu auditório, a ponto de seus ouvintes o seguirem. Assim como os demais *ethos* manifestados por Paulo, esse também se constrói de acordo com sua formação acadêmica, o que lhe permite utilizar com frequência as técnicas aprendidas.

Outro *ethos* manifestado por Paulo e que Pedro não manifestou sequer uma vez foi o *ethos* de **consolador**. Pelo contexto em que o auditório de Pedro estava inserido, podemos imaginar maiores oportunidades para que ele manifestasse esse *ethos*, porém não é o que acontece. Paulo, por sua vez, embora convivesse com um auditório mais crítico e intelectualizado, ao contrário de Pedro, é quem manifesta o *ethos* de consolador. Esse dado nos faz inferir que Corinto, mesmo não passando pelos mesmos problemas que a região da Judeia, se via na necessidade de consolo, pois os problemas de relacionamento eram tantos que sua população necessitava da assistência consoladora por parte de Paulo tanto em termos mentais, mas também psicológicos e espirituais.

Outro *ethos* manifestado por ambos é o *ethos* de **alegria**. Esse *ethos* manifestado pelos apóstolos Paulo e Pedro no *corpus* em análise é bem desafiador e suscita uma pergunta: Por que Paulo, mesmo apresentando alguns *ethos* negativos, veio a manifestar cinco (5) vezes o *ethos* de alegria, enquanto Pedro o manifestou apenas duas (2)? O que os textos bíblicos (não apenas a II Epístola aos Coríntios) nos mostram é que a alegria na vida de Paulo era algo constante. A carta de Paulo aos Filipenses, por exemplo, é conhecida como a “carta da alegria” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1960-1961). Acreditamos que o fato de Pedro manifestar menos vezes o *ethos* de alegria do que Paulo seja decorrente da constante ameaça de morte sofrida por seu auditório frente à perseguição por parte dos romanos, o que o impossibilitava de manifestar essa alegria. Apesar de ambos viverem em ambientes extremamente conturbados, a luta de Paulo voltava-se sobretudo para os falsos mestres.

Comentaremos agora o *ethos* de **solidariedade**. A análise do *corpus* explicita que tanto Paulo quanto Pedro eram homens vinculados aos grupos cristãos e que manifestavam solidariedade para todos, atributo que resulta da nobreza espiritual que ambos demonstravam possuir. Esse fato pode ser corroborado pela definição que o Dicionário Aurélio (2009, p. 746) traz para o termo solidariedade: “apoio a causa, princípio, etc., de outrem. Sentido moral

que vincula o indivíduo à vida, aos interesses dum grupo social, duma nação, ou da humanidade”. Nossa análise demonstrou que, enquanto Paulo manifestou o *ethos* de solidariedade sete (7) vezes, Pedro o manifestou quatro (4). Possivelmente, essa diferença de três (3) incidências entre um e outro seja fruto do gerenciamento de relação construído por Paulo, que, na busca de cativar seu auditório, demonstrava solidarizar-se com ele.

O *ethos* a ser comparado agora é o *ethos* de **competência**. Podemos afirmar que ele se assemelha bastante com o *ethos* de potência. Assim como o *ethos* de potência, o *ethos* de competência também demonstra o poder, a capacidade e as condições necessárias para a realização de tarefas. Para Charaudeau (2011), a diferença maior entre esses dois *ethos* é que, enquanto o *ethos* de potência é considerado um atributo concedido pelo Espírito, o *ethos* de competência é resultado da experiência de vida do orador. No *corpus* analisado, Paulo manifesta o *ethos* de competência sete (7) vezes e Pedro, quatro (4). Sabemos que quanto mais o orador apresentar técnicas para persuadir e convencer seu auditório, mais chance ele terá de mostrar sua competência, o que reforça o procedimento de Paulo frente ao seu auditório, como mencionado no parágrafo anterior.

A **confiança** é uma característica comum na vida dos grandes líderes. E ela também o é no caso de Paulo e Pedro. O *ethos* em análise neste momento é o de confiança. Paulo, possuindo qualidades como potência, autoridade, chefia e competência, sentia-se confiante para o desempenho de sua missão; o que se confirma pela manifestação, por quatro (4) vezes, do *ethos* de confiança. Não havia motivos para que Paulo sentisse temor e insegurança perante seu auditório. Pedro, porém, manifestou esse *ethos* apenas uma (1) vez. Podemos dizer que a confiança em na vida de Pedro se dá mais no campo da fé do que no da ciência. Daí, concluimos que, enquanto o *ethos* de confiança manifestado por Paulo tem como suporte a experiência acadêmica e a familiaridade com a oratória, o *ethos* de confiança manifestado por Pedro tem como suporte a fé em Deus.

Compararemos neste momento, o *ethos* de **eloquência** manifestado por Paulo e ausente em Pedro. A análise demonstrou que Paulo manifesta o *ethos* de eloquência três (3) vezes enquanto Pedro nenhuma (0). Essa identificação corrobora aquilo que Tringali (1988) chama de argumentos éticos e patéticos. Paulo, pela formação acadêmica que possuía, com frequência fazia uso das técnicas argumentativas, utilizando os argumentos éticos, isto é, ele variava sua própria imagem de acordo com a conveniência da causa (TRINGALI, 1988, p.



75). A utilização desse argumento está ligada ao grau de instrução adquirido pelo orador, pois quanto maior sua formação acadêmica, maior será seu poder de raciocínio e, conseqüentemente, sua manifestação por meio da voz. Por outro lado, as atitudes de Pedro evidenciam a utilização de argumentos patéticos.<sup>16</sup>

Os argumentos patéticos suscitam paixões nos ouvintes para conduzir-lhes a mente e arrastar-lhes a vontade. O poder de coagir do discurso se atribui à força que a paixão engendra. [...] Da mesma forma, aqui, a paixão compele a aceitar uma conclusão, que supõe um raciocínio. A Retórica, no fundo, opera sempre com raciocínios. Só que, aqui, a motivação é irracional (TRINGALI, 1988, p. 77).

De todos os *ethos* identificados no *corpus* de análise, o *ethos* de **sério** foi o que mais vezes se repetiu, ou seja, foram identificados dezessete (17) incidências, nove (9) em Paulo e oito (8) em Pedro. É sabido que a seriedade é uma qualidade típica e bem visível na vida daquele que se diz cristão; ainda com mais razão na vida dos apóstolos. Esse equilíbrio percebido pela manifestação do *ethos* de sério se dá justamente pelo papel que a seriedade tem para com aqueles que se intitulam cristãos. Independente das divergências teológicas vividas por Paulo e Pedro, o *ethos* de sério é o que aproxima e faz com que ambos sejam respeitados pelos demais cristãos, tanto antigos quanto contemporâneos.

Outro *ethos* que identificamos e que também foi manifestado por Paulo em sua carta é o *ethos* de **superação**. Paulo, ao narrar as experiências vividas em suas viagens missionárias, testemunhou algumas das mais interessantes aventuras humanas. Nesses episódios, ele se apresenta como homem ousado, determinado, corajoso, forte e guerreiro, ou seja, aquele que vai superando todas as dificuldades presentes em sua vida. Pedro, porém, na I Epístola aos Judeus apresenta-se como homem fraco e totalmente dependente de Deus. A negação de Pedro relatada durante a tortura de Jesus pelos romanos<sup>17</sup> contribui ainda mais para que Pedro seja visto como um simples homem, longe de ser considerado um herói, uma vez que, ao contrário de Paulo, ele não teve a coragem de dizer que era seguidor e discípulo de Jesus. O *ethos* de superação manifestado por Paulo é o que mais caracteriza a sua longa jornada de

---

<sup>16</sup> Os argumentos patéticos são facilmente percebidos hoje em dia, principalmente em algumas igrejas consideradas pentecostais, pois, influenciados pela emoção que toma conta do culto, muitos fiéis são persuadidos. Quando discorre a respeito dessas igrejas, Rodrigues (2008, p. 21) declara que “seus cultos são cheios de emoções, vão do riso ao choro. Sempre há muita música, palmas, gritos, e, em algumas igrejas, até mesmo dança”.

<sup>17</sup> “Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás.” (Mt 26,34)

trabalho em favor da Igreja, pois os resultados obtidos são frutos de todos os obstáculos superados.

Analisaremos, a partir deste momento, os *ethos* de **santidade e virtude** manifestados nos ministérios de Paulo e Pedro. A santidade e a virtude são duas das mais visíveis e importantes características manifestadas na vida do cristão, principalmente no ministério apostólico dos apóstolos aqui estudados. No *corpus* analisado, tanto Paulo quanto Pedro manifestaram o *ethos* de virtude duas (2) vezes e o *ethos* de santidade cinco (5) vezes. Mesmo não havendo diferença de um para o outro quanto ao número manifestado, a distinção se dá na maneira com que cada um deles gerencia o seu discurso. Paulo manifestou os *ethos* de santidade e virtude por meio dos argumentos éticos, moldando sua imagem para atingir seu auditório. Pedro, por sua vez, os demonstrou por meio de argumentos patéticos, que, segundo Tringali (1988), são mais comuns entre as pessoas de menos poder intelectual.

O próximo *ethos* a aparecer na tabela é o de **generosidade**. O homem generoso tem como característica a capacidade de perdoar e de se entregar por completo em favor do próximo. O apostolado de Paulo e Pedro foi fortemente marcado pela generosidade. Paulo manifestou esse *ethos* três (3) vezes e Pedro o manifestou quatro (4), ou seja, diferença de apenas um a mais em favor de Pedro. O fato de Pedro ter manifestado esse *ethos* mais vezes que Paulo talvez se deva ao contexto social em que Pedro estava inserido. Embora todo homem necessite de generosidade, o auditório de Pedro, ao contrário do de Paulo, era extremamente carente de conforto, amor e outros gestos que demonstrassem carinho e atenção. Como dito anteriormente, o grupo de pessoas que Pedro evangelizava convivia constantemente com a violência e as ameaças de morte. É provavelmente por essa razão que identificamos, na I Epístola de Pedro aos Judeus, mais oportunidades de manifestação de generosidade do que na II Epístola aos Coríntios. Nesse caso, vemos a importância e a interferência do contexto de produção para a construção do discurso.

O próximo *ethos* a ser comparado é o de **compaixão**. Em se tratando desse *ethos*, não identificamos em Paulo sua manifestação. Pedro, porém, manifestou-o uma (1) vez. Vimos que a compaixão é um pesar provocado pela dor e desgraça alheia. Quanto mais infortúnios e desgraças o auditório tiver que suportar, mais chances o orador terá de manifestar seu *ethos* de compaixão. Vimos que Pedro, em seus discursos, se compadecia das lutas e tribulações sofridas pelos judeus por parte dos romanos, enquanto Paulo, em Corinto, atinha-se à tarefa de

combater os falsos mestres.

A partir deste momento, compararemos o *ethos* de **amabilidade** manifestado por Paulo e Pedro em suas respectivas cartas, lembrando que o primeiro manifestou-o apenas uma (1) vez e o segundo, quatro (4) vezes. Para melhor entendermos essa ocorrência, lançaremos mão de conceitos da filosofia grega, que define o substantivo amor como "ágape", "filéo" e "éros". O amor *ágape* é considerado o "amor incomparável", pois procede de Deus para o homem e, por partir de Deus, torna-se inimitável. O amor *filéo* deu origem ao substantivo "filantropia", sentimento de afeição, amor ao próximo. E por último o *Eros*, palavra que se refere ao deus grego Éros e que, segundo a filosofia grega, era o deus do sexo. O termo *éros* deu origem ao substantivo "erotismo", que significa "sexo e prazer". O *ethos* de amabilidade manifestado por Paulo e por Pedro se funda no amor *ágape* e também no amor *filéo*. *Ágape*, por ser a própria manifestação de Deus ao homem e *filéo* por ser a expressão do amor deles (apóstolos) para com o seu próximo (as comunidades). Essas duas formas aparecem na generosidade construída nos discursos de ambos os apóstolos, porém o fato de Pedro ter manifestado o *ethos* de amabilidade três (3) vezes a mais que Paulo se deve à perseguição sofrida pela Igreja de Jerusalém, pois Pedro teve mais oportunidades de se dedicar aos fiéis e conseqüentemente demonstrar mais carinho e amor para com a Igreja local.

O penúltimo *ethos* a ser comparado é o *ethos* de **humanidade**. Esse é manifestado duas (2) vezes por Paulo e oito (8) vezes por Pedro. Percebemos que, de todos os *ethos* manifestados por Pedro, essa é maior diferença apresentada em relação aos *ethos* manifestados por Paulo, ou seja, uma diferença de seis (6). A humanidade de Pedro manifestada na Epístola é baseada nos argumentos patéticos, pois tudo o que Pedro fez em favor da Igreja foi decorrência da emoção e do impulso. Já Paulo, como homem apaixonado por sua Igreja, agia movido pela racionalidade, manifestando o *ethos* de humanidade de maneira mais racional e crítica.

O último *ethos* a ser comparado é o de **pregador**. Esse *ethos* Paulo manifesta uma (1) vez e Pedro três (3), ou seja, Pedro manifesta-o duas (2) vezes a mais que Paulo. O fato de Pedro manifestá-lo duas vezes mais que Paulo se dá pelo contexto que ambas as Igrejas (Corinto e Jerusalém) estavam inseridas. Enquanto Pedro pregava mensagens de encorajamento aos cristãos perseguidos pelos romanos, Paulo instruía os cristãos de Corinto com escritos teológicos. Assim, Pedro se via na necessidade de sempre levar "boa novas" aos

novos cristãos.

Diante da comparação efetuada com os *ethos* elencados, percebemos que, de fato, a análise nos revelou a imagem de si e a personalidade de cada um dos apóstolos manifestada em suas respectivas epístolas. Tornou-se patente, em ambos os casos, a influência do meio na construção ética dos discursos, ou seja, o contexto de produção teve papel preponderante no fio condutor da retórica discursiva.<sup>18</sup> Concluimos também que os *ethos* manifestados decorrem da tentativa de estreitamento da relação entre orador e auditório, ou seja, da busca de fazer com que a distância entre o orador e seu auditório diminuísse. Para finalizar, tomemos as palavras do próprio Meyer a esse respeito:

[...] o orador e o auditório negociam sua diferença, ou sua distância, se preferirmos, comunicando-a reciprocamente. O que constitui a sua diferença, e mesmo o seu diferencial, é certamente múltiplo, e pode ser social, político, ético, ideológico, intelectual [...] (MEYER, 2007, p. 25)

Das palavras desse grande mestre da argumentação, podemos inferir que a retórica surge com instrumento de negociação da diferença, ou seja, da negociação da distância entre os indivíduos sobre uma questão dada. Nessa linha de raciocínio e voltando-nos para o *corpus* em questão, podemos observar que, para que o convencimento e a persuasão ocorressem (objetivo primeiro dos textos aqui analisados), era preciso que a distância entre os oradores (Paulo e Pedro) e seus respectivos auditórios (coríntios e judeus) diminuísse, daí a intensa elaboração ética por parte dos apóstolos, tal como evidenciam os resultados da análise apresentada.

---

<sup>18</sup> De acordo com Vannier (2001, p. 60), “um argumento nunca está isolado de seu contexto e não é forte ou fraco, senão no contexto. Fora do contexto, ele não é argumento”.

## CONCLUSÃO

Os resultados da análise evidenciaram a manifestação de argumentos éticos e patéticos por parte dos apóstolos Paulo e Pedro, respectivamente. Paulo, dado seu alto grau de instrução, fazia uso constante dos argumentos éticos; além disso, procurava persuadir seu auditório por meio da arte retórica e do raciocínio. Pedro, que não gozava da mesma capacidade intelectual de Paulo, buscava persuadir seu auditório por meio dos argumentos patéticos, ou seja, valia-se da emoção e da afetividade.

A análise também demonstrou que os argumentos éticos utilizados por Paulo o levaram a manifestar os *ethos* de conhecimento, credibilidade, autoridade, escolhido, identificação, liderança, consolador, alegria, solidariedade, competência, confiança, eloquência, sério e superação. Já os argumentos patéticos utilizados por Pedro, o levaram a manifestar os *ethos* de escolhido, generosidade, compaixão, amabilidade, humanidade e pregador. Atestamos ainda que ambos os apóstolos manifestaram igualmente os *ethos* de virtude e de santidade no *corpus* analisado.

Ressaltamos que a maior incidência de *ethos* manifestados pelo apóstolo Paulo em relação aos *ethos* manifestados pelo apóstolo Pedro também decorre da diferença entre as duas Epístolas, ou seja, enquanto a II Epístola de Paulo aos Coríntios possui treze (13) capítulos, a I Epístola de Pedro aos Judeus, possui apenas cinco (5). A diferença entre ambas com relação ao número de capítulo pode ter contribuído para que Paulo manifestasse mais *ethos* que Pedro.

A análise da manifestação dos *ethos* presentes no *corpus*, aliada ao entendimento dos argumentos éticos e patéticos, permitiu-nos vislumbrar e entender algumas das razões para os longos embates doutrinários entre Paulo e Pedro e suas consequências para os estudos exegéticos na atualidade.

Podemos ainda concluir que os estudos de Argumentação e Retórica nos forneceram as ferramentas adequadas para o esclarecimento da constituição ética dos apóstolos Paulo e Pedro. Nesse sentido, acreditamos também que o presente estudo traga contribuições para pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Antonio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- ALLERS, Rudolf. *Psicologia do caráter*. Tradução de N. L. Rodrigues. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- AMORIM, Carlos; AGUIAR, Maria Isabel Chorão; MOREIRA, Maria Margarida Baptista. *Introdução a filosofia*. Porto: Areal Editores, 1998.
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- BECKER, J. *Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia*. Tradução de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristão, 2007.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Tradução de Odayr Olivetti – 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- BÍBLIA DE ESTUDO E APLICAÇÃO PESSOAL. Tradução – Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 2004.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Bible de Jerusalém, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA ON LINE. Disponível em: <http://www.bibliaonline.net/biblia/>. Acesso em: 19 nov. 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CURY, Augusto. *O Código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- DESCARTES, René. *Discurso do método: As paixões da alma - (Volume I)*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.
- EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da

Cruz, Fabiana Komesu, Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

FABRINO, Ana Maria Junqueira. *O lugar dos lugares – a escrita argumentativa na universidade*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH – USP. São Paulo, 2008.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

HADDAD, Galit. *Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 145-165.

HAGIN, K. *Compreendendo a unção*. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1983.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. *O que é retórica*. São Paulo: brasiliense, 1999.

JONES, Martyn Lloyd. *Pregação e pregadores*. São Paulo: Fiel, 1971.

LOPES, Hernandes. Dias. *O papado e o dogma de Maria*. São Paulo: Hagnos, 2005.

MEYER, Michel. *A retórica*. 2. ed. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

MOURA, Kátia. Araujo. “*Buscai as coisas do alto*”: *aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de padre Léo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. São Paulo, 2009.

OLIMPIO, Moisés Ferreira. *A arte retórica nos discursos do apóstolo Paulo: as estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditórios*. São Paulo, 2011. 625 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*: Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, Robertson. *Épocas da vida de Paulo*. São Paulo: Juerp, 2008.

SANDERS, J. Oswald. *Paulo, o líder*. São Paulo: Vida, 1986.

SÊNECA. *A vida feliz*. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

TRINGALI, Dante. *Introdução a retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: duas cidades, 1988.

VANNIER, Guillaume. *Argumentation et droit*. Paris, PUF, 2001.

VERZOLA, Marina Gláucia. *Mulheres no poder: a constituição do ethos retórico em discursos de presidentas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. São Paulo, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editor Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1968.



## ANEXO A

### SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.bibliaonline.net/biblia/?livro=47&versao=17&lang=pt-BR&cab=> .

## Capítulo 1

	<b>Preâmbulo</b>
1	<b>Endereço e saudação. Ação de graças</b> Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e Timóteo, o irmão, à Igreja de Deus que está em Corinto, assim como a todos os santos que se encontram na Acaia inteira.
2	A vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!
3	Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação!
4	Ele nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus.
5	Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são copiosos para nós, assim também por Cristo é copiosa a nossa consolação.
6	Se somos atribulados, é para a vossa consolação e salvação que o somos. Se somos consolados, é para a vossa consolação, que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos.
7	E a nossa esperança a vosso respeito é firme: sabemos que, compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação!
8	Não queremos, irmãos, que o ignoreis: a tribulação que padecemos na Ásia acabou-nos ao extremo, além das nossas forças, a ponto de perdermos a esperança de sobreviver.
9	Sim; recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos.
10	Foi ele que nos libertou de tal morte e dela nos libertará; nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte.
11	Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece; assim, a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças de muitos em nosso favor.
	<b>I. Os incidentes passados</b>
12	<b>Por que Paulo modificou o plano de viagem —</b> O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência; comportamo-nos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a santidade e a pureza que vêm de Deus, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus.
13	Com efeito, nada há em nossas cartas a não ser o que nelas ledes e compreendeis. Espero que compreendereis plenamente, —
14	assim como nos compreendestes em parte — que somos para vós um motivo de glória, como sereis o nosso, no Dia do Senhor Jesus.
15	Animado por esta certeza, tencionava primeiramente ir ter convosco, para que recebêsseis uma segunda graça;
16	a seguir, passaria para a Macedônia; por fim, da Macedônia voltaria a ter convosco, a fim de que me preparásseis a viagem para a Judéia.
17	Tomando este propósito, terei sido leviano? Ou meus planos seriam apenas inspirados pela carne, de modo que haja em mim simultaneamente o sim e o não?
18	Deus é testemunha fiel de que a nossa palavra a vós dirigida não é sim e não.
19	Pois o Filho de Deus, o Cristo Jesus, que vos anunciamos, eu, Silvano e Timóteo, não foi sim e não, mas unicamente sim.
20	Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim: por isto, é por ele que dizemos "Amém" a Deus para a glória de Deus.
21	Aquele que nos fortalece convosco em Cristo e nos dá a unção é Deus,
22	o qual nos marcou com um selo e colocou em nossos corações o penhor do Espírito.
23	Quanto a mim, invoco a Deus como testemunha da minha vida: foi para vos poupar que não voltei a Corinto.
24	Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria; é pela fé que estais firmes.

## Capítulo 2

1	Resolvi o seguinte: não voltarei a ter convosco na tristeza.
2	Pois, se vos causo tristeza, quem me proporcionará alegria senão aquele que eu tiver entristecido?
3	A finalidade da minha carta era evitar que, ao chegar, eu experimentasse tristeza da parte daqueles que me deveriam proporcionar alegria. Estou convencido, no que vos diz respeito, de que a minha alegria é também a de todos vós.
4	Por isto, foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas, não para vos entristecer, mas para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco.
5	Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas em certa medida (não exageremos) a todos vós.
6	Para tal homem, basta a censura infligida pela maioria.
7	Eis por que, muito ao contrário, perdoai-lhe e consolai-o, a fim de que não seja absorvido por tristeza excessiva.
8	Sendo assim, exorto-vos a que deis provas de amor para com ele,
9	pois, ao vos escrever, eu tinha em mira pôr à prova a vossa obediência e averiguar se era total.
10	Aquele a quem perdoais eu perdôo! Se perdoei — na medida em que tinha de perdoar —, eu o fiz em vosso favor, na plena presença de Cristo,
11	a fim de que não sejamos iludidos por Satanás. Pois não ignoramos as intenções dele.
12	<b>De Trôade à Macedônia. Digressão: o ministério apostólico —</b> Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo, e, embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande,
13	não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão. Por conseguinte, despedi-me deles e parti para a Macedônia.
14	Graças sejam dadas a Deus, que por Cristo nos carrega sempre em seu triunfo e, por nós, expande em toda parte o perfume do seu conhecimento.
15	Em verdade, somos para Deus o bom odor de Cristo, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem;
16	para uns, odor que da morte leva à morte; para outros, odor que da vida leva à vida. E quem estaria à altura de tal missão?
17	Não somos como aqueles muitos que falsificam a palavra de Deus; é, antes, com sinceridade, como enviados de Deus, que falamos, na presença de Deus, em Cristo.

### Capítulo 3

1	Começaremos de novo a nos recomendar? Ou será que, como alguns, precisamos de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte?
2	Nossa carta sois vós, carta escrita em nossos corações, reconhecida e lida por todos os homens.
3	Evidentemente, sois uma carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações!"
4	Tal é a certeza que temos, graças a Cristo, diante de Deus.
5	Não como se fôssemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas é de Deus que vem a nossa capacidade.
6	Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida.
7	Ora, se o ministério da morte, gravado com letras sobre a pedra, foi tão assinalado pela glória que os israelitas não podiam fixar os olhos no semblante de Moisés, por causa do fulgor que nele havia — fulgor, aliás, passageiro —,
8	como não será ainda mais glorioso o ministério do Espírito?
9	Na verdade, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais glorioso será o ministério da justiça.
10	Mesmo a glória que então se verificou já não pode ser considerada glória, em comparação com a glória atual, que lhe é muito superior.
11	Pois, se o que é passageiro foi assinalado pela glória, com mais razão o que permanece deve ser glorioso.
12	Fortalecidos por tal esperança, temos plena confiança:

- 13 não fazemos como Moisés, que colocava um véu sobre a sua face para que os filhos de Israel não percebessem o fim do que era transitório...
- 14 Mas os seus espíritos se tornaram obscurecidos. Sim; até hoje, quando lêem o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece. Não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece.
- 15 Sim; até hoje, todas as vezes que lêem Moisés, um véu está sobre o seu coração.
- 16 É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai.
- 17 Pois o Senhor é o Espírito, e onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade.
- 18 E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito.<sup>4</sup>

#### Capítulo 4

- 1 Por isto, já que por misericórdia fomos revestidos de tal ministério, não perdemos a coragem.
- 2 Dissemos "não" aos procedimentos secretos e vergonhosos; procedemos sem astúcia e não falsificamos a palavra de Deus. Muito ao contrário, pela manifestação da verdade recomendamos-nos à consciência de cada homem diante de Deus.
- 3 Por conseguinte, se o nosso evangelho permanece velado, está velado para aqueles que se perdem,
- 4 para os incrédulos, dos quais o deus deste mundo obscureceu a inteligência, a fim de que não vejam brilhar a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.
- 5 Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor. Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus.
- 6 Porquanto Deus, que disse: Do meio das trevas brilhe a luz!, foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.
- 7 **Tribulações e esperanças do ministério —**  
Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós.
- 8 Somos atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses;
- 9 perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados.
- 10 Incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo.
- 11 Com efeito, nós embora vivamos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus seja manifestada em nossa carne mortal.
- 12 Assim a morte trabalha em nós; a vida, porém, em nós.
- 13 Por conseguinte, tendo o mesmo espírito de fé a respeito do qual está escrito: Acreditei, por isto falei, cremos também nós, e por isto falamos.
- 14 Pois sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus ressuscitará também a nós com Jesus e nos colocará ao lado dele, juntamente convosco.
- 15 E tudo isto se realiza em vosso favor, para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a ação de graças para a glória de Deus.
- 16 Por isto não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia-a-dia.
- 17 Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso.
- 18 Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.

#### Capítulo 5

- 1 Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas.
- 2 Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a nossa habitação celeste —
- 3 o que será possível se formos encontrados vestidos, e não nus.

4	Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acobrunhados, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima desta, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida.
5	E quem nos dispôs a isto foi Deus, que nos deu o penhor do Espírito.
6	Por conseguinte, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor,
7	pois caminhamos pela fé e não pela visão...
8	Sim, estamos cheios de confiança, e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor.
9	Por isto também esforçamo-nos por agradar-lhe, quer permaneçamos em nossa mansão, quer a deixemos.
10	Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal.
11	<b>O exercício do ministério apostólico —</b> Compenetrados, pois, do temor do Senhor, procuramos convencer os homens. Quanto a Deus, somos-lhe plenamente manifestos; espero que sejamos também plenamente conhecidos por vós em vossas consciências.
12	Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos a ocasião de vos gloriardes a nosso respeito, a fim de que possais responder àqueles que se gloriam apenas pelas aparências, e não pelo que está nos corações.
13	Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus; se somos sensatos, é por causa de vós.
14	Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram.
15	Ora, ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles.
16	Por isto, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim.
17	Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova.
18	Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação.
19	Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da reconciliação.
20	Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus.
21	Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus.

## Capítulo 6

1	Visto que somos colaboradores com ele, exortamo-vos ainda a que não recebeis a graça de Deus em vão.
2	Pois ele diz: No tempo favorável, eu te ouvi. E no dia da salvação vim em teu auxílio. Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação.
3	Evitamos dar qualquer motivo de escândalo, a fim de que o nosso ministério não seja sujeito a censura.
4	Ao contrário, em tudo recomendamos-nos como ministros de Deus: por grande perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas angústias,
5	nos açoites, nas prisões, nas desordens, nas fadigas, nas vigílias, nos jejuns,
6	pela pureza, pela ciência, pela paciência, pela bondade, por um espírito santo, pelo amor sem fingimento,
7	pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça,
8	na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores e, não obstante, verídicos;
9	como desconhecidos e, não obstante, conhecidos; como moribundos e, não obstante, eis que vivemos; como punidos e, não obstante, livres da morte;
10	como tristes e, não obstante, sempre alegres; como indigentes e, não obstante, enriquecendo a muitos; como nada tendo, embora tudo possuamos!

11	<b>Expansões e advertências —</b> Nós vos falamos com toda liberdade, ó coríntios; o nosso coração se dilatou.
12	Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza.
13	Pagai-nos com igual retribuição; falo-vos como a filhos: dilatai também os vossos corações!
14	Não formeis parêntese incoerente com os incrédulos. Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?
15	Que acordo entre Cristo e Beliar? Que relação entre o fiel e o incrédulo?
16	Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós é que somos o templo do Deus vivo, como disse o próprio Deus: <i>Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.</i>
17	<i>Portanto, saí do meio de tal gente, e afastai-vos, diz o Senhor. Não toqueis o que seja impuro, e eu vos acolherei.</i>
18	<i>Serei para vós um pai, e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso.</i>

### Capítulo 7

1	Caríssimos, de posse de tais promessas, purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito. E levemos a termo a nossa santificação no temor de Deus.
2	Acolhei-nos em vossos corações. A ninguém causamos injúria, a ninguém pervertemos, a ninguém exploramos.
3	Não é para vos condenar que o digo, pois já o afirmei: estais em nossos corações para a vida e para a morte.
4	Grande é a minha confiança em vós; de vós muito me ufano. Estou cheio de consolo, transbordo de alegria em toda a nossa tribulação.
5	<b>Paulo na Macedônia e encontro com Tito —</b> Em verdade, quando chegamos à Macedônia, nossa carne não teve repouso algum, mas sofremos toda espécie de tribulação: por fora, lutas; por dentro, temores.
6	Mas aquele que consola os humildes, Deus, consolou-nos pela chegada de Tito.
7	E não somente pela sua chegada, mas também pelo consolo que recebeu de vossa parte. Referiu-nos o vosso vivo desejo, a vossa desolação e o vosso zelo por mim, de tal modo que em mim a alegria prevaleceu.
8	Sim; se vos entristeci pela minha carta, não me arrependo. E, se a princípio me arrependi — vejo que essa carta vos entristeceu, ainda que por pouco tempo —,
9	alegro-me agora, não por vos ter contristado, mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento. Vós vos entristecestes segundo Deus, e assim não sofrestes dano algum da nossa parte.
10	Com efeito, a tristeza segundo Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás, ao passo que a tristeza segundo o mundo produz a morte.
11	Vede, antes, o que produziu em vós a tristeza segundo Deus: que solicitude! Que desculpas! Que indignação! Que temor! Que ardente desejo! Que zelo! Que punição! Demonstrastes de todos os modos que estáveis inocentes naquela questão.
12	Numa palavra, se eu vos escrevi, não foi por causa daquele que injuriou, nem por causa daquele que sofreu a injúria, mas para que se manifestasse entre vós, na presença de Deus, a solicitude que tendes para conosco.
13	Foi por isto que nos sentimos consolados. <i>Mas a esta consolação pessoal sobreveio uma alegria maior ainda: a de vermos a alegria de Tito, cujo espírito foi tranqüilizado por todos vós.</i>
14	<i>Se diante dele eu me gloriei um pouco de vós, não tive que me envergonhar. Assim como sempre vos temos dito a verdade, do mesmo modo ficou comprovado como verídico o elogio que de vós fizemos a Tito.</i>
15	<i>Ele sente por vós ainda maior afeição, ao lembrar-se da vossa obediência, e de como o acolhestes com temor e tremor.</i>
16	<i>Regozijo-me por poder contar convosco em tudo.</i>

### Capítulo 8

1	<b>II. Organização da coleta</b> <b>Motivos de generosidade —</b> Irmãos, nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia.
2	Em meio às múltiplas tribulações que as puseram à prova, a sua copiosa alegria e a sua pobreza extrema transbordaram em tesouros de liberalidade.

3	Dou testemunho de que, segundo os seus meios e para além dos seus meios, com toda a espontaneidade
4	e com viva insistência, nos rogaram a graça de tomar parte nesse serviço em proveito dos santos.
5	Ultrapassando mesmo as nossas esperanças, deram-se primeiramente ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus.
6	Por isto, insistimos junto a Tito para que leve a bom termo entre vós essa obra de generosidade, como já a tinha começado.
7	Visto que tudo tendes em abundância — fé, eloquência, ciência, toda espécie de zelo e a caridade que vos inspiramos" —, procurai também distinguir-vos nesta obra de generosidade.
8	Não digo isto para vos impor uma ordem; mas, citando-vos o zelo dos outros, dou-vos ocasião de provardes a sinceridade da vossa caridade.
9	Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza.
10	A propósito, dou-vos um parecer: é o que convém a vós, já que fostes os primeiros, desde o ano passado, não somente a realizar, mas também a querer realizar essa obra.
11	Agora, portanto, levai-a a termo, de modo que à boa disposição da vossa vontade corresponda a realização segundo os vossos meios.
12	Quando existe a boa vontade, somos bem aceitos com os recursos que temos; pouco importa o que não temos.
13	Não desejamos que o alívio dos outros seja para vós causa de aflição, mas que haja igualdade.
14	No presente momento, o que para vós sobeja suprirá a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a suprir a vossa carência. Assim haverá igualdade,
15	como está escrito: Quem recolhera muito não teve excesso; quem recolhera pouco não sofreu penúria.
16	<b><i>Apresentação elogiosa dos enviados —</i></b> Graças sejam dadas a Deus, que colocou no coração de Tito o mesmo zelo por vós.
17	Acolheu a minha solicitação e, mais apressado do que nunca, espontaneamente vai ter convosco.
18	Mandamos com ele o irmão cujo louvor, por causa da pregação do evangelho, se espalhou por todas as Igrejas.

19 Mais ainda: foi designado pelas Igrejas para ser nosso companheiro de viagem nesta obra de generosidade, serviço que empreendemos para a glória do Senhor e a realização das nossas boas intenções.

20 Tomamos esta precaução para evitar qualquer crítica na administração da grande quantia de que estamos encarregados.

21 Com efeito, preocupamo-nos com o bem não somente aos olhos de Deus, mas também aos olhos dos homens.



10	"pois as cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas ele, uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível".
11	Quem assim fala tome consciência de que tais como somos pela linguagem e por cartas quando estamos ausentes, tais seremos por nossos atos quanto estivermos presentes.
12	<b>Resposta à acusação de ambição —</b> Não temos a ousadia de nos igualar ou de nos comparar a alguns que recomendam a si mesmos. Medindo-se a si mesmos segundo a sua medida e comparando-se a si mesmos, tornam-se insensatos.
13	Quanto a nós, não nos gloriaremos além da justa medida, mas nos serviremos, como medida, da regra mesma que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós.
14	Não nos estendemos indevidamente, como seria o caso se não tivéssemos chegado até vós, pois, na verdade, fomos ter convosco anunciando-vos o evangelho de Cristo.
15	Não nos gloriamos desmedidamente, apoiados em trabalhos alheios; e temos a esperança de que com o progresso da vossa fé, cresceremos mais e mais segundo a nossa regra,
16	levando mesmo o evangelho para além dos limites de vossa região, sem, porém, entrar em campo alheio para nos gloriarmos de trabalhos lá realizados por outros.
17	Quem se gloria, glorie-se no Senhor.
18	Pois não aquele que recomenda a si mesmo é aprovado, mas aquele que Deus recomenda.

#### Capítulo 11

1	<b>Paulo constrangido a fazer o elogio próprio —</b> Oxalá pudésseis suportar um pouco de loucura da minha parte! Mas, não há dúvida, vós me suportais.
2	Experimento por vós um zelo semelhante ao de Deus. Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura.
3	Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo.
4	Com efeito, se vem alguém e vos prega um Jesus diferente daquele que vos pregamos, ou se acolheis um espírito diverso do que recebestes ou um evangelho diverso daquele que abraçastes, vós o suportais de bom grado.
5	Todavia, julgo não ser inferior, em coisa alguma, a esses "eminentes apóstolos"!
6	Ainda que seja imperito no falar, não o sou no saber. Em tudo e de todos os modos, vo-lo mostramos.
7	Terá sido falta minha anunciar-vos gratuitamente o evangelho de Deus, humilhando-me a mim mesmo para vos exaltar?
8	Despojei outras Igrejas, delas recebendo salário, a fim de vos servir.
9	E, quando entre vós sofri necessidade, a ninguém fui pesado, pois os irmãos vindos da Macedônia supriram a minha penúria; em tudo evitei ser-vos pesado, e continuarei a evitá-lo.
10	Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que este título de glória não me será arrebatado nas regiões da Acaia.
11	E por quê? Por que não vos amo? Deus o sabe!
12	O que faço, continuarei a fazê-lo a fim de tirar todo pretexto àqueles que procuram algum para se gloriarem dos mesmos títulos que nós!
13	Esses tais são falsos apóstolos, operários enganadores, camuflados em apóstolos de Cristo.
14	E não é de estranhar! Pois o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.
15	Por conseguinte, não é surpreendente que os seus ministros se transfigurem em servidores da justiça. Mas o fim destes corresponderá às suas obras.
16	Repito: que ninguém me considere insensato! Ou então suportai-me como insensato, a fim de que também eu me possa gloriar um pouco.
17	O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como insensato, certo de ter motivo de me gloriar.
18	Visto que muitos se gloriam de seus títulos humanos, também eu me gloriarei.
19	De boa vontade suportais os insensatos, vós que sois tão sensatos!

20	Suportais que vos escravizem, que vos devorem, que vos despojem, que vos tratem com soberba, que vos esbofeteiem.
21	Digo-o para vergonha vossa: poder-se-ia crer que nós é que fomos fracos... Aquilo que os outros ousam apresentar — falo como insensato — ouso-o também eu.
22	São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu.
23	São ministros de Cristo? Como insensato, digo: muito mais eu. Muito mais, pelas fadigas; muito mais, pelas prisões; infinitamente mais, pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte.
24	Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um.
25	Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar.
26	Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos!
27	Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez!
28	E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas!
29	Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu também fique febril?
30	Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei.
31	O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito pelos séculos, sabe que não minto.
32	Em Damasco, o etnarca do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos no intuito de me prender.
33	Mas por uma janela fizeram-me descer em um cesto ao longo da muralha, e escapei às suas mãos.

## Capítulo 12

1	É preciso gloriar-se? Por certo, não convém. Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor.
2	Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu — se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe!
3	E sei que esse homem — se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! —
4	foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir.
5	No tocante a esse homem, eu me gloriarei; mas, no tocante a mim, só me gloriarei das minhas fraquezas.
6	Se quisesse gloriar-me, não seria louco, pois só diria a verdade. Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha a meu respeito um conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer.
7	Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um agulhão na carne — um anjo de Satanás para me espancar — a fim de que eu não me encha de soberba.
8	A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim.
9	Respondeu-me, porém: "Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder". Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo.
10	Por isto, eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.
11	Procedi como insensato! Vós me constrangestes a isto. A vós que tocava recomendar-me. Pois em nada fui inferior a esses "eminentes apóstolos, se bem que eu nada seja.
12	Os sinais que distinguem o apóstolo realizaram-se entre vós: paciência a toda prova, sinais milagrosos, prodígios e atos portentosos.
13	Que tivestes a menos do que as outras Igrejas senão o fato de que não vos fui pesado? Perdoai-me essa injustiça!
14	Eis que estou pronto a ir ter convosco pela terceira vez, e não vos serei pesado; pois não procuro os vossos bens, mas a vós mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas sim os pais para os filhos.
15	Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei todo inteiro, em vosso favor. Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isto, menos amado?
16	"Seja"! dirão. Não vos fui pesado. Mas, astuto como sou, conquistei-vos fraudulentamente!

17	Porventura vos explorei por algum daqueles que vos envieí?
18	Pedi a Tito que fosse ter convosco e com ele envieí o irmão. Será que Tito vos explorou? Não caminhamos no mesmo espírito? Não seguimos os mesmos passos?
19	<b>Aprensões e inquietudes de Paulo —</b> Desde muito, julgais que nós nos queremos justificar diante de vós. Não; é diante de Deus, em Cristo, que falamos. E tudo, caríssimos, para a vossa edificação.
20	Com efeito, receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar e que, por conseguinte, me encontrareis tal como não querei s. Tenho receio de que haja entre vós discórdia, inveja, animosidades, rivalidades, maledicências, falsas acusações, arrogância, desordens.
21	Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação e das dissoluções que cometeram.

### Capítulo 13

1	Eis a terceira vez que vou ter convosco. Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas.
2	Já o disse e, como por ocasião da minha segunda visita, torno a dizer hoje, estando ausente, àqueles que pecaram anteriormente, e a todos os outros; se voltar, não usarei de meias medidas,
3	pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim; ele que não é fraco em relação a vós mostra, porém, o seu poder em vós.
4	Por certo, foi crucificado em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus. Também nós somos fracos nele, todavia com ele viveremos pelo poder de Deus em relação a vós.
5	Examinai-vos a vós mesmos, e vede se estais na fé; provai-vos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? A menos que não sejais aprovados no exame.
6	Espero reconheçais que somos aprovados.
7	Pedimos a Deus, não cometais mal algum. Nosso desejo não é aparecer como aprovados, mas sim que pratiquéis o bem, ainda que devamos passar por não aprovados.
8	Nada podemos contra a verdade, mas só temos poder em favor da verdade.
9	Alegramo-nos todas as vezes que somos fracos, e vós fortes. E o que pedimos em nossas orações é o vosso aperfeiçoamento.
10	Eu vos escrevo estas coisas, estando ausente, para que, quando aí chegar, não tenha que recorrer à severidade, conforme o poder que o Senhor me deu para construir, e não para destruir.
11	<b>Conclusão</b> <b>Recomendações. Saudações. Voto final —</b> De resto, irmãos, alegrai-vos, procurai a perfeição, encorajai-vos. Permaneci em concórdia, vivei em paz, e o Deus de amor e de paz estará convosco.
12	Saudai-vos mutuamente com o ósculo santo. Saúdam-vos todos os santos.
13	A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!

## ANEXO B

### PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO<sup>20</sup>

#### Capítulo 1

1	<b>Endereço e saudação —</b> Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros da Dispersão: do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, eleitos
2	segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo e participar da bênção da aspersão do seu sangue. Graça e paz vos sejam concedidas abundantemente!
3	<b>Introdução. A herança concedida pelo Pai —</b> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua grande misericórdia, nos gerou de novo, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma esperança viva,
4	para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós,
5	os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação prestes a revelar-se no tempo do fim.
6	<b>Amor e fidelidade para com Cristo —</b> Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, se necessário, sejais contristados por um pouco de tempo, em virtude de várias provações,

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.bibliaonline.net/biblia/?livro=60&versao=17&lang=pt-BR&cab=>

7	a fim de que a autenticidade comprovada da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, cuja genuinidade é provada pelo fogo, alcance louvor, glória e honra por ocasião da Revelação de Jesus Cristo.
8	A ele, embora não o tenhais visto, amais; nele, apesar de o não terdes visto, mas crendo, vos rejubilais com uma alegria inefável e gloriosa,
9	pois que alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas.
10	<b>A revelação profética do Espírito —</b> A respeito dessa salvação investigaram e pesquisaram os profetas que profetizavam a respeito da graça que vos era destinada,
11	procurando saber a que tempo e a que circunstâncias se referia o Espírito de Cristo, que estava neles, ao prenunciar os sofrimentos que haviam de sobrevir a Cristo e as glórias que viriam após.
12	A eles foi revelado que não para si mesmo, mas para vós, exerciam esse ministério, que agora vos foi anunciado por aqueles que vos pregam o evangelho, pelo Espírito Santo enviado do céu, e ao qual os anjos desejam ardentemente perscrutar.
13	<b>Requisitos da vida nova. Santidade do neófito —</b> Por isso, com prontidão de espírito, sede sóbrios e ponde toda a vossa esperança na graça que vos será trazida por ocasião da Revelação de Jesus Cristo.
14	Como filhos obedientes, não consintais em modelar a vossa vida de acordo com as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância.
15	Antes, como é santo aquele que vos chamou, tomai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento,
16	porque está escrito: <i>Sede santos, porque eu sou santo.</i>
17	E se chamais Pai aquele que com imparcialidade julga a cada um de acordo com as suas obras, portai-vos com temor durante o tempo do vosso exílio.
18	Pois sabeis que não foi com coisas perecíveis, isto é, com <i>prata</i> ou com <i>ouro</i> , que fostes <i>resgatados</i> da vida fútil que herdastes dos vossos pais,
19	mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mácula,
20	conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado, no fim dos tempos, por causa de vós.
21	Por ele, vós crestes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu a glória, de modo que a vossa fé e a vossa esperança estivessem postas em Deus.
22	<b>A regeneração pela Palavra —</b> Pela obediência à verdade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros arduamente e com coração puro.
23	Fostes regenerados, não de uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus, a qual permanece para sempre.
24	Com efeito, <i>toda a carne é como erva e toda a sua glória como a flor da erva. Secou-se a erva e a sua flor caiu;</i>
25	<i>mas a Palavra do Senhor permanece para sempre.</i> Ora, é esta a Palavra que vos foi anunciada no evangelho. 2
<b>Capítulo 2</b>	
1	Portanto, rejeitando toda maldade, toda mentira, todas as formas de hipocrisia e de inveja e toda maledicência,
2	desejai, como crianças recém-nascidas, o leite não adulterado da palavra, a fim de que por ele cresçais para a salvação,
3	já que <i>provastes que o Senhor é bondoso. O novo sacerdócio —</i>
4	Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa.
5	Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, dedikai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.
6	Com efeito, nas Escrituras se lê: <i>Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; quem nela crê não será confundido.</i>
7	Isto é, para vós que credes ela será um tesouro precioso, mas para os que não crêem, <i>a pedra que os edificadores rejeitaram, essa tornou-se a pedra angular,</i>
8	<i>uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair.</i> Eles tropeçam porque não crêem na Palavra, para o que também foram destinados.
9	Mas vós sois uma <i>raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade</i> , a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa,

- 10 vós que outrora *não* éreis *povo*, mas agora sois o Povo de Deus, *que não tínheis alcançado misericórdia*, mas agora *alcançastes misericórdia*.
- Deveres dos cristãos: entre os gentios —**
- 11 Amados, exorto-vos, como a *peregrinos e forasteiros* neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma.
- 12 Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós, como se fósseis malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus, no dia da Visitação.
- Para com as autoridades —**
- 13 Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, seja ao rei, como soberano,
- 14 seja aos governadores, como enviados seus para a punição dos malfeitores e para o louvor dos que fazem o bem,
- 15 pois esta é a vontade de Deus que, fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos insensatos.
- 16 Comportai-vos como homens livres, não usando a liberdade como cobertura para o mal, mas como servos de Deus.
- 17 Honrai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, tributai honra ao
- Para com os senhores exigentes —**
- 18 Vós, criados, sujeitai-vos, com todo o respeito, aos vossos senhores, não só aos bons e razoáveis, mas também aos perversos.
- 19 É louvável" que alguém suporte aflições, sofrendo injustamente por amor de Deus.
- 20 Mas que glória há em suportar com paciência, se sois esbofeteados por terdes errado? Ao contrário, se, fazendo o bem, sois pacientes no sofrimento, isto sim constitui uma ação louvável diante de Deus.
- 21 Com efeito, para isto é que fostes chamados, pois que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais os seus passos.
- 22 Ele não cometeu nenhum pecado; *mentira nenhuma foi achada em sua boca*.
- 23 Quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava, antes, punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça.
- 24 Sobre o madeiro, *levou os nossos pecados* em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivéssemos para a justiça. *Por suas feridas fostes curados*,
- 25 pois estáveis *desgarrados como ovelhas* mas agora retornastes ao Pastor e Supervisor das vossas almas.

### Capítulo 3

- No casamento —**
- 1 Da mesma maneira, vós, mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos, para que, ainda quando alguns não creiam na Palavra, sejam conquistados sem palavras, pelo comportamento de suas mulheres,
- 2 ao observarem o vosso comportamento casto e respeitoso.
- 3 Não consista o vosso adorno em exterioridades, como no trançado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, nem no trajar vestes finas,
- 4 mas nas qualidades pessoais internas, isto é, na incorruptibilidade de um espírito manso e tranqüilo, que é coisa preciosa diante de Deus.
- 5 Com efeito, era assim que as santas mulheres de outrora, que punham a sua esperança em Deus, se adornavam, estando sujeitas aos seus próprios maridos.
- 6 É o que vemos em Sara, que foi obediente a Abraão, chamando-lhe senhor. Dela vos tornareis filhas, se praticardes o bem e não vos deixardes dominar pelo medo.
- 7 Do mesmo modo vós, maridos, sede compreensivos em vossa vida conjugal, tributando às vossas esposas a honra devida a companheiras de constituição mais delicada, co-herdeiras da graça da Vida, para evitar que as vossas orações fiquem sem resposta.
- Entre irmãos —**
- 8 Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraternal, misericordiosos e humildes de espírito.
- 9 Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isto fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção.
- 10 Com efeito, *aquele que ama a vida e deseja ver dias felizes, guarde a sua língua do mal e os seus lábios de proferir mentiras;*
- 11 *afaste-se do mal e pratique o bem, busque a paz e siga-a;*

12 *porque os olhos do Senhor estão sobre os justos e os seus ouvidos estão atentos à sua prece, mas o rosto do Senhor se volta contra os que praticam o mal.*

13 **Na perseguição —**  
E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos do bem?

14 Mas se sofreis por causa da justiça, bem-aventurados sois! *Não tenhais medo nenhum deles, nem fiqueis conturbados;*

15 antes, *santificai* a Cristo, *o Senhor*, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede;

16 fazei-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência, para que, se em alguma coisa sois difamados, sejam confundidos aqueles que ultrajam o vosso bom comportamento em Cristo,

17 pois será melhor que sofrais — se esta é a vontade de Deus — por praticardes o bem do que praticando o mal.

18 **A ressurreição e a descida à mansão dos mortos —**

Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. Morto na carne, foi vivificado no espírito,

19 no qual foi também pregar aos espíritos em prisão,

20 a saber, aos que foram incrédulos outrora, nos dias de Noé, quando Deus, em sua longanimidade, contemporizava com eles, enquanto Noé construía a arca, na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água.

21 Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva, não aquele que consiste em uma remoção da imundície do corpo, mas em um compromisso solene de uma boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo,

22 que, tendo subido ao céu, está à direita de Deus, estando-lhe sujeitos os anjos, as Dominações e as Potestades.

#### Capítulo 4

1 **Rompimento com o pecado —**

Pois que Cristo sofreu na carne, deveis também vós munir-vos desta convicção: aquele que sofreu na carne rompeu com o pecado,

2 a fim de viver o resto dos seus dias na carne, não mais de acordo com as paixões humanas, mas segundo a vontade de Deus.

3 Já é muito que no tempo passado tenhais realizado a vontade dos gentios, levando uma vida de dissoluções, de cobiças, de embriaguez, de glutonarias, de bebedeiras e de idolatrias abomináveis.

4 Agora estranham que não vos entregueis à mesma torrente de perdição, e vos cobrem de injúrias,

5 mas disto hão de dar contas àquele que está prestes a julgar os vivos e os mortos.

6 Eis por que o evangelho foi pregado também aos mortos, a fim de que sejam julgados como os homens na carne, mas vivam no espírito, segundo Deus.

7 **À espera da Parousia —**

O fim de todas as coisas está próximo. Levai, pois, uma vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração.

8 Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque *o amor cobre uma multidão de pecados.*

9 Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurar.

10 Todos vós, conforme o dom que cada um recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus.

11 Se alguém fala, faça-o como se pronunciasse palavras de Deus. Alguém presta um serviço? Faça-o com a capacidade que Deus lhe concedeu, a fim de que em tudo seja Deus glorificado por Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

12 **Felizes aqueles que sofrem com Cristo —**

Amados, não vos alarmeis com o incêndio que lavra entre vós, para a vossa provação, como se algo de estranho vos estivesse acontecendo;

13 antes, na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua glória possais ter uma alegria transbordante.

14 Bem-aventurados sois, se sofreis injúrias por causa do nome de Cristo, porque o Espírito de glória, *o Espírito de Deus repousa sobre vós.*

15 Mas ninguém dentre vós queira sofrer como assassino ou ladrão, ou malfeitor ou como delator,

- 16 mas, se sofre como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus por esse nome.
- 17 Com efeito, é tempo de começar o julgamento pela casa de Deus. Ora, se ele começa por nós, qual será o fim dos que se recusam a obedecer ao evangelho de Deus?
- 18 *Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e pecador?*
- 19 Assim, aqueles que sofrem segundo a vontade de Deus confiam as suas almas ao fiel Criador, dedicando-se à prática do bem.

## Capítulo 5

### **Admoestações: aos presbíteros —**

- 1 Aos presbíteros que estão entre vós, exorto eu, que sou presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há de ser revelada.
- 2 Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por torpe ganância, mas por devoção,
- 3 nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho.
- 4 Assim, quando aparecer o supremo pastor, recebereis a coroa imarcescível da glória.
- Aos fiéis —**
- 5 Do mesmo modo, vós, jovens, sujeitai-vos aos anciãos. Revesti-vos todos de humildade em vossas relações mútuas, *porque Deus resiste aos soberbas, mas dá graça aos humildes.*
- 6 Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que na ocasião própria vos exalte;
- 7 *lançai sobre ele toda a vossa preocupação, porque é ele que cuida de vós.*
- 8 Sede sóbrios e vigilantes! Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando a quem devorar,
- 9 Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que a mesma espécie de sofrimento atinge os vossos irmãos espalhados pelo mundo.
- 10 Depois de terdes sofrido um pouco, o Deus de toda a graça, aquele que vos chamou para a sua glória eterna em Cristo, vos restaurará, vos firmará, vos fortalecerá e vos tornará inabaláveis.
- 11 A ele seja todo o poder pelos séculos dos séculos! Amém.
- Último aviso. Saudações —**
- 12 Por Silvano, que eu considero irmão fiel, vos escrevi em poucas palavras, exortando-vos e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual deveis permanecer firmes.
- 13 A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho.
- 14 Saudai-vos uns aos outros com o ósculo da caridade. A paz esteja com todos vós os que estais em Cristo!

## ANEXO C

Relação dos *ethos* citados por Aristóteles.

<b>ETHOS DO BEM SUPREMO</b>	<b>ETHOS DE VIRTUDE - (geral e particular)</b>
<i>Ethos</i> de felicidade	<i>Ethos</i> de justiça
<i>Ethos</i> de honra	<i>Ethos</i> de coragem
<i>Ethos</i> de amizade	<i>Ethos</i> de temperança
<i>Ethos</i> de saúde	<i>Ethos</i> de magnificência
<i>Ethos</i> de beleza	<i>Ethos</i> de magnanimidade
<i>Ethos</i> de vigor	<i>Ethos</i> de liberalidade
<i>Ethos</i> de elevada estatura	<i>Ethos</i> de mansidão
<i>Ethos</i> de possibilidade	<i>Ethos</i> de prudência
<i>Ethos</i> de boa reputação	<i>Ethos</i> de sabedoria
<i>Ethos</i> de sorte	<b>ETHOS DE DESEJOS NATURAIS</b>
<i>Ethos</i> de virtude	<i>Ethos</i> de sede
<i>Ethos</i> de prudência	<i>Ethos</i> de fome
<i>Ethos</i> de coragem	<b>ETHOS DE CÓLERA</b>
<i>Ethos</i> de justiça	<i>Ethos</i> de vingança
<i>Ethos</i> de temperança	<i>Ethos</i> de enfermidade
<i>Ethos</i> de beneficência	<i>Ethos</i> de pobreza
<i>Ethos</i> de prazer	<i>Ethos</i> de apaixonado
<i>Ethos</i> de talentoso	<b>ETHOS DE DESDÉM</b>
<i>Ethos</i> de inteligência	<i>Ethos</i> de desprezo
<b>ETHOS DO JUDICIÁRIO – (injustiça)</b>	<i>Ethos</i> de vexame
<i>Ethos</i> de cólera	<i>Ethos</i> de ultraje
<i>Ethos</i> de ira	<b>ETHOS DE CALMA</b>
<i>Ethos</i> de cobiça	<i>Ethos</i> de confissão
<i>Ethos</i> de vitória	<i>Ethos</i> de seriedade
<i>Ethos</i> de rancoroso	<i>Ethos</i> de apaziguador
<i>Ethos</i> de vingança	<i>Ethos</i> de voluntário
<i>Ethos</i> de maldade	<i>Ethos</i> de respeito
<i>Ethos</i> de “intemperança	<i>Ethos</i> de compaixão
<i>Ethos</i> de avareza	<i>Ethos</i> de benfeitor
<i>Ethos</i> de afeminado	<i>Ethos</i> de pesar
<i>Ethos</i> de covarde	<b>ETHOS DE AMOR</b>
<i>Ethos</i> de insensato	<i>Ethos</i> de amizade
<i>Ethos</i> de insolente	<i>Ethos</i> de alegria
<i>Ethos</i> de ambição	<i>Ethos</i> de cumplicidade



<b>ETHOS DO JUDICIÁRIO – (justiça)</b>	<i>Ethos</i> de identificação
<i>Ethos</i> de equidade	<i>Ethos</i> de bondade
<i>Ethos</i> de confiança	<i>Ethos</i> de coragem
<b>ETHOS DE ÓDIO</b>	<i>Ethos</i> de liberais
<i>Ethos</i> de cólera	<i>Ethos</i> de justo
<i>Ethos</i> de vexame	<i>Ethos</i> de virtude
<i>Ethos</i> de calúnia	<i>Ethos</i> de boa reputação
<b>ETHOS DE TEMOR</b>	<i>Ethos</i> de bom humor
<i>Ethos</i> de pena	<i>Ethos</i> de apurado
<i>Ethos</i> de perturbação	<i>Ethos</i> de habilidade
<i>Ethos</i> de fraqueza	<i>Ethos</i> de sensibilidade
<i>Ethos</i> de dissimulação	<i>Ethos</i> de honestidade
<i>Ethos</i> de sofrimento	<i>Ethos</i> de agradável
<b>ETHOS DE CONFIANÇA</b>	<i>Ethos</i> de consideração
<i>Ethos</i> de esperança	<i>Ethos</i> de afeição
<i>Ethos</i> de tranquilidade	<i>Ethos</i> de confissão
<i>Ethos</i> de socorro	<i>Ethos</i> de confiança
<i>Ethos</i> de superioridade	<i>Ethos</i> de familiaridade
<i>Ethos</i> de riqueza	<i>Ethos</i> de parentesco
<i>Ethos</i> de força física	<i>Ethos</i> de benevolência
<i>Ethos</i> de amizade	<b>ETHOS DE INDIGNAÇÃO</b>
<b>ETHOS DE VERGONHA</b>	<i>Ethos</i> de inveja
<i>Ethos</i> de aflição	<i>Ethos</i> de pena
<i>Ethos</i> de perturbação	<i>Ethos</i> de perturbação
<i>Ethos</i> de covardia	<i>Ethos</i> de nobreza
<i>Ethos</i> de sofrimento	<i>Ethos</i> de beleza
<i>Ethos</i> de desonra	<i>Ethos</i> de poder
<i>Ethos</i> de reprovação	<i>Ethos</i> de ambição
<b>ETHOS DE COMPAIXÃO</b>	<i>Ethos</i> de desgraça
<i>Ethos</i> de carência	<i>Ethos</i> de infortúnio
<i>Ethos</i> de enfermidade	<b>ETHOS DE INVEJA</b>
<i>Ethos</i> de caráter	<i>Ethos</i> de ambição
<i>Ethos</i> de dignidade	<i>Ethos</i> de rivalidade
<i>Ethos</i> de coragem	<i>Ethos</i> de superioridade
<i>Ethos</i> de audácia	<i>Ethos</i> de tempo
<i>Ethos</i> de cólera	<i>Ethos</i> de lugar
<b>ETHOS DE EMULAÇÃO</b>	<i>Ethos</i> de idade
<i>Ethos</i> de caráter	<i>Ethos</i> de reputação
<i>Ethos</i> de bondade	<i>Ethos</i> de desprezo
<i>Ethos</i> de amizade	<b>ETHOS DE CARÁTER – (idosos)</b>

<i>Ethos</i> de honraria	<i>Ethos</i> de cautela
<i>Ethos</i> de virtude	<i>Ethos</i> de fraqueza
<i>Ethos</i> de benfeitor	<i>Ethos</i> de mau humor
<i>Ethos</i> de riqueza	<i>Ethos</i> de suspeita
<i>Ethos</i> de beleza	<i>Ethos</i> de desconfiança
<i>Ethos</i> de saúde	<i>Ethos</i> de conformidade
<i>Ethos</i> de coragem	<i>Ethos</i> de timidez
<i>Ethos</i> de sabedoria	<i>Ethos</i> de temor
<b>ETHOS DE CARÁTER – (jovens)</b>	<i>Ethos</i> de egoísmo
<i>Ethos</i> de virtude	<i>Ethos</i> de cinismo
<i>Ethos</i> de amorosidade	<i>Ethos</i> de honestidade
<i>Ethos</i> de inconstância	<i>Ethos</i> de recordações
<i>Ethos</i> de desejo	<i>Ethos</i> e irritação
<i>Ethos</i> de fogsidade	<i>Ethos</i> de compaixão
<i>Ethos</i> de ambição	<i>Ethos</i> de utilidade
<i>Ethos</i> de honra	<i>Ethos</i> de índole
<i>Ethos</i> de vitória	<i>Ethos</i> de lamuria
<i>Ethos</i> de credulidade	<b>ETHOS DE CARÁTER – (adulto)</b>
<i>Ethos</i> de esperança	<i>Ethos</i> de confiança
<i>Ethos</i> de coragem	<i>Ethos</i> de temeridade
<i>Ethos</i> de aventura	<i>Ethos</i> de verdade
<i>Ethos</i> de vergonha	<i>Ethos</i> de belo
<i>Ethos</i> de magnanimidade	<i>Ethos</i> de utilidade
<i>Ethos</i> de amizade	<i>Ethos</i> de coragem
<i>Ethos</i> de sociabilidade	<i>Ethos</i> de temperança
<i>Ethos</i> de excesso	<i>Ethos</i> de justiça
<i>Ethos</i> de valentia	<b>ETHOS DE CARÁTER – (poder)</b>
<i>Ethos</i> de compaixão	<i>Ethos</i> de ambição
<i>Ethos</i> de inocência	<i>Ethos</i> de coragem
<i>Ethos</i> de alegria	<i>Ethos</i> de vigilância
<b>ETHOS DE CARÁTER – (dos ricos)</b>	<i>Ethos</i> de cautela
<i>Ethos</i> de insolentes	<i>Ethos</i> de dignidade
<i>Ethos</i> de orgulhosos	<b>ETHOS DE CARÁTER – (sorte)</b>
<i>Ethos</i> de senhores	<i>Ethos</i> de riqueza
<i>Ethos</i> de poder	<i>Ethos</i> de poder
<i>Ethos</i> de grandeza	<i>Ethos</i> de orgulho
<i>Ethos</i> de comando	<i>Ethos</i> de irracionalidade
<i>Ethos</i> de justificação	<i>Ethos</i> de piedade para com Deus
<i>Ethos</i> de insensato	
<i>Ethos</i> de mal educado	

<i>Ethos</i> de intemperança	
------------------------------	--

**Fonte:** ARISTÓTELES, 1964, p. 37-144.

## ANEXO D

Relação dos *ethos* citados por Michel Meyer.

<i>Ethos</i> de virtude	<i>Ethos</i> de coragem
<i>Ethos</i> de boa conduta	<i>Ethos</i> de justiça
<i>Ethos</i> de confiança	<i>Ethos</i> de felicidade
<i>Ethos</i> de prudência	<i>Ethos</i> de prazer
<i>Ethos</i> de saber específico	<i>Ethos</i> de capacidade
<i>Ethos</i> de especialista	<i>Ethos</i> de autoridade
<i>Ethos</i> de moralidade	<i>Ethos</i> de humanismo
<i>Ethos</i> de identificação	<i>Ethos</i> de identidade
<i>Ethos</i> de manipulador	<i>Ethos</i> de mascarado
<i>Ethos</i> de revelador	<i>Ethos</i> de dissimulador
<i>Ethos</i> de transparente	<i>Ethos</i> de fingimento
<i>Ethos</i> de sociabilidade	<i>Ethos</i> de costumes
<i>Ethos</i> de temor	<i>Ethos</i> de vencedor
<i>Ethos</i> de cômico	<i>Ethos</i> de compartilhamento
<i>Ethos</i> de honestidade	<i>Ethos</i> de dúvida
<i>Ethos</i> de desonestidade	<i>Ethos</i> de hostilidade
<i>Ethos</i> de bondade	<i>Ethos</i> de maldade
<i>Ethos</i> de animosidade	<i>Ethos</i> de efetividade
<i>Ethos</i> de sedução	<i>Ethos</i> de persuasivo
<i>Ethos</i> de sinceridade	<i>Ethos</i> de crédito
<i>Ethos</i> de gerenciamento	<i>Ethos</i> de consciência

**Fonte:** MEYER, 2007, p. 34-45.

## ANEXO E

Relação dos *ethos* citados por Patrick Charaudeau.

<b><i>Ethos</i> de Credibilidade</b>	<b><i>Ethos</i> de Identificação</b>
<i>Ethos</i> de sério	<i>Ethos</i> de potência
<i>Ethos</i> de “virtude	<i>Ethos</i> de caráter
<i>Ethos</i> de competência	<i>Ethos</i> de inteligência
<i>Ethos</i> de sinceridade	<i>Ethos</i> de humanidade
<i>Ethos</i> de transparência	<i>Ethos</i> de chefe
<i>Ethos</i> de eficácia	<i>Ethos</i> de solidariedade
<i>Ethos</i> de poder fazer	<i>Ethos</i> de altruísmo
<i>Ethos</i> de autenticidade	<i>Ethos</i> de tradicional
<i>Ethos</i> de honestidade	<i>Ethos</i> de moderno
<i>Ethos</i> de verdade	<i>Ethos</i> de sagaz
<i>Ethos</i> de performance	<i>Ethos</i> de poderoso
<i>Ethos</i> de promessa	<i>Ethos</i> de modesto
<i>Ethos</i> de autocontrole diante das críticas	<i>Ethos</i> de duplicidade
<i>Ethos</i> de sangue-frio	<i>Ethos</i> de preocupação social
<i>Ethos</i> de capacidade	<i>Ethos</i> de bondade
<i>Ethos</i> de grande energia	<i>Ethos</i> de sensibilidade
<i>Ethos</i> de onipresença	<i>Ethos</i> de virilidade sexual
<i>Ethos</i> de fidelidade conjugal	<i>Ethos</i> de determinação inabalável
<i>Ethos</i> de firmeza	<i>Ethos</i> de ação efetiva
<i>Ethos</i> de comedido	<i>Ethos</i> de ativista
<i>Ethos</i> de elocução serena	<i>Ethos</i> de saúde
<i>Ethos</i> de tranquilo	<i>Ethos</i> de vituperação
<i>Ethos</i> de feliz	<i>Ethos</i> de dominador
<i>Ethos</i> de honra	<i>Ethos</i> de provocador
<i>Ethos</i> de solidez	<i>Ethos</i> de polêmico
<i>Ethos</i> de austeridade	<i>Ethos</i> de advertência

<i>Ethos</i> de preocupação social	<i>Ethos</i> de tranquilidade
<i>Ethos</i> de lealdade	<i>Ethos</i> de pensador
<i>Ethos</i> de combatente	<i>Ethos</i> de coragem
<i>Ethos</i> de modelo	<i>Ethos</i> de vontade
<i>Ethos</i> de retidão	<i>Ethos</i> de vigor
<i>Ethos</i> de nobreza	<i>Ethos</i> de orgulho
<i>Ethos</i> de respeito	<i>Ethos</i> de generoso
<i>Ethos</i> de objetividade	<i>Ethos</i> de defensor
<i>Ethos</i> de clareza	<i>Ethos</i> de moderação
<i>Ethos</i> de sabedoria	<i>Ethos</i> de influência
<i>Ethos</i> de habilidade	<i>Ethos</i> de ensino
<i>Ethos</i> de conhecimento da área	<i>Ethos</i> de escritor
<i>Ethos</i> de experiência	<i>Ethos</i> de universitário
<i>Ethos</i> de negação	<i>Ethos</i> de intelectual
<i>Ethos</i> de razão	<i>Ethos</i> de astúcia
<i>Ethos</i> de superior	<i>Ethos</i> de malícia
<i>Ethos</i> de não intencionalidade	<i>Ethos</i> de sutileza
<i>Ethos</i> de persuasão	<i>Ethos</i> de compaixão
<i>Ethos</i> de inocência	<i>Ethos</i> de confissão
<i>Ethos</i> de responsabilidade	<i>Ethos</i> de fraqueza
<i>Ethos</i> de ignorância diante dos fatos	<i>Ethos</i> de controle sentimental
<i>Ethos</i> de compaixão	<i>Ethos</i> de responsabilidade
<i>Ethos</i> de identidade social	<i>Ethos</i> de intimidade
<i>Ethos</i> de identidade discursiva	<i>Ethos</i> de humor
	<i>Ethos</i> de paciência
	<i>Ethos</i> de elegância
	<i>Ethos</i> de reciprocidade
	<i>Ethos</i> de guia
	<i>Ethos</i> de soberano
	<i>Ethos</i> de comandante
	<i>Ethos</i> de igualdade

**Fonte:** CHARAUDEAU, 2011, p. 119-163.

## ANEXO F

Relação dos *ethos* citados por Reboul.

<i>Ethos</i> de sensatez	<i>Ethos</i> de sinceridade
<i>Ethos</i> de simpatia	

**Fonte:** REBOUL, 2004.



## ANEXO G

Relação dos *ethos* encontrados em Amossy.

<i>Ethos</i> de honestidade	<i>Ethos</i> de avareza
<i>Ethos</i> de benevolência	<i>Ethos</i> de generosidade
<i>Ethos</i> de equidade	<i>Ethos</i> de temeridade
<i>Ethos</i> de sabedoria	<i>Ethos</i> de confiança
<i>Ethos</i> de inteligência	<i>Ethos</i> de solidariedade
<i>Ethos</i> de pobreza de espírito	<i>Ethos</i> de obsequiedade
<i>Ethos</i> de coragem	<i>Ethos</i> de amabilidade

**Fonte:** AMOSSY, 2005.

## ANEXO H

Relação dos *ethos* encontrados em Tringali.

<i>Ethos</i> de caráter	<i>Ethos</i> de autoritarismo
<i>Ethos</i> de austeridade	<i>Ethos</i> de honestidade
<i>Ethos</i> de tranquilidade	<i>Ethos</i> de alegria
<i>Ethos</i> de humildade	<i>Ethos</i> de honra
<i>Ethos</i> de costume	<i>Ethos</i> de oratória
<i>Ethos</i> de severidade	<i>Ethos</i> de talento
<i>Ethos</i> de persuasão	<i>Ethos</i> de piedade
<i>Ethos</i> de amor	<i>Ethos</i> de afeto
<i>Ethos</i> de eloquência	<i>Ethos</i> de riso
<i>Ethos</i> de cômico	

**Fonte:** TRINGALI, 1988.